

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Karine Pagliosa Scherer

A Renovação Carismática Católica na condição Pós-Moderna
e na Hipernmodernidade. As características dos seus sujeitos
ante as novas tendências dos tempos atuais

Tese apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
sob a orientação do Prof. Dr. José J. Queiroz

São Paulo

2013

Banca Examinadora

DEDICATÓRIA

Ao meu marido Marcos.

Aos meus filhos Matheus, Thomas e Pedro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais que sempre me incentivaram a cursar o Doutorado em Ciências da Religião.

Agradeço também a minha família, ao meu marido Marcos que sempre me acompanhou dando palavras de incentivo. Aos meus filhos Matheus, Thomas e Pedro que souberam compreender minha ausência enquanto estava em aulas ou estudando.

Agradeço aos meus sobrinhos Carolina e Luis Fernando pelas sábias palavras de incentivo.

Agradeço a Capes pela bolsa de seis meses que me concederam durante o Doutorado

Por fim quero agradecer a sabedoria do meu Orientador Professor José Queiroz por ter me oferecido todo o apoio durante o curso.

SCHERER, Karine Pagliosa . **A Renovação Carismática Católica na condição Pós-Moderna e na Hipernmodernidade. As características dos seus sujeitos ante as novas tendências dos tempos atuais.**

RESUMO

A tese focaliza o sujeito da Renovação Carismática Católica (R.C.C.) nos tempos atuais, particularmente no contexto brasileiro. Trabalhando teoricamente, busca definir o sujeito, focaliza a distinção entre indivíduo, sujeito e ator e as suas características na pós e na hipernmodernidade. Em seguida, trabalha o Movimento no qual este sujeito nasce, se forma e age, descrevendo a R.C.C., suas origens, expansão e peculiaridades no âmbito da Igreja Católica. Feito isto, vai em busca das características dos sujeitos da R.C.C. Vivendo na condição pós-moderna ou na hipernmodernidade, que preza a cultura do consumo e os gozos terrenos, e ao mesmo tempo causa angústia, fragmentação, desorientação, o sujeito carismático católico conquista uma felicidade individual que lhe proporciona unidade, segurança emocional, reconforto, ancoragem e calor comunicativo. Busca e adquire uma religiosidade intimista, voltada para a vida familiar, para o fervor na oração individual e comunitária e no louvor ritual. As questões sociais e de ordem coletiva num mundo de gritantes injustiças dão lugar a preocupações de ordem individual. Reforça os discursos moralizantes e conservadores na esfera dos costumes.

Por seu intenso trabalho de leigo missionário, inúmeros setores da Igreja Católica no Brasil e no mundo mostram gratidão e irrestrito apoio aos seus fieis carismáticos por constituírem uma valiosa alavanca para recompor o rebanho dessa Igreja que, nos últimos tempos, vive uma profunda crise demográfica.

Palavras - chave: Renovação Carismática Católica. Sujeito. Pós-modernidade. Hipernmodernidade.

ABSTRACT

SCHERER, Karine Pagliosa

The Catholic Charismatic Renewal in the postmodern condition and hypermodernity. The characteristics of its subjects faced with new trends in current times. 2013

The thesis focuses on the subject of Catholic Charismatic Renewal (CCR) in current times, particularly in the Brazilian context. Working theoretically, it seeks to define the subject, focuses on the distinction between the individual, the, subject and the actor and their characteristics in post and hypermodernity.

It then points out the Movement in which this subject is born, shaped and acts, describing the CCR, its origins, expansion and peculiarities within the Catholic Church. This accomplished, it goes in search of the characteristics of the subjects of the CCR.

Living in the postmodern condition or hypermodernity which values the culture of consumption and pleasure, while at the same time causes distress, fragmentation, disorientation, the Catholic Charismatic Renewal subject acquires individual happiness that gives him unity, emotional security, comfort, anchoring and communicative warmth.

It searches and acquires an intimate religiousness, focused on family life, on fervor in individual and community prayer and ritual worship. Social and collective questions in a world of great injustice give way to concerns of individual order. It reinforces the moralizing and conservative values in the field of behavior.

Through its intense work of lay missionary, countless sectors of the Catholic Church in Brazil and the world show gratitude and unconditional support to their charismatic believers because they are valuable actors to renew the Church's herd which, in recent times, has been suffering of a deep demographic crisis.

Key-words: Catholic Charismatic Renewal – Subject – Post-Modernity - Hypermodernity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Capítulo I: O sujeito na pós-modernidade e na hipermodernidade	
Reflexos no sujeito religioso	16
1.1. O que é sujeito? O indivíduo, o sujeito, o ator.....	16
1.2. O pós-moderno e seus críticos.....	21
1.3. A hipermodernidade. A “cultura – mundo” e a recomposição do religioso contemporâneo. Um sujeito pós-secular e reencantado?.....	25
1.4. A sociedade líquida e o caráter transitório do social e do sujeito religioso.....	33
1.5. O hiperconsumo e o consumo de bens religiosos. Uma religião e um sujeito religioso “líquidos”?	37
Capítulo II: Origem e trajetória da Renovação Carismática Católica	42
2.1. As origens e a trajetória da Renovação Carismática Católica	42
2.2. A situação da Renovação Carismática no Brasil	46
2.3. As finalidades da renovação Carismática Católica	54
Capítulo III: O sujeito religioso da Renovação carismática e suas	
Características.....	58
3.1. Um pentecostal católico?	59
3.2. Um sujeito pessoalmente reorientado	60
3.3. Um sujeito pré-ético?	62
3.4. A Renovação Carismática e os seus sujeitos: uma “atualização” das formas tradicionais da doutrina?	65
3.5. O Caráter individual da união com Deus em busca da felicidade no sujeito carismático	69
3.6. Um sujeito midiático. Padre Marcelo Rossi e os padres cantores como protótipos	73

3.7. Um sujeito de carismas	77
3.8. Um sujeito orante	80
CONCLUSÃO	89
BIBLIOGRAFIA	97
APÊNDICE - TESTEMUNHO DE JAIRÓ	104

INTRODUÇÃO

Durante o curso de Mestrado em Educação, tive como opção cursar duas disciplinas no curso de Filosofia. Essas disciplinas foram Epistemologia e Introdução à Filosofia. Durante esse período, nasceu o interesse de estudar o Sujeito na Modernidade e na Pós-Modernidade. Para aprofundar esse tema, por sugestão do orientador, optei por estudar o sujeito na Modernidade sob a ótica de Jürgen Habermas e na Pós-Modernidade sob a ótica de Jean François Lyotard. Embora o Mestrado fosse em Educação, aliei esse conteúdo ao tema da Ciência Moderna e Pós Moderna e escrevi o ultimo capítulo da dissertação sobre a Ciência na década de 90, bem como alguns desafios mundiais para a educação na mesma década.

Ao inscrever-me para a prova de seleção para o Doutorado do Programa de Ciências da Religião da PUC-SP, percebi a possibilidade de continuar meus estudos sobre o sujeito, embora em outra área do conhecimento.

Admitida no Programa, entrei em contato com o Grupo Pós-Religare e seus estudos sobre Pós-Modernidade e Religião, estabeleci diálogos com membros do grupo, que muito me ajudaram a redigir esse projeto, em especial com os estudos sobre sujeito, linguagem e religião numa perspectiva Pós-Moderna.

Além dessa motivação teórica, nasceu em mim um interesse particular em pesquisar a Renovação Carismática Católica (R.C.C.), importante segmento religioso da Igreja Católica no Brasil, que hoje está em grande exposição e tem sido objeto de estudos, investigações e discussões. Somei, pois, ao interesse teórico, o estudo do sujeito religioso na atualidade, o olhar para este segmento religioso e daí nasceu o tema desta pesquisa: uma leitura dos sujeitos religiosos deste segmento; como eles se caracterizam e como agem e reagem na e ante as peculiaridades destes tempos caracterizados geralmente como Pós-Modernidade, ou, mais recentemente como sociedade líquida (Bauman) ou hipermodernidade (Lipovetsky). Será feita uma busca geral nas obras que apontam as principais características religiosas do “Espírito que sopra na vivência da RCC”. Os percalços que sofri ao longo da pesquisa não permitiram uma investigação

empírica. Para compensar essa lacuna daremos ênfase aos aspectos do sujeito da R.C.C. que aparecem em seus livros litúrgicos, na figura protótipo de seu maior difusor, o Padre Marcelo Rossi e traremos um depoimento de um líder da R.C.C. colhido em meados de 2013.

Ao apontar o estado da arte - aqui entendida como conhecimento prévio do qual se deslanchou o nosso trabalho - num primeiro momento, buscamos obras que dizem respeito ao objeto amplo desta tese, que é a Renovação Carismática Católica (R.C.C.). Um detalhado estudo foi elaborado por Brenda Carranza em sua dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Campinas em 1998, sob o título: *Renovação Carismática Católica: mudanças e tendências*, trabalho fundamental para elaborar a trajetória desse movimento. Esta dissertação foi publicada em 2000 pela Editora Santuário. A mesma autora, em obra mais recente (2009) publicada em conjunto com Cecilia Mariz e Marcelo Camurça, trabalha “Novas comunidades católicas, em busca do espaço pós-moderno”, e insere a R.C.C. num contexto histórico mais amplo que remonta ao abrangente movimento de pentecostalização no mundo e no Brasil.

Em 1997, Reginaldo Prandi, com vários colaboradores, publica *Um Sopro do Espírito*, abordando a R.C.C. no contexto católico, seu carismatismo e suas relações com as Comunidades Eclesiais de Base.

Alberto Antoniazzi, e vários colaboradores, escrevem em 1994, *Nem anjos nem demônios*; interpretações sociológicas do capitalismo, e nesta obra, elaboram um trabalho em que estudam a R.C.C. no âmbito da expansão do pentecostalismo e as reações da Igreja católica.

Cecilia Loreto Mariz faz uma ampla revisão da bibliografia sobre a R.C.C. no Brasil, escrevendo um capítulo sobre esse tema na obra organizada por Donizete Rodrigues: *Em nome de Deus: a religião na sociedade contemporânea* (2004). A mesma autora pergunta se a R.C.C. é “uma igreja dentro da Igreja”, em artigo publicado na revista *Civitas* (2003).

Importantes, também, como ponto de partida do nosso tema, o trabalho de Luiz Roberto Benedetti: “Novos rumos do catolicismo”, em que estuda as ambiguidades da pertença da R.CC à Igreja católica.

Para apontar o crescimento da R.C.C. foi de grande importância o trabalho de Marcelo Côrtes Neri, Luísa Carvalhares Coutinho de Nelo, Novo Mapa das Religiões, artigo publicado na revista Horizonte (2011).

Sobre o papel ambivalente da RCC foi notável o artigo de Faustino Teixeira, “FACES DO CATOLICISMO BRASILEIRO”, publicado na revista USP em 2005.

Notável também para a caracterização do sujeito religioso da R.C.C. o artigo de Marcos Eliezer da Silva Souza, “Contradição básica da R.C.C.: continuidade ou ruptura”, publicado em 2001 na revista da UFPA e o trabalho de Reginaldo Prandi, “Perto da Magia e longe da política” publicado em obra conjunta com Antonio Flavio Pierucci, sob o título: *A realidade social das religiões no Brasil* (1996).

Rico em informações e reflexões críticas o artigo de João Edênio Valle “A R.C.C.: algumas observações” na Revista Estudos Avançados de 2004.

Num segundo plano, a caracterização teórica do sujeito na condição pós-moderna, pressuposto fundamental para analisar o sujeito da R.C.C. na atualidade, teve como ponto de partida varias concepções captadas em autores que trabalham essa temática. Alain Touraine, em *Crítica da Modernidade* foi o primeiro autor a indicar os caminhos que vão trilhando os indivíduos para se tornar sujeitos, oferecendo também um diagnóstico preciso do papel do sujeito na modernidade.

Para captarmos a visão pós-moderna do sujeito, partimos das complexas visões de pós-modernidade, desde a obra pioneira de Jean-François Lyotard, *A condição pós-moderna* (1979) que trabalha a crise das grandes narrativas do iluminismo e aponta a impossibilidade de um discurso universal. Buscamos também em Perry Anderson, *As origines da pós-modernidade* (1999). Frederic Jameson nos apresentou a sociedade pós-modernidade como perpetuação do presente e o pós-modernismo como a “lógica cultural do capitalismo tardio” em obra escrita em 1991. Em Habermas, captamos uma postura crítica com relação à

pós-modernidade, eis que, para este filósofo, a modernidade, ainda persiste como um projeto inacabado, pois as potencialidades do Iluminismo ainda não foram esgotadas, tese que vem defendendo desde 1985 quando escreveu *O discurso filosófico da modernidade*.

Para frisar “o rosto” do sujeito pós-moderno, as concepções de uma hipermodernidade como hiper-cultura universal inseparável da indústria mercantil, buscamos as reflexões de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy em *A Cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada* (2011).

Aproximando-nos do sujeito da R.C.C., a questão se poderia ele ser apontado como um sujeito pós-secular ou re-encantado nos levou a adentrar pela arena do debate entre a secularização ou o desencantamento do mundo e o seu “reencanto” com o chamado “retorno” das religiões. Nesse debate, foram de grande valia os trabalhos de Flavio Pierucci em suas análises do conceito weberiano de secularização, como também os questionamentos de Lisias Negrão no artigo “Nem ‘jardim encantado’ nem ‘clubes dos intelectuais desencantados’” publicado na Revista Brasileira de Ciências Sociais (2005).

Para analisar o caráter transitório do sujeito religioso foi fundamental a concepção de sociedade líquida em “Modernidade líquida” de Zygmunt Bauman (2000) e as aplicações deste conceito ao estudo das religiões na vertente do neopentecostalismo – incluindo também a análise dos sujeitos da RCC, como o faz Nilson Silva Junior em “Igreja Líquida: uma leitura da Igreja Moderna através do Neopentecostalismo” na Revista Ciberteologia (2011).

Todas as referências citadas neste Estado da Arte encontram-se na bibliografia final.

Vários fatores indicam a relevância de trabalhar o tema desta pesquisa. Primeiro, a busca do aprofundamento de uma questão ainda em grande destaque na área acadêmica: a Pós- Modernidade e seus desdobramentos, em especial no que tange ao sujeito religioso na atualidade. Embora a discussão sobre o pós-modernismo tenha alcançado seu ápice nas duas décadas que seguiram à publicação do livro de Lyotard, *A Condição Pós-Moderna* (1979), os debates e estudos posteriores com as caracterizações da “Sociedade Líquida” de Bauman e

da visão da hipermodernidade e seus desdobramentos culturais (Lypovetsky) e suas repercussões para o sujeito na atualidade, estão na crista dos embates acadêmicos. Neste clima, a investigação em torno do sujeito religioso é algo que faz enriquecer a ciência da religião.

E a relevância cresce quando a proposta é de pesquisar este sujeito religioso num dos movimentos que mais se expande no âmbito da Igreja católica e vem penetrando cada vez mais na mídia, adquirindo repercussão nacional e mundial, com a figura do Padre Marcelo, como pretendemos mostrar nos capítulos da tese.

Quanto aos problemas ou perguntas da pesquisa, a primeira indagação é teórica: quais as características do sujeito na condição pós-moderna e na hipermodernidade? E quais os seus reflexos no sujeito religioso? Eis a questão, que será objeto do primeiro capítulo e propiciará estabelecer o embasamento teórico da pesquisa.

A segunda questão diz respeito à R.C.C.: Quais as suas origens, sua trajetória e a situação no Brasil? Quais as suas finalidades e as peculiaridades que caracterizam a sua vivência religiosa?

A terceira questão vai ao cerne da pesquisa: Como se caracteriza o sujeito religioso da R.C.C.? Como se posiciona e como age na e ante as novas tendências dos tempos atuais?

Estas duas questões serão objeto do segundo e do terceiro capítulo..

Nossa hipótese ou suposição preliminar a ser averiguada nos capítulos vai assim formulada. Os sujeitos da R.C.C. vivenciam profundamente a infusão do Espírito Santo. Eles abraçam uma teologia cujo ponto culminante é a noção de “Senhorio de Jesus Cristo por meio do Espírito”. Esse “Senhorio” possibilita-lhes libertar-se do pecado e levar uma vida de santidade, praticando as virtudes e os preceitos tradicionais da Igreja Católica. Vivendo na condição pós-moderna e na hipermodernidade que privilegiam a cultura do consumo e os prazeres terrenos, e ao mesmo tempo causam angústia, fragmentação, desorientação, os sujeitos carismáticos católicos buscam uma felicidade individual que lhes proporciona unidade segurança emocional, reconforto, ancoragem e calor comunitário.

Buscam uma religiosidade intimista voltada para a vida familiar e para o fervor na oração individual e no louvor ritual. As questões sociais e de ordem coletiva dão lugar às preocupações de ordem individual. Ao mesmo tempo, são reforçados os discursos moralizantes e conservadores na esfera dos costumes. Sujeitos que, no âmbito interno, integram um Movimento que busca adaptar os elementos tradicionais do catolicismo à leitura da realidade atual. No âmbito externo, participam e vivem uma ação missionária visando recuperar “almas” afastadas da Igreja. Daí lançarem mão de um recurso largamente empregado pelo pentecostalismo protestante, recorrendo a várias formas de “missão midiática”.

Os referenciais teóricos para embasar o desenvolvimento do objeto e as respostas às perguntas, assim como para fundamentar as hipóteses, serão expostos ao longo dos capítulos. Resumidamente, adentraremos na questão do sujeito e na distinção entre sujeito e ator. Em seguida, sem pretender aprofundar a discussão, entraremos na arena da pós e da hipermodernidade, caracterizadas pelas crises das grandes narrativas, pela relativização da razão, pelo culto ao consumo e aos objetos e pelo segmento de uma hiper-cultura universal aliada à globalização do mercado. Necessário também abordar os conceitos de “desencanto” e “secularização” e de seu oposto a “pós-secularização” e o sujeito “reencantado”. A noção de sociedade líquida e a possível “liquidez” ou transitoriedade da religião e do sujeito religioso. A caracterização do contexto social e eclesial que possibilitou o surgimento e a extraordinária expansão da R.C.C. e do seu movimento de “reconversão” e de “refiliação” religiosa no âmbito do neoconservadorismo da Igreja Católica. Sendo objeto específico da tese o sujeito religioso da R.C.C., as suas caracterizações que aparecerão no terceiro capítulo, terão como base conceitos que serão discutidos no devido lugar.

Quanto aos procedimentos metodológicos para captar os dados teóricos que embasam a proposta desta tese, recorreremos ao método de “revisão bibliográfica”. Seleccionamos as obras que julgamos mais adequadas para a exposição teórica relativa à R.C.C. e aos seus sujeitos. Delineamos os textos mais pertinentes, posicionando-os quando necessário, diante de que afirmam, e trazendo-os organizadamente para compor e realizar os objetivos dos capítulos.

Nossa intenção era partir para uma pesquisa de campo numa comunidade da R.C.C. Chegamos até a elaborar um questionário com o objetivo de verificar nossas hipóteses sobre os sujeitos da R.C.C. na vivência cotidiana. Infelizmente os percalços ocorridos ao longo do percurso impossibilitaram essa almejada sustentação. Assim, nosso trabalho está apoiado nas relevantes pesquisas já realizadas sobre a R.C.C.

Entretanto, para não ficar totalmente ausente o lado empírico, realizamos uma entrevista, mediante um questionário, com um líder que coordena vários “ministérios” da R.C.C., cujas respostas, que consideramos um retrato fiel da vivência dos sujeitos do Movimento foram transcritas e anexadas em apêndice logo após as referências bibliográficas sob o título “Testemunho de Jairo”. Trata-se de um pseudônimo para não identificar o depoente. Por sugestão da Professora Maria Luiza Guedes integrante da Banca de Qualificação, demos destaque à figura midiática e carismática do Padre Marcelo Rossi, fazendo uma rápida passagem por duas obras suas, *Ágape* e *Kairós*, que representam em profundidade a vivência espiritual dos sujeitos da R.C.C..

O corpo da tese está organizado em três capítulos. No primeiro, **“O sujeito na pós-modernidade e na hipermodernidade. Reflexos no sujeito religioso”** abordaremos premissas teóricas fundamentais para analisar o sujeito da R.C.C. No segundo capítulo, **“Origem e trajetória da Renovação Carismática Católica. Situação no Brasil e finalidades”** apresentaremos uma visão ampla desse Movimento como premissa sócio - histórica imprescindível para compreender as características dos seus sujeitos. Enfim, no terceiro capítulo, **“O sujeito religioso da Renovação Carismática católica e suas características”**, entraremos no amago do objeto da tese.

Capítulo I - O sujeito na pós-modernidade e na hipermodernidade. Reflexos no sujeito religioso.

O presente trabalho focaliza os sujeitos da R.C.C. na sociedade brasileira no contexto que alguns autores denominam de “Pós-modernidade” ou de “Hipermodernidade”

Neste primeiro capítulo, iniciaremos buscando uma caracterização do sujeito, do indivíduo e do ator; em seguida voltaremos a atenção para a condição pós-moderna e para a chamada hipermodernidade a fim de situar, nesse espaço, o sujeito religioso, discutindo a sua configuração nesses novos tempos em que emergem questões como “secularização”, “pós-secularização”, “retorno do sagrado”, “re-encantamento do mundo”, “sociedade líquida”, no âmbito de uma cultura mundial cada vez mais atrelada ao “hipercapitalismo” e ao “hiperconsumismo”

1.1- O que é sujeito? O indivíduo, o sujeito, o ator.

Mais acentuadamente a partir do final da década de 1980, vive-se, no âmbito das ciências sociais, o que muitos definiram como “crise de paradigmas”. A derrocada do chamado “socialismo real” levou a que se propusesse uma ruptura com os parâmetros políticos da dicotomia esquerdo-direita¹. Houve ainda quem chegasse a proclamar o “fim da História”². Teoria sobejamente refutada, particularmente pelos acontecimentos de 11 de setembro de 2001 e os seus consequentes desdobramentos. Foi também em meio a esse contexto que se passou a admitir de forma mais veemente nos meios intelectuais a emergência do que seria, para uns³, entendido como “pós-modernidade” e, para outros⁴, como “hipermodernidade”.

¹ GIDDENS, Anthony. *Para além da Esquerda e da Direita*. São Paulo. UNESP, 1996.

² FUKUYAMA, Francis. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro. Rocco, 1992.

³ MAFFESOLI, M. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro. Record, 2001.

⁴ LIPOVÉTSKY, G. *A sociedade da decepção*. São Paulo. Manole, 2006.

Dessa forma, a definição inicial de parâmetros teóricos mínimos para a análise do sujeito na contemporaneidade é condição fundamental para atingirmos os objetivos propostos no presente trabalho. Historicamente, a concepção de sujeito esteve, durante muito tempo, vinculada à noção de que o “todo” tinha precedência sobre a “parte”. O que levava à conclusão automática de que o sujeito não só seria menos importante, mas só encontraria a sua razão de ser no “todo” em que estivesse inserido. Tal noção marcou tanto a Antiguidade como a Idade Média. Tanto nas antigas religiões orientais como na filosofia grega, tal relação fica evidente. A concepção de cidadania grega só encontrava o seu sentido na relação de precedência do “todo” sobre a “parte”. Ou seja, o cidadão só encontrava o seu sentido quando inserido e subordinado a *polis*. A reação de Sócrates à sua condenação exemplifica bem essa relação entre o cidadão e a *polis* no mundo grego. Na sociedade medieval, por sua vez, o papel do sujeito como “parte” subordinada ao “todo” fundamentava-se nas tradições, mandamentos e valores morais que se externavam numa sociedade funcional e rigidamente hierarquizada.

Foi com o advento da Idade Moderna que se tornou possível encetar uma reflexão com o objetivo de inverter o papel até então reservado ao sujeito. Surgiram então três correntes: o Racionalismo, o Empirismo e o Criticismo. Conforme afirmaram Rodrigo de Macedo Lopes e Camila Ferreira da Silva,

As bases dessas correntes acabam fortalecendo o rompimento com as tradições medievais. A razão interna (a do Sujeito) emerge em detrimento da externa (das normas e leis que imperavam até a Idade Média). O que provoca a afirmação – mesmo que lentamente – do Sujeito, fato que é impulsionado pelo Iluminismo e pela Revolução Francesa⁵.

Contudo,

No século XIX, levanta-se uma voz ao se perceber que a aplicação das ideias liberais excluía da condição de sujeito a maioria da população. Karl Marx percebe que a condição de sujeito estava intrinsecamente vinculada ao conceito de

⁵ LOPES, Rodrigo de Macedo / SILVA, Camila Ferreira. Sujeito, educação e reencantamento do mundo: desdobramentos do pensamento filosófico-sociológico de Alain Touraine. In: Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação de Alagoas. UFAL, 12 a 15 de setembro de 2011.

propriedade. Somente aqueles que eram proprietários de meios de produção eram reconhecidos como sujeito. Marx, conclamando os trabalhadores de todo o mundo para unir-se, proclama o proletariado como sujeito coletivo da história. Importante ressaltar que a filosofia marxista ao proclamar a luta de classes como a força motora da transformação histórica, afirmando uma razão coletiva – e não uma razão de perspectiva individual/liberal – rompe igualmente com a tradição milenar que afirmava uma razão externa a ser seguida, respeitada, venerada e cultuada⁶.

Se com Marx e sua crítica aos pressupostos liberais verificou-se um avanço na construção da noção de sujeito, também merecem destaque as reflexões de cunho feminista que, a partir do século XVIII até a atualidade, como apontou Noli Bernardo Hahn⁷, trouxeram grandes contribuições para a reflexão sobre o tema. Na perspectiva feminista, mesmo com os avanços verificados no campo de vista teórico na construção de uma noção de sujeito desligada de uma razão externa, permanecia ainda uma visão que, fundamentalmente, concebia o sujeito na perspectiva de um universalismo que desconsiderava e ocultava diversidades. Em suma, o sujeito ainda se apresentava como sendo masculino, heterossexual, branco e, no caso específico dos parâmetros liberais, proprietário.

Se com o advento da Idade Moderna viu-se a aparecimento de uma nova perspectiva de sujeito que, ao enfatizar as dimensões da liberdade e da criação humana, rompia com os parâmetros da Antiguidade e da idade média, o século XX, após assistir a submissão do conceito de sujeito a ideologias totalizantes, chegou ao seu final com a emergência de uma força que passou a tomar as rédeas da História: o mercado. Nesse contexto, as ideologias totalizantes foram substituídas pelo espectro de uma “mão invisível”, conforme afirmou Noli Bernardo Hahn⁸. Começou-se, então, a afirmar que o mercado escolhe, decide e impõe.

Assim,

Iniciamos o século XXI e o homem moderno ou pós-moderno [ou hipermoderno] está em dúvida: afinal, quem decide, quem

⁶ HAHN, Noli Bernardo. A questão do sujeito e o sujeito em Alain Touraine. In: *Revista Direitos Culturais* – Volume 3, nº 4. Junho de 2008. Pp. 177-187. p. 179.

⁷ Ibid., p.179.

⁸ HAHN, Noli Bernardo. *Op. Cit.* p. 189.

escolhe? A razão ou o mercado? Uma razão individual ou uma razão coletiva? 'Eu' ou 'outro'?⁹

Em linhas gerais, a questão que se coloca é: quem é o sujeito no atual contexto e qual o papel a ele reservado? Sem pretendemos uma discussão aprofundada sobre essas questões, mas, como afirmamos no início, apenas buscar os parâmetros mínimos para uma definição e compreensão do sujeito na contemporaneidade, lançamos mão da teoria do sujeito formulada por Alain Touraine.

Para Touraine a ideia de sujeito tem como ponto de partida a afirmação dos direitos do homem, da personalidade e das questões ligadas à sexualidade. Suas análises acerca da temática do sujeito tiveram início na década de 1980, em meio às transformações que se verificaram na vida coletiva durante esse período. Já na década de 1990, quando questões ligadas à vida pública e privada estavam em evidência, elementos como cultura, personalidade, relações entre homens e mulheres, homossexualidade, liberalização de costumes, religiosidade, imigrantes e minorias, entre outros, passaram a influenciar diretamente as preocupações desse autor com a questão do sujeito.

Ao teorizar sobre o sujeito, Touraine faz uma clara distinção entre indivíduo, sujeito e ator que, para ele, são dimensões que indicam níveis diferentes de consciência e engajamento humano. Dessa forma,

[...] O indivíduo não é senão a unidade particular onde se misturam a vida e o pensamento, a experiência e a consciência. O Sujeito é a passagem do Id ao Eu, o controle exercido sobre o vivido para que tenha um sentido pessoal, para que o indivíduo se transforme em ator que se insere nas relações sociais transformando-as, mas sem jamais identificar-se completamente com nenhum grupo, com nenhuma coletividade. Por que o ator não é aquele que age em conformidade com o lugar que ocupa na organização social, mas aquele que modifica o meio ambiente material e, sobretudo social no qual está colocado, modificando a divisão do trabalho, as formas de decisão, as relações de dominação ou as orientações culturais¹⁰.

Portanto, na visão de Touraine, o indivíduo se torna sujeito quando consegue se colocar como autor e criador de sua vida, sendo capaz de

⁹ *Ibid.*, p 180.

¹⁰ TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis. Vozes, 1995. 2ª edição. Pp. 220-221.

transformar o seu meio a partir da combinação entre instrumentalização racional e a imaginação criadora. Nessa perspectiva a concepção de sujeito presente em sua teoria pressupõe um nível de liberdade individual capaz de romper com a noção de determinismo social presente, por exemplo, nas ideologias totalizantes que dominaram a maior parte do século XX. Assim, conforme apontou Noli Bernardo Hahn,

Alain Touraine é um pensador liberal que procura 'salvar' o indivíduo liberal destituído de força criadora e de liberdade. A racionalidade instrumental, um produto e, simultaneamente, uma força criadora da modernidade, foi e é uma das responsáveis pela dessubjetivação do sujeito, impedindo a individuação imprescindível à construção de cidadania e de democracia, sonhos tão sonhados pelos pensadores liberais. A modernidade racionalista, como já se afirmou anteriormente, indica e encerra nela a ideia da rejeição a tudo o que possa ser compreendido como não racional. Touraine resgata a dimensão perdida da modernidade: sujeito-no-mundo. E esse sujeito deve ser responsável em duas frentes: perante si mesmo e perante a sociedade. Sob essa ótica, o autor francês defende que a maior preocupação pela formação do sujeito não deve mais ser a socialização e sim a individuação¹¹.

Tais aspectos, acima elencados, nos levam a compreender a postura de Touraine como sendo a que mais se aproxima de um diagnóstico preciso do papel do sujeito na contemporaneidade. Contudo, seria interessante termos em conta a crítica feita por Maria Salete da Silva, quando ela afirma que

[...] há que se colocar como debate central as possibilidades de os indivíduos se tornarem sujeitos em sociedades cujos níveis de desigualdade ainda são gritantes, cenários desfavoráveis à crítica da racionalidade instrumental da modernização e, ao mesmo tempo, propícios ao retorno à compreensão divina do mundo, ou seja, à adoção de um modo de pensar pré-moderno. A proliferação de religiões na realidade brasileira é apenas um exemplo desse fato. Elas não parecem ressurgir num mundo que caminhava ou parecia caminhar para a secularização, como resultado da emergência de um sujeito que reclama o direito de expressar sua espiritualidade, mas como mecanismos justificadores de desigualdades, as quais serão superadas em outro plano que não o terreno. Ou como mecanismos portadores das possibilidades de acesso ao emprego, à renda, enfim, aos bens necessários à sobrevivência, além de imporem rígidas disciplinas na formação dos comportamentos de homens e mulheres, que são desresponsabilizados por suas ações e decisões, já que ambos

¹¹ HAHN, Noli Bernardo. *Op. Cit.* p. 189.

devem se guiar pela vontade de uma divindade, que tudo provê, prevê e observa para recompensar ou punir¹².

1.2 - O pós-moderno e seus críticos.

Como bem lembrou o historiador Perry Anderson, num trabalho no qual investigou *As origens da pós-modernidade*¹³, a simples menção do termo “pós-modernismo”, supõe o uso corrente do termo “modernismo”. Ainda, de acordo com esse autor, ambos os termos foram primeiramente empregados na América hispânica.

Assim, o termo “modernismo” teria aparecido pela primeira vez como designação de um movimento estético através do poeta nicaraguense Rubén Dario (1867 – 1916). Dario iniciou uma corrente literária que, inspirando-se em diversas correntes francesas, pretendia uma ruptura cultural em relação à Espanha. Em inglês, o termo “modernismo” só passou ao uso corrente praticamente meio século depois.

Já a ideia de um “pós-modernismo” também surgiu pela primeira vez no mundo hispânico, na década de 30, uma geração antes de seu aparecimento na Inglaterra e nos Estados Unidos. No contexto em que surgiu, designava um retrocesso conservador no bojo do próprio modernismo.

Entretanto, foi com o filósofo francês Jean-François Lyotard, em sua obra *A condição pós-moderna*, publicada em 1979, que a difusão do conceito de “pós-modernidade” ganhou impulso. Para Lyotard, a Pós-modernidade representa uma crise das grandes certezas que ocupam lugar central no imaginário e nos dispositivos modernos de legitimação. O autor chama a atenção para o que ele aponta como sendo a principal característica do contexto pós-moderno: a impossibilidade de se construir um discurso universal. Na ciência, com o fim das grandes narrativas, prevaleceu a fragmentação dos jogos de linguagem. Considera-se pós-moderna a incredulidade em relação ao metarrelatos. É sem dúvida um efeito do avanço das ciências; mas este progresso, por sua vez, a

¹² SILVA, Maria Salete da, Democracia e sujeito: uma relação indissociável na obra de Alain Touraine. In: *Emancipação*, Ponta Grossa 8(2): 21-24, 2008. p. 33.

¹³ ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro. Zahar, 1999.

supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação correspondem, sobretudo, a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia. A sociedade perde a narrativa dos seus grandes heróis e libertadores como também descarta o grande relato da razão iluminista que sustentava o saber científico¹⁴.

Conforme apontaram Raimundo Rajobac e Simone Romani,

Em Lyotard, a Pós-Modernidade configura-se como um estado da cultura, posterior às transformações que afetaram não somente as ciências, mas, também, a literatura, as artes e, sobretudo, os paradigmas do conhecimento e a organização da vida no Ocidente. Em vista disso, encontramos na Pós-Modernidade a idade chamada “Pós-Industrial”, que, entre outras coisas, favoreceu o esfacelamento dos paradigmas modernos e a instalação de uma nova maneira de as coisas se estabelecerem. Daí a convicção lyotardiana de que o saber é o grande meio de modificação da sociedade. O pós-moderno, enquanto condição cultural caracteriza-se pela incredulidade nos metadiscursos e respectivas pretensões universalizantes.¹⁵

Outra característica marcante da Pós-modernidade, apontada por Lyotard, é o que ele definiu como perda da historicidade. Conforme observou Adriano D. Quadrado,

Em A condição pós-moderna, Lyotard nos diz que na pós-modernidade perdemos a baliza dos grandes relatos ordenadores do mundo. No seu entender, havia duas grandes metanarrativas que conduziam a produção científica da modernidade. A primeira nascera com a Revolução Francesa e tinha como meta a busca pela libertação da humanidade através do avanço do conhecimento. Já a segunda vinha do idealismo alemão, marcado pela fundação da Universidade de Berlim (no primeiro decênio do século 19), e tinha na busca pela verdade o motor do progresso científico. A sociedade pós-moderna, porém, teria deixado de acreditar em tais metanarrativas, de resto, teria perdido toda motivação ideológica ou espiritual para se manter em andamento. Seu motor passou a ser a performance, a funcionalidade, o pragmatismo capitalista.¹⁶

¹⁴ LYOTARD, Jean François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro. Ed. José Olympio, 1993. 4ª ed. P. XVI.

¹⁵ RAJOBAC, Raimundo/ROMANI, Simone. Jean-François Lyotard e a condição pós-moderna: perspectivas para os fundamentos da educação. In: *Signos*, ano 32, nº 1, 2011 – p. 09 – 17. p. 11.

¹⁶ QUADRADO, Adriano D. Pós Modernidade: que tempos são estes? In: *Caligrama – Revista de Estudos e pesquisas em Linguagem e Mídia* – volume 2, nº 3 – setembro a dezembro de 2006.

Frederic Jameson foi outro autor que apontou a problemática da historicidade como característica marcante da Pós-modernidade. Para esse autor a realidade pós-moderna é marcada pela quebra das continuidades temporais, o que levaria a uma sensação de perpetuação do presente. Em suas palavras, ocorreu

[...] o desaparecimento do sentido da história, o modo pelo qual o sistema social contemporâneo como um todo demonstra que começou, pouco a pouco, a perder a sua capacidade de preservar o próprio passado e começou a viver em um presente perpétuo, em uma perpétua mudança que apaga aquelas tradições que as formações sociais anteriores, de uma maneira ou de outra, tiveram de preservar.¹⁷

Contudo, há que se ressaltar que, apesar dos diversos autores que defendem a existência de uma Pós-modernidade, o que implica, portanto, numa ruptura com a modernidade, essa opinião não é um consenso entre os estudiosos.

Para o filósofo alemão Jürgen Habermas, o que se convencionou chamar de Pós-modernidade constitui-se muito mais num “estado de consciência” do que um “estado da cultura”, apresentando-se somente no discurso daqueles que se decepcionaram com o projeto moderno. Além disso, Habermas vê na Pós-modernidade um culto à relativização e uma pluralidade sem critérios de ideias que podem abrir as portas para os discursos conservadores ou reacionários¹⁸.

Já a pesquisadora canadense Linda Hutcheon, entende que a Pós-modernidade não representa, em nenhum aspecto, uma ruptura com os parâmetros anteriores. Segundo ela,

[...] o pós-modernismo é um empreendimento fundamentalmente contraditório: ao mesmo tempo, suas formas de arte (e sua teoria) usam e abusam, estabelecem e depois desestabilizam a convenção de maneira paródica, apontando auto conscientemente para os próprios paradoxos e o caráter

¹⁷ JAMESON, Frederic. Pós-modernidade e sociedade de consumo. In: *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, nº12, jun/85. p. 16-26. p. 26.

¹⁸ SCALDAFERRO, Maikon Chaider Silva. Modernidade e pós-modernidade – Considerações habermasianas. In: *Revista Urutáqua – Revista Acadêmica Multidisciplinar* – Nº 18 – mai./jun./jul./ago. 2009.

provisório que a elas são inerentes, e, é claro, para sua reinterpretação crítica ou irônica em relação à arte do passado.¹⁹

O francês Gilles Lipovetsky é outro pensador que não vê rupturas com os fundamentos da modernidade. Segundo ele, o Ocidente, do ponto de vista social, continua, desde o século XVIII, pautado pelos mesmos valores que ele classifica como sendo os elementos constitutivos da modernidade. A saber: o indivíduo, o mercado e a dinâmica tecnocientífica. Para esse pensador, o que se verifica atualmente é, na verdade, a exacerbação desses três elementos e, por essa razão, ele prefere o termo “Hipermodernidade” ao termo “Pós-modernidade”.²⁰

Evidencia-se, portanto, a ausência de um consenso não só em torno do que seja a Pós-modernidade, mas se, de fato, ela representa uma ruptura com os parâmetros da Modernidade ou uma exacerbação dos mesmos. As diversas denominações utilizadas pelos autores que se debruçaram sobre o tema revelam essa situação. Domício Proença Filho²¹, por exemplo, se utiliza do termo “neomodernidade” e João Barrento²² prefere os termos “tardo modernidade” ou “modernidade tardia”. Louis L. Kodo²³, por sua vez, se utiliza da terminologia “supermodernidade”.

Todavia, se não há um consenso em torno do que seja a Pós-modernidade ou mesmo da sua existência, pensando-a como superação da Modernidade, uma coisa é perceptível: superada ou não a Modernidade, os inúmeros prefixos e adjetivos que passaram a serem agregados aos termos “moderno” e “modernidade” por diversos estudiosos, de diversas correntes e orientações, nos dão conta de que, de fato, algo mudou. Discutir se a Pós-modernidade representa um momento de ruptura com os paradigmas da Modernidade ou de exacerbação

¹⁹ HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo. Rio de Janeiro. Imago, 1991. p. 43. Citado por QUADRADO, Adriano D. *Op. Cit.* Pós Modernidade: que tempos são estes? In: *Caligrama* – Revista de Estudos e pesquisas em Linguagem e Mídia – volume 2, nº 3 – setembro a dezembro de 2006.

²⁰ QUADRADO, Adriano D. *Op. Cit.* Pós Modernidade: que tempos são estes? In: *Caligrama* – Revista de Estudos e pesquisas em Linguagem e Mídia – volume 2, nº 3 – setembro a dezembro de 2006.

²¹ PROENÇA FILHO, Domício. *Pós-modernismo e literatura*. São Paulo. Ática, 1988. p. 14.

²² BARRENTO, João. *A espiral vertiginosa*. Lisboa. Cotovia, 2001. p. 06.

²³ KODO, Louis L. *Blefe: o gozo pós-moderno*. São Paulo. Zouk, 2001. p. 50.

dos referenciais ditos “modernos” é tarefa que extrapola os nossos objetivos. Por ora, o que buscamos é caracterizar algumas das principais mudanças verificadas na contemporaneidade e, também, o sujeito contemporâneo e participe dessas mudanças: o sujeito dito “pós-moderno” ou “hipermoderno”.

Como diz Queiroz,

o rosto do mundo contemporâneo já não é o mesmo de 50 anos atrás... Veloz, efêmero, descartável, volúvel desenraizado, eis a fisionomia do homem pós-moderno, feita a imagem e semelhança dos objetos que ele consome²⁴.

1.3 - A hipermodernidade. A “cultura – mundo” e a recomposição do religioso contemporâneo. Um sujeito pós-secular e reencantado?

De acordo com Gilles Lipovetsky e Jean Serroy²⁵, a contemporaneidade está marcada pelo surgimento do que eles definiram como hipercultura universal: a cultura-mundo, a qual desconhece fronteiras e funde esferas anteriormente dicotômicas ou mesmo antagônicas como, por exemplo, a economia e o imaginário ou o real e o virtual. Nessa hipercultura também não se estabelece uma separação entre a cultura, propriamente dita, e a indústria mercantil. Trata-se do mundo das redes, da moda e dos fluxos.

Há que se ressaltar que a noção de uma cultura-mundo já se encontrava presente no humanismo clássico, através do ideal do “cidadão do mundo”. Contudo, o que se verifica na atualidade é uma cultura vinculada ao mundo sem fronteiras dos capitais e das multinacionais. Trata-se da universalização de cultura mercantil, que passou a penetrar todas as esferas da existência humana. Como consequência, constata-se a mercantilização integral da cultura e o que Lipovetsky e Serroy definem como “culturização” das mercadorias. O mercado passa, portanto, a estar presente na própria dimensão estética e criativa. Dessa forma a economia se impõe como a principal instância cultural. Além disso, no

²⁴ QUEIROZ José J. . Deus e crenças religiosas no discurso filosófico pós-moderno. *Linguagem e religião. Rever. Revista de Estudos da Religião* 2.2/ 2006 p. 4.

²⁵ LIPOVETSKY, Gilles/SERROY, Jean. *A cultura-mundo*. São Paulo. Companhia das Letras, 2011.

bojo dessas transformações, as utopias, os modelos alternativos de sociedades e os discursos totalizantes perderam a credibilidade. Essa hipermodernização do mundo, como afirmam Lipovetsky e Serroy, se baseia na lógica do individualismo e do consumismo.

Dessa forma,

O hipercapitalismo se impõe fazendo recuar a força estruturante das ideologias, das forças sociais, das instituições que, por muito tempo, funcionaram como reguladoras da dominação do mercado. A Igreja, o socialismo, o Estado republicano, a nação, a escola, as culturas de classe, mais nada disso constitui contrapesos verdadeiros ao reinado absoluto do mercado. Esses sistemas perduram, mas são cada vez mais redefinidos pelas lógicas da concorrência, competição e desempenho que se impõe como a matriz, a pedra angular da organização do nosso universo social e cultural.²⁶

Essa mercantilização que avança sobre a quase totalidade da existência do sujeito contemporâneo, seja no campo da política, das comunicações e da própria experiência vivida, tem engolfado também o campo religioso. Não se trata de afirmar que a dimensão espiritual desse sujeito tenha, simplesmente, sido reduzida pela uniformização cultural imposta pelo atual estágio do desenvolvimento capitalista. Ao contrário, o que se tem observado é o aparecimento de uma nova dinâmica espiritual concomitante ao atual avassalador processo de mercantilização global.

Diversos estudiosos, embora longe de um consenso em suas análises, tem apontado para uma reativação das formas de espiritualidade à medida que esse processo de mercantilização global avança. Nessa perspectiva, conforme bem lembraram Lipovetsky e Serroy,

Os novos movimentos religiosos (esferas de influência evangélica, renovações carismáticas e judaicas, budismo, new age, cientologia, proliferação sectária...) permitem retificar as leituras que reduzem o hiperindividualismo à febre das paixões consumistas e competitivas. Se este se exprime na espiral dos gozos mercantis, é forçoso constatar que vem acompanhado, ao mesmo tempo, por novas demandas espirituais e buscas de

²⁶ LIPOVETSKY, Gilles/ SERROY, Jean. *Op. Cit.* p.38.

sentido, às vezes por certezas absolutas que não devem ser comparadas com um arcaísmo pré-moderno²⁷.

Foi em meio a tais constatações que vários estudiosos passaram a proclamar uma crise da razão, enxergando nessa reativação espiritual não só a falência do sujeito e do projeto moderno iniciado com o racionalismo iluminista do século XVIII, mas a emergência do que eles passaram a definir como “cultura pós-secular” ou “pós-secularismo” e por consequente de um sujeito religioso reencantado. Assim sendo, passaremos agora à análise desses conceitos e dessa proclamada crise da razão.

Nas últimas décadas do século XX, em meio à crescente expansão da globalização e à derrocada do chamado “socialismo real”, simbolizada pela queda do muro de Berlim, assistiu-se a um incremento do papel das religiões no cenário mundial. Nesse contexto, mereceu particular destaque a atuação do Papa João Paulo II, em cujo longo pontificado (1978–2005), reforçou-se, no âmbito da Igreja Católica, a centralização da autoridade de Roma. Além disso, a própria figura do Sumo Pontífice acabou ganhando uma projeção política internacional.

Para Lipovetsky e Serroy, adeptos da teoria da hipercultura universal ou cultura-mundo, o que se verifica atualmente no campo religioso não pode, propriamente, ser qualificado como um “ressurgimento” ou “retorno” do sagrado. Pois, segundo esses autores, o que vem ocorrendo no campo religioso tem as suas causas vinculadas às características dos tempos atuais. Ou seja, de acordo com a visão desses autores

[...] a recomposição do religioso contemporâneo é da própria natureza da cultura-mundo hipermoderna, uma vez que ela causa angústia, desorientação, desvanecimento das grandes utopias, dispersão do laço social. Nesse universo incerto, caótico, privado de referências coletivas estruturantes, crescem necessidades de unidade e de sentido, de segurança emocional, de reconforto, de ancoragem e de calor comunitários: essa é a nova competência das espiritualidades religiosas e laicas²⁸.

²⁷ LIPOVETSKY, Gilles/SERROY, Jean. *Op. Cit.* p.134.

²⁸ LIPOVETSKY, Gilles/ SERROY, Jean. *Op. Cit.* p. 134.

Paralelamente a essa defesa, feita por diversos autores, de que estaríamos a vivenciar um momento de “pós-secularismo”, integrado no contexto da Pós-modernidade (ou da Hipermodernidade, como preferem Lipovetsky e Serroy), outros autores, por sua vez, tem defendido a tese de um “reencantamento do mundo”, em oposição ao conceito weberiano de “desencantamento”. Nas palavras de Rudy Albino de Assunção²⁹, a popularização do termo e sua aparição nos debates têm trazido novos diagnósticos e interpretações acerca da maneira como o mundo contemporâneo é visto pelo indivíduo. Além disso, para Assunção, “reencantamento do mundo” se tornou um verdadeiro *fashionable term*. (termo da moda).

Já no Brasil, num pequeno artigo publicado em 1997 sob o sugestivo título “A profecia desmentida”³⁰, o antropólogo Pierre Sanchis chamava a atenção para o que ele apontava como o “fracasso das teorias da secularização”. Segundo esse estudioso, a tal “profecia” não realizada seria a afirmação de que o mundo moderno, pautado na racionalidade e na burocratização, tenderia a, paulatinamente, eliminar as possibilidades de abertura de espaços para um fenômeno à margem da racionalidade iluminista: a religião. De acordo com Sanchis, as impressões contemporâneas desmentem a “profecia”. O que, portanto, o permitiu a afirmar que [...] A modernidade não expulsou nem suprimiu a religião, mas amoldou-a em parte à sua imagem e semelhança.³¹

Ora, num contexto em que se tornou quase um lugar comum entre os diversos estudiosos dos fenômenos religiosos a menção a termos como “pós-secularismo” e “reencantamento” – Rudy de Assunção chegou a afirmar que o último se tornou um verdadeiro *fashionable term* como mencionamos acima – muitas vezes, inclusive, apresentados como sinônimos urge buscarmos uma delimitação conceitual precisa. Num ensaio publicado em 1998, o sociólogo da

²⁹ ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. O reencantamento do mundo? Interpelando os intérpretes do desencantamento do mundo. Anais do III Encontro Nacional do GT História das religiões e das Religiosidades – ANPUH – Questões técnico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR), Vol. III, nº 9, Jan/2011.

³⁰ SANCHIS, Pierre. A profecia desmentida. In: *Folha de S. Paulo*, 20/4/1997, caderno *Mais!*, Pp. 5/8.

³¹ *Ibid.*, loc. Cit..

USP Antônio Flávio Pierucci, ao discutir a problemática que envolve o conceito de secularização na obra de Max Weber, alertou:

[...] para a necessidade inadiável de reabrirmos hoje no Brasil, entre os sociólogos - e entre todos os estudiosos da matéria, de uma maneira geral, diríamos nós. - a discussão conceitual do problema da secularização e arguir da utilidade de nos enfrentarmos de novo e seriamente com velhos significados com os quais a coisa se pôs de pé, nos quais se levantou a questão. São referências que devem ser revalorizadas nos dias de hoje³².

Dessa forma, é tomando como referência o paradigma weberiano a partir da leitura de Antônio Flávio Pierucci, que buscaremos as delimitações conceituais para os termos *Secularização* e *Desencantamento* no presente trabalho. Optamos pela leitura conceitual de Pierucci por tratar-se, no Brasil, de uma dos mais destacados (senão o mais) estudiosos da obra de Max Weber. Particularmente no que diz respeito aos conceitos em que ora trabalhamos.

Para Pierruci, os estudiosos do tema têm dado ênfase excessiva à dimensão psicossocial das adesões religiosas, em razão do fato de as religiões estarem “em alta” na atualidade. Dessa forma, segundo ele, a verdadeira dimensão do conceito de secularização, ligada ao campo da normatividade jurídico-política tem ficado fora de foco. Nesse sentido, ao mencionarem a existência de um processo de “dessecularização” ou a emergência de uma “sociedade pós-secular”, o que esses estudiosos pretendem, na verdade, é desdobrar a ideia do pós-moderno na direção de se produzir uma análise dos fenômenos religiosos que consiga reconhecer na religião, de uma maneira geral, a capacidade de resistir às investidas da modernidade. Em suma, o que pretendem é ver na tal “condição pós-moderna” a abertura de um caminho intelectual que possa conduzir ao abandono da hipótese da secularização e a construção de uma análise do fenômeno religioso que supere o paradigma weberiano.

³² PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber – Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – volume 13, nº 37 – jun 1998. Esta posição de Pierucci foi desenvolvida com mais detalhes em sua obra de 2003, *Desencantamento do Mundo*. Todos os passos do conceito em Max Weber.

De nossa parte, não admitimos a obsolescência do conceito de secularização, pois, assim como Pierucci, entendemos que a secularização da sociedade ocidental foi algo que se deu no âmbito jurídico-político. Ou seja, como “decadência do poder hierocrático”: *der Niedergang der hierokratischen Gewalt*,³³ como bem lembrou Pierucci, citando Weber. E é justamente por esta razão que também entendemos que esta proclamada “volta” do sagrado ou do religioso, verificada não só através do revigoração das religiões tradicionais, mas também no aparecimento de inúmeras sociedades religiosas e formas de espiritualidade no Ocidente, se explica pela atual fase da “cultura-mundo”, diagnosticada por Lipovetsky e Serroy e se faz possível, justamente, por esse mesmo caráter secular da sociedade ocidental, ao invés de significar, de alguma forma, um refluxo do secularismo.

A persistência de uma tendência teocrática em alguns países de maioria islâmica corrobora as nossas afirmações e demonstra as vantagens, para todos (e para os religiosos em particular), de se lutar pela manutenção da secularização. E, neste sentido, caberia ainda nos remetermos a José J. Queiroz quando o mesmo afirma que “No campo político, a secularização tem correspondências com a laicização, isto é, a autonomia da sociedade do poder religioso que, no Ocidente, por longos anos, foi exercido pelo catolicismo e com menor duração também pelo protestantismo”³⁴.

Uma vez clarificado o que entendemos por secularização, cumpre fazermos o mesmo em relação ao conceito de desencantamento. De acordo com Pierucci, o conceito de desencantamento se desdobra em duas vertentes na obra de Max Weber: o desencantamento “científico” e o desencantamento “religioso”.

Pierucci explica que o desencantamento “científico”, segundo Weber, ocorreu pelo fato que a moderna ciência empírica corroeu a imagem metafísica do mundo. Já o desencantamento “religioso” - que nos interessa particularmente – significa, na perspectiva weberiana a “desmagificação” da religião. Ou seja, a

³³ PIERUCCI, Antônio Flávio. *Op. Cit*,

³⁴ QUEIROZ, José J. *A Ética na cultura pós-secular: retorno aos fundamentos perdidos*. Abertura do III Simpósio Luso-brasileiro de Filosofia da Religião e Ciências da Religião: “Ética e Religião na Sociedade e Cultura Pós-Secular”. Faculdade de Filosofia de Braga – U. C. P, 28 – 30 de junho de 2012.

eliminação da magia como forma de salvação. Tal fenômeno foi apontado por Weber como tendo o seu início com os profetas do judaísmo antigo, chegando a encontrar o seu ápice nas comunidades cristãs puritanas.

Como bem apontou Rudy de Assunção, a partir da leitura de Pierucci, a essa “desmagificação” da religião seguiu-se uma eticização de caráter extremamente forte da conduta prática, fazendo com que o único caminho possível aos seus seguidores fosse a atitude ético-ascética no trabalho e na vivência quotidiana. Estaria aí, portanto, o fator decisivo para uma religião desencantada e, por que não dizer racional, que tem no senso do dever e na moralização do quotidiano os parâmetros que regem a vida.

Após termos, ainda que de forma sucinta, procurado esclarecer o nosso entendimento acerca dos conceitos de secularização e desencantamento, propomos agora, à luz dos mesmos, uma rápida discussão em torno dos tais “termos da moda” – sociedade pós-secular e reencantamento – tomando como referência a realidade brasileira, pano de fundo do estudo que aqui propomos.

Tendo deixado claro que compreendemos a secularização como sendo um conceito que se opera ao nível jurídico-político e que pode ser traduzido como eliminação das pretensões de um poder político hierocrático, entendemos que o caráter secular da sociedade brasileira fica patente desde o advento da constituição republicana de 1891, que fixou o caráter laico do Estado, sendo mantido por todas as outras constituições que se seguiram e assim permanecendo até os dias atuais. Assim sendo deduzimos, portanto, a inaplicabilidade do termo pós-secular para a realidade brasileira.

Entretanto, como fez notar o prof. Enio Brito no exame de qualificação a laicidade do Estado brasileiro não significou uma total separação entre Estado e religião católica, pois desde 1920 nota-se um processo de constante interdependência entre os dois poderes.

Por sua vez, o conceito de desencantamento, entendido como eliminação do caráter mágico da religião, permite-nos afirmar, também, a inaplicabilidade do termo reencantamento para o contexto brasileiro. E por quê? Porque, assim como o sociólogo Lísias Nogueira Negrão, entendemos que o Brasil, do ponto de vista

religioso, sequer se desencantou. Negrão é um dos que negam a validade das análises weberianas para o atual contexto, como ele deixa claro nesta passagem:

As análises de Weber foram válidas para um período encerrado da história do Ocidente: o apogeu da racionalidade num mundo desencantado, em que o sagrado se exilou.³⁵

Contudo, em nosso entender ao analisar a questão do “reencantamento” no contexto brasileiro, Negrão é preciso ao afirmar que

Na formação da sociedade brasileira nada houve de semelhante à ética protestante no campo religioso, desde os seus primórdios. O país foi inicialmente povoado por aldeões portugueses e degredados que trouxeram consigo seus santos e demônios, seu culto às almas. Formou-se a partir daí um catolicismo acentuadamente mágico, voltado para o controle dos males deste *mundo*, centrado no ato devocional. Trata-se do conhecido “catolicismo rústico”, componente essencial da “cultura rústica” tal como a caracterizaram Antônio Cândido de Mello e Souza (1972), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1965, 1968) e Douglas Teixeira Monteiro (1974). Conviveu com religiões afro-brasileiras e indígenas, com as quais trocou deuses, crenças e rituais, formando uma mentalidade religiosa híbrida e sincrética, densamente mágica e encantada. Não se quebrou o feitiço, nem a sua influência sobre a mentalidade popular³⁶.

Negrão também analisa e afirma a ausência da dessecularização na religião e os hábitos religiosos ou sincrético na religião majoritária.

[...] Hoje, apesar de religião ainda majoritária, a maior parte dos católicos é formalmente despossuída de *habitus* religioso, sendo que provavelmente um terço deles (conforme apontam os resultados de minhas pesquisas atuais) frequentam outros grupos religiosos, tem crenças e práticas não católicas, sobretudo mágicas. Isto para não falar na Renovação Carismática, movimento leigo ao mesmo tempo incentivado e controlado pela hierarquia. Apesar de fiel à Igreja e ao sacerdócio, embora seja um movimento basicamente formado por pessoas de classe média, sua religiosidade é bastante emotiva, incluído elementos mágicos em seus cultos, voltados

³⁵ NEGRÃO, Lísias Nogueira. Intervenção. In: MOREIRA, Alberto/ZICMAN, René (Orgs.) *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis. Vozes/USF/FAN, 1994. Pp. 130-135. p. 134.

³⁶ NEGRÃO, Lísias Nogueira. Nem “jardim encantado”, nem “clubes dos intelectuais desencantados”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – volume 20, nº 59 – out 2005. Pp. 23-59. Pp. 33-34.

às curas e a solução de problemas pessoais de natureza diversa.³⁷

Quanto às denominações protestantes brasileiras, Negrão também insiste que

[...] não houve de forma significativa nada semelhante à mensagem profética racionalizadora neste contexto religioso prenhe de encantamento. Os grupos protestantes históricos (batistas, presbiterianos, metodistas), potenciais herdeiros da racionalidade e da ascese puritana tradicional, são minoritários, crescendo apenas vegetativamente, a não ser quando também se pentecostalizam e, portanto, aderem à milagrosa manifestação do Espírito (Mendonça, 1984, Mendonça e Velasques Filho 1990). Por outro lado, os pentecostais em geral assimilaram uma doutrina de origem norte-americana, a teologia da Prosperidade, que nada tem com a metodização da prática econômica levada a efeito pela ética protestante tradicional.³⁸

Assim, entendemos que se há uma crise da razão, como produto da atual “cultura-mundo” diagnosticada por Lipovetsky e Serroy, essa tal “crise” não tem como contrapartida, no Ocidente, um recuo da secularização. Quanto à metodização e a racionalidade religiosa, próprias do puritanismo tradicional, nosso entendimento é o de que tais elementos se encontram em franca decadência. Mas, se levarmos em conta apenas o caso brasileiro (pano de fundo da nossa pesquisa), poderíamos afirmar que tais elementos nunca existiram. Se nunca houve uma plena secularização no Brasil, não seria, pois apropriado dizer que na condição pós-moderna ou hipermoderna estaríamos assistindo a um “retorno” do sagrado ou a um novo sujeito religioso reencantado.

1.4 - A sociedade líquida e o caráter transitório do social e do sujeito religioso.

Foi em meio à constatação das mudanças verificadas na contemporaneidade e do intenso debate sobre se tais mudanças representariam

³⁷ NEGRÃO, Lisias Nogueira, *Op. Cit.* p. 34.

³⁸ Ibid., p. 34.

ou não uma ruptura com o paradigma da modernidade, que o sociólogo polonês Zygmunt Bauman elaborou o conceito de “modernidade líquida”. De acordo com esse pensador, o caráter “líquido” da contemporaneidade advém do fato de que as organizações sociais, pensadas de maneira ampla, não mantêm mais a sua forma por muito tempo e, por essa razão, não podem mais servir como referência às ações humanas. Tem-se, portanto, segundo Bauman, a fragilidade, a flexibilidade, a ausência de formato, sustentação e concretude como sendo as bases sobre as quais se alicerça, atualmente, a sociedade.

De acordo com Bauman, na origem desse processo de “liquefação” das instituições está o atual modelo de globalização que, entre outros fatores, trouxe em seu bojo uma concepção de “sociedade aberta” incompatível com a noção de autodeterminação e que, por essa razão, acabou colocando em xeque o próprio papel do Estado-nação. Nas palavras desse pensador,

[...] Em sua forma atual, puramente negativa, a globalização é um processo parasitário e predatório que se alimenta da energia sugada dos corpos dos Estados-nações e de seus sujeitos.³⁹

Dessa forma, observa-se um contínuo divórcio entre o poder e a política. Pois grande parte do poder de ação que, antes, estava à disposição do Estado moderno, tem se afastado em direção ao que poderíamos denominar espaço global. Espaço esse não controlado pela política, mas pelos fluxos do mercado. Daí a insegurança e a incerteza, já que as instituições políticas têm a sua margem de manobra reduzida e tornam-se cada vez menos relevantes para o atendimento das demandas dos cidadãos. Nesse contexto, os órgãos estatais passam, cada vez mais, a transferirem ou, melhor, terceirizarem, um volume cada vez maior de suas funções. Funções essas que são deixadas aos ventos do “imprescindível” (e imprevisível) controle do mercado.

Bauman nos apresenta um preciso diagnóstico da situação contemporânea ao afirmar que

O poder político implica uma liberdade individual incompleta, mas a sua retirada ou desaparecimento prenuncia a impotência prática da liberdade legalmente vitoriosa. A história da

³⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2007. p. 30.

emancipação moderna desloca-se de um confronto com o primeiro perigo para um confronto com o segundo. Para utilizar os termos de Isaiah Berlin, pode-se dizer que, depois da luta vitoriosa pela “liberdade negativa”, as alavancas necessárias para transformá-la numa “liberdade positiva” – isto é, liberdade para estabelecer a gama de opções e a agenda para a escolha entre elas – quebraram. O poder político perdeu muito de sua terrível e ameaçadora potência opressiva – mas também perdeu boa parte de sua potência capacitadora. A guerra pela emancipação não acabou. Mas, para progredir, deve agora ressuscitar o que na maior parte de sua história lutou por destruir e afastar do caminho. A verdadeira libertação requer hoje mais, e não menos, da “esfera pública” e do “poder público”. Agora é a esfera pública que precisa desesperadamente de defesa contra o invasor privado – ainda que, paradoxalmente, não para reduzir, mas para viabilizar a liberdade individual⁴⁰.

Neste contexto, portanto, passa-se a se verificar a gradual redução ou retração das formas de segurança coletiva propiciadas pelo Estado contra os efeitos nefastos gerados pelas imprevisíveis ondas do mercado e o consequente fracasso dos projetos sociais. Como reflexo desse processo as ações coletivas vão perdendo o seu potencial de atração e a própria noção de solidariedade social acaba se esvaindo. A responsabilidade pela resolução dos problemas e dilemas surgidos nesse contexto de volatilidade é inteiramente jogada às costas dos indivíduos. Tem-se, portanto, uma situação nova: se na primeira fase da modernidade – a modernidade “sólida”, nas palavras de Bauman – a “virtude” esperada dos indivíduos estava na conformidade às regras, em tempos de modernidade “líquida” a “virtude” está na flexibilidade, na rápida capacidade de “adaptação dos sujeitos”. E uma das consequências, digamos “natural” dessa situação nova é o absoluto colapso das formas de planejamento e pensamento ao longo prazo.

Em outras palavras,

O enfraquecimento das instituições centralizadoras, acusadas de ameaçar os indivíduos em sua autonomia, tornou os laços menos duradouros. Assistiu-se à desregulamentação

⁴⁰ BAUMAN, Zygmunt . *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro. Zahar, 2000. Apud BARROSO, Adriane de Freitas. Pela responsabilização subjetiva na modernidade líquida: novos arranjos no espaço público. In: *Psicol. Argum.* 2011 out./dez., 29(67), 469-478. Pp. 471-472.

no campo econômico, vértice da modernidade sólida, e o consequente enfraquecimento de redes anteriormente estabelecidas. Antigos membros de grupos sociais passaram a ser apresentados simplesmente como indivíduos, com a tarefa de fazer e refazer incessantemente as negociações nessa rede fluida. [...]

De um modo de vida orientado pela tradição, pelo tecido simbólico que se estendia desde o passado até as perspectivas do futuro, a modernidade líquida passou a ser norteadada pelos objetos do mercado. O consumo tornou-se, assim, ilustração e organizador dessa modernidade sempre em movimento⁴¹.

Consumismo e hipertrofia do individualismo: eis as marcas da contemporaneidade ou, nas palavras de Bauman, da “modernidade líquida”. No atual contexto, a liberdade individual atrelou-se a uma relação de dependência em relação ao mercado. Enfim, o indivíduo se vê submetido agora ao que Adriane de Freitas Barroso qualificou como uma “liberdade obrigatória”.⁴² “Liberdade” essa da qual nem aqueles aos quais faltam os recursos mínimos para o consumo podem se negar a participar. Daí, justamente, a exacerbação de uma lógica da exclusão que contribui diretamente para impulsionar o atual quadro de violência social. A lógica da exclusão tornou-se uma condição pós-moderna, que elimina a compaixão e decreta a morte dos que “sobram” na sociedade de consumo.

Como bem observou Maria Rita Kehl,

A publicidade convoca todos a gozar de privilégios dos consumidores de elite. Se a alternativa fosse acessível a todos, não haveria privilegiados. Como não é, o que está sendo oferecido como tentação irrecusável é o direito de excluir a maioria. Assim sendo, a lógica da publicidade, hoje, está visceralmente comprometida com a lógica da violência banal que se expande como epidemia no mundo contemporâneo⁴³.

Num contexto em que se assiste ao enfraquecimento paulatino das tradições, crenças, valores e lugares sociais pré-determinados, surgem, portanto, a incerteza, a fluidez e transitoriedade, em oposição àquela segurança buscada

⁴¹ BARROSO, Adriane de Freitas. Pela responsabilização subjetiva na modernidade líquida: novos arranjos no espaço público. In: *Psicol. Argum.* 2011 out./dez., 29(67), 469-478. Pp. 471-472.

⁴² Idem. *Op. Cit.* p. 473.

⁴³ KEHL, Maria Rita. Visibilidade e espetáculo. In: *Anales Tercer Encuentro Latinoamericano de los Estados Generales del Psicoanálisis*, 2002. Citado por Barroso, Adriane de Freitas. *Op. Cit.* p. 473.

no primeiro período da modernidade. A existência humana desatrelada da ação política – vista como ineficaz, num mundo onde todas as relações passaram a serem permeadas pela dinâmica do mercado – torna transitório o próprio caráter do indivíduo enquanto sujeito social. Assim, sendo todas as dimensões sociais contemporâneas permeadas pelas relações de mercado, torna-se necessária – num momento em que os estudiosos dos fenômenos ligados às religiões admitem a existência de um “mercado religioso” – refletirmos sobre os caminhos trilhados pela religiosidade atual dentro desse contexto. O que passaremos a fazer a seguir.

1.5 - O. hiperconsumo e o consumo de bens religiosos. Uma religião e um sujeito religioso “líquidos”?

De acordo com Mike Featherstone, professor de Sociologia e Comunicação na Universidade de Nottingham Trent (Inglaterra), editor do jornal *Teoria, Cultura e Sociedade* e autor de diversos trabalhos sobre temas como Globalização, Identidade, Pós- modernismo e Cultura de Consumo,

[...] a sociedade moderna (no sentido de atual) está, pois, longe de ser um mundo material profano e simbolicamente empobrecido, onde as coisas, os bens e as mercadorias são tratados como meras utilidades. [...] a cultura de consumo produz uma teia vasta de mutantes signos, imagens e símbolos, esses símbolos não podem ser conceituados como algo meramente profano.⁴⁴

Trata-se, como mencionamos anteriormente, de um contexto onde a própria religiosidade se tornou objeto das relações de mercado. Enfim, da cultura de consumo. Featherstone⁴⁵ e outros autores têm demonstrado em diversos trabalhos que, na sociedade ocidental contemporânea, a prática religiosa vem se transformando numa atividade como as realizadas nos momentos de lazer, adquiridas no mercado.

Assim, observa-se no âmbito da religiosidade a erosão ou em certos casos a total desconstrução de costumes e práticas tradicionais. Conforme observou

⁴⁴ FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo. Studio Nobel, 1995. p. 168.

⁴⁵ FEATHERSTONE, Mike. *Op. Cit.* p. 168

Nilson da Silva Júnior⁴⁶, a partir da leitura de Bauman, a adoção do consumo como parâmetro social implica na necessidade da própria auto-reinvenção do sujeito social para que o mesmo possa adequar-se às expectativas do meio ao qual deseja adentrar ou pertencer. Dessa forma, Silva Júnior nos lembra das palavras de Bauman, quando este autor afirmou que “Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade”⁴⁷.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que, na maioria das vezes, as diversas formas contemporâneas de religiosidade, ao “venderem” a sua mensagem no “mercado religioso”, impõem ao sujeito ou ao consumidor seduzido por tal “produto” que o mesmo se enquadre nos parâmetros que lhe serão exigidos para obtê-lo. Transformando-se, portanto, ele próprio num “produto” que deve ser “vendável”. Em outras palavras, as diversas formas de religiosidade contemporânea impõem “condições mercadológicas” para a incorporação de novos “indivíduos-produtos”.

De acordo Nilson Silva Júnior,

Verifica-se uma ambiguidade de significações, pois, ao mesmo tempo, o “mercado religioso” vende sua mensagem como produto e requer de quem se sinta atraído por ela quesitos básicos, como, por exemplo, compromisso financeiro. Se no passado era o provável adepto que se apresentava como objeto de interesse da instituição religiosa, agora ela também se coloca como atrativo. A partir da dinâmica da mídia, sobretudo do marketing, a religião passa a tomar lugar na sociedade como significado de status social, já que se disponibiliza no mercado como “lugar da bênção”, “lugar onde Deus está”, “onde o milagre acontece”, ou “lugar de gente feliz”. Por isso, o adepto precisa oferecer uma “contra partida” nesse empreendimento onde todos devem ter seu ganho. A Igreja líquida compra e vende pessoas, status e valores.

⁴⁶ SILVA JÚNIOR, Nilson. Igreja líquida: uma leitura da Igreja moderna através do Neopentecostalismo. In: *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura* - Ano VII, n. 34. Pp. 61-77. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2011/04/02Igreja.pdf>

Acesso em 03/02/2013.

⁴⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 07, apud. SILVA JUNIOR, Nilson, Op. cit. pp.65

O autor aponta com muita propriedade os significados diversos que assumiria uma “Igreja Líquida”, inspirando-se nas análises de Zigmunt Bauman em *Modernidade Líquida*.

Uma Igreja líquida poderia ganhar significados diversos a partir da teoria de liquidez. Seria uma Igreja transparente, onde a visibilidade fosse possível da superfície ao mais profundo, e a capacidade de compreensão e interpretação fosse natural, e nada necessitasse ser revelado, diante da transparência, limpidez e cristalinidade de um ambiente claro. Também, simbolizar uma Igreja de resultado concreto, líquido, como no termo contábil, onde nenhum outro fator ou surpresa pudesse desfazer o que é visível. Por outro lado, sinalizar uma Igreja sem forma, indefinida, imprecisa, inexplicável no sentido estético, por não estar pronta ou por ainda não se ter encontrado em sua precisão filosófica, teológica, conceitual.

Incerteza, insegurança, flutuação caracterizam segundo o autor, os sujeitos de uma “Igreja Líquida”.

Essa Igreja também remeteria ao incerto, inseguro, como a água de um lago, que não sustenta, no sentido físico, um corpo que não seja preparado para, por si mesmo, flutuar sobre ela. Um local movediço, incapaz de simbolizar um caminho sólido, que dê certezas e direção a quem dele necessite. Uma Igreja líquida pode significar muita coisa e, sobretudo, denotar um mero resultado de uma sociedade líquida, como defende o sociólogo (Bauman). E talvez essa seja a definição mais lamentável, pois nela surgiria uma imagem antagônica de Igreja, como resultado e não como resultante, como produto e não como produtora.⁴⁸

Ao focalizarmos a religiosidade brasileira nos encontramos diante de um cenário particularmente desafiador. Além da coexistência de diversas matrizes religiosas, podemos verificar, nas últimas décadas, um significativo aumento tanto na oferta como na procura de “bens” oferecidos pelo mercado religioso, além de inúmeras transformações de cunho organizacional e doutrinário em várias igrejas, seitas e outras formas de religiosidade de uma maneira geral. Para estudiosos como Lemuel Guerra⁴⁹, estas transformações organizacionais têm produzido novos discursos e novas práticas rituais que, de maneira semelhante a outros

⁴⁸ SILVA JUNIOR, Nilson. *Op. Cit.* p. 65.

⁴⁹ GUERRA, Lemuel Dourado. *Mercado religioso no Brasil - competição, demanda e dinâmica da esfera da religião*. João Pessoa. Ideia, 2003.

bens simbólicos, como a moda, o entretenimento ou o estilo de vida, vêm ganhando espaço em relação à tradição na opção religiosa dos sujeitos.

Esse processo de transformação da religiosidade num item de consumo atraiu também o olhar atento de estudiosos como Antônio Flávio Pierucci e Reginaldo Prandi, para os quais a religiosidade brasileira tem tomado, cada vez mais, uma dimensão individual. Nas palavras desses autores, [...] a religião foi passando pouco a pouco para o território do indivíduo. E deste para o do consumo, onde se vê agora obrigada a seguir as regras do mercado⁵⁰.

O presente estudo pretende analisar as práticas da chamada Renovação Carismática Católica (R.C.C.), movimento surgido no interior da Igreja Católica e que nas últimas décadas tem ganhado força no Brasil. De acordo com Reginaldo Prandi,

O discurso carismático veio recuperar um público de classe média que estava perdido num tiroteio de opções religiosas. Mesmo tendo desde o candomblé até a Igreja Universal do Reino de Deus como opções religiosas, esse segmento católico não conseguia integrar-se. De um lado via uma Igreja Católica muito ligada às aspirações políticas da esquerda e com um discurso racionalizado e secularizado. De outro lado, o pentecostal, encontrava discursos mais macios aos ouvidos, mas muito distantes da tradição católica.

Foi esse segmento católico, avesso à Teologia da Libertação e pouco à vontade com as ofertas pentecostais que se mostrou simpático ao discurso carismático⁵¹.

Concluindo este capítulo, a guisa de síntese, vamos apontar as principais questões que despontam das teorias expostas, visando as análises a serem realizadas no capítulo III.

A pergunta levantada no início do capítulo, o que é sujeito no atual contexto e qual o papel a ele reservado, vale também para o nosso objeto de estudo: o que é e quem é o sujeito da R.C.C.? Haveria nele uma passagem do indivíduo ao sujeito, isto é, que mobilidade teria ele para ser autor e criador da sua vida? Tena

⁵⁰ PRANDI, Reginaldo/PIERUCCI, Antônio Flávio. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1996. p. 260

⁵¹ PRANDI, Reginaldo. As bases sociais do catolicismo carismático. In: PRANDI, Reginaldo (Org.). *Um sopro do Espírito*. São Paulo. EDUSP, 1997. p. 160.

capacidade de transformá-la combinando a “racionalidade” religiosa e a “imaginação criadora”? Qual seria o nível da sua liberdade individual ante a doutrina teológica carismática já estabelecida; seriam eles totalmente submissos a uma vontade divina que tudo provê, provê e observa para recompensar ou punir? Não estaria o sujeito carismático atrelado à meta-narrativa do catolicismo tradicional? Dentro desse grande relato teria ele liberdade de vivenciar de maneira pessoal os pequenos relatos dos carismas individuais, inclusive de exercer os dons individuais das línguas e de curas inspiradas pelo Espírito e, nesse sentido poderia ser incluído num clima de pós-modernidade ante a modernidade religiosa conservadora? Ou estaria aí uma ambiguidade ou até uma contradição própria da pós-modernidade vivendo eles uma tensão: a “libertação” pelo Espírito ao lado das amarras da moral tradicional? Se o rosto do ser humano na atualidade se caracteriza pelo efêmero, pelo descartável, pelo desenraizamento, o sujeito da R.C.C. não estaria na contramão dessa caracterização manifestando firmeza, enraizamento, estabilidade, ancorado em certezas absolutas? Se “a cultura-mundo” representa uma universalização da cultura mercantil que passou a penetrar todas as esferas d existência humana, não representaria o sujeito da R.C.C. um oásis indo na contramão dessa cultura abraçando a “lógica” da concorrência com as outras religiões, a competição e o desempenho ou eficiência na luta restauradora do catolicismo? Estaria, este sujeito revitalizado, impregnado de uma cultura “pós-secular” ou de um “pós-secularismo, dando razão aos que veem na pós-modernidade um campo no qual, em certo sentido, acontece um “retorno” do sagrado tradicional católico? Não iria ele na contramão da religiosidade “liquida” e do caráter transitório do sujeito religioso? São questões que despontam deste primeiro capítulo e requerem um diálogo com o terceiro, no qual elas, se não exaustivamente respondidas, serão discutidas, ao buscarmos as características do sujeito religioso da R.C.C. Mas, para chegar lá, é necessário apresentar e estudar a Instituição onde nasce, se constitui e age esse sujeito: a R.C.C. É o tema do próximo capítulo.

Capítulo II – Origem e trajetória da Renovação Carismática Católica. Situação no Brasil e finalidades.

Para compreendermos as características do sujeito religioso no âmbito da R.C.C. é necessário ter uma visão ampla e clara desse Movimento. Tal é o objeto deste capítulo.

2.1- As origens e a trajetória da Renovação Carismática Católica.

Ao se buscar as origens da renovação Carismática Católica deve-se, como bem apontou Brenda Carranza⁵², inseri-la num contexto histórico mais amplo, que remonta a um abrangente movimento de pentecostalização. Tal movimento tem as suas raízes no protestantismo norte-americano do final do século XIX e início do XX: os chamados *Holiness Revival*.

Oficialmente, contudo, a renovação Carismática Católica nasceu nos Estados Unidos, no ano de 1967. Nessa perspectiva, o seu ponto de partida teria sido um retiro espiritual realizado na Universidade de Duquesne, Pittsburgh, na Pensilvânia, onde se reuniram cerca de 30 leigos católicos que desejavam experimentar a ação e a transformação que o Espírito Santo poderia operar na vida das pessoas, buscando um novo fundamento para a vida espiritual que não fosse resultante da ação humana.

Os participantes desse retiro haviam tomado contato com grupos ligados a um movimento que ficou conhecido como Avivamento Protestante. Esse movimento ocorreu nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960, contando com a participação de jovens de diversas igrejas protestantes que buscavam uma maior espiritualidade. Na perspectiva dos seus participantes esse Avivamento se inseria na mesma linha dos *Holiness Revival* do final do século XIX e início do XX.

Patti Mansfield, participante do retiro da Universidade de Duquesne, relatou a seguinte experiência vivida durante aquele retiro:

⁵² CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, Brenda/ MARIZ, Cecília/CAMURÇA, Marcelo (Org.) *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida. Ideias e Letras, 2009.

Eu cheguei a escrever num papel 'quero presenciar um milagre', relata Patti Mansfield, quero sentir a presença do Senhor!... Quando estava sozinha na capela, de repente, tive uma sensação incrível, estava prostrada no chão, parecia flutuar, tive uma paz incrível. Tive a certeza de que estava na presença do Senhor, não vi nada, nenhuma imagem, apenas senti a presença Dele. Eu quis dividir essa experiência com outros estudantes, chamei-os à capela e nós todos sentimos a sensação de fogo nas pontas dos dedos, sentimos uma pressão *forte* na garganta, vontade de falar com Deus e de rezar, ao mesmo tempo, naquele momento nós todos tivemos a certeza de que fomos batizados no Espírito Santo. [Patti Gallagher Mansfield, Globo Repórter, TV Globo, 18-08-92]⁵³

De acordo com Prandi, Campos e Pretti⁵⁴, a experiência vivenciada pelos estudantes de Duquesne teria operado uma transformação espiritual profunda em suas vidas. Os estudantes Ralph Martin e Steve Clark, à época ligados aos cursinhos de cristandade, decidiram dedicar suas vidas integralmente a Deus e fundaram a comunidade Mundo de Deus, em Ann Arbor, uma cidade universitária localizada no estado do Michigan que, então, reunia católicos e protestantes, sendo os últimos minoria. Apesar de informal, no início, a comunidade em questão foi se estruturando e se expandindo. Paralelamente ao tempo dedicado à oração, havia serviços de visitas a prisões, hospitais, etc. A partir daí, lançava-se as bases para um movimento pentecostal dentro da própria Igreja Católica: a Renovação Carismática Católica.

Esse processo que levou ao surgimento da R.C.C. inseriu-se, justamente, no contexto do *aggiornamento* vivenciado pela Igreja Católica na década de 1960, cujo ápice se deu com as novas diretrizes apontadas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965). Se por um lado, essas diretrizes abriram caminho para uma teologia francamente voltada para as questões de ordem social, por outro lado também comportaram o impulso para uma teologia de caráter francamente conservador. É interessante notarmos que tanto a Teologia da Libertação como a Renovação

⁵³ Citado em CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade estadual de Campinas, 1998. p. 19.

⁵⁴ PRANDI, Reginaldo/CAMPOS, André Gambier/PRETTI, Rogério Abramo. A Renovação Carismática Católica. In: PRANDI, Reginaldo. *Um Sopro do Espírito*. p. 33.

Carismática Católica proclamam o Concílio Vaticano II como sendo seu ponto de partida, embora as posições político-religiosas da RCC estejam bem mais próximas das conclusões do Concílio Vaticano I (1869-1870).

No então chamado Terceiro Mundo e no Brasil, em particular, onde se vivia o auge da ditadura militar, a Igreja Católica acabou gerando dois grupos com propostas antagônicas: as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), pautadas na Teologia da Libertação e a RCC. Sendo que os dois grupos buscavam a sua legitimação nas transformações vividas pela Igreja na década de 1960.

Como bem apontaram Prandi, Campos e Pretti,

Na década de 70, a Igreja Católica brasileira mostrou-se como a mais progressista de toda a América latina. Foi aqui que as CEBs se tornaram modelo para a Igreja dos países do Terceiro Mundo. Aqui se formou, sob a tutela da Igreja, toda uma militância política de esquerda. Nos dois primeiros anos do pontificado de João Paulo II houve um relacionamento amistoso do Vaticano com a Igreja popular; depois disso muita coisa mudou. Em carta apostólica endereçada aos bispos brasileiros em dezembro de 1980, prega que “a Igreja não deve se envolver em questões sociais em detrimento de sua missão especificamente religiosa” (Higuet, 1984). O Papa, de fato, tomou muitas medidas contrárias ao movimento da Igreja popular.

[...] Na mesma época, em um dos seus discursos, o Papa insistia que na América latina era preciso optar por uma Igreja despolitizada: “Vocês não são líderes políticos ou sociais, nem oficiais de um poder temporal”. [...] ⁵⁵

Foi em meio a esse contexto que a RCC foi ganhando rapidamente espaço no Brasil. Para tanto também contribuiu o refluxo dos movimentos sociais de uma maneira geral, a partir do final da década de 1980 e durante a década de 1990. Esse refluxo foi agravado pela crise teórica do pensamento de esquerda que, naquele contexto, encontrava-se incapaz de apresentar alternativas para a mudança social. A isso tudo veio somar-se a capacidade que a RCC demonstrou em incorporar elementos religiosos como o êxtase coletivo, as curas e os milagres.

⁵⁵ PRANDI, Reginaldo/CAMPOS, André Gambier/PRETTI, Rogério Abramo. In Prandi, Reginaldo. *Op. cit.* p. 31-32.

Da sua chegada ao Brasil à plena afirmação no meio eclesial, Brenda Carranza⁵⁶ identificou três fases pelas quais passou a RCC. Numa primeira fase deu-se a disseminação do legado espiritual, promovendo, numa perspectiva durkheimiana, a emergência de inúmeras comunidades efervescentes. Na segunda fase deu-se o que a autora denominou, na perspectiva weberiana, de rotinização do carisma. Ou seja, as expressões incomuns do Espírito Santo passaram a serem cada vez mais comedidas e “racionais”, como os sermões, os serviços, os rituais religiosos organizados e a autoridade e a ortodoxia doutrinária.

Assim, as duas primeiras fases corresponderiam ao que se poderia chamar de etapa funcional. Finalmente, a terceira fase corresponde à fase do “catolicismo midiático”. Ela representaria a fase do catolicismo das multidões, registrado na segunda metade do século passado. Para Carranza, comandado sob a égide da autoridade e da doutrina, o desempenho do catolicismo de massas representa um alinhamento nítido às doutrinas do Vaticano.

Enquanto Carranza aponta, em 2009, um alinhamento às doutrinas do Vaticano, o P^e. Alberto Antoniazzi⁵⁷ reconhecia, em 1994, dois tipos de posicionamento no seio da Igreja Católica em relação à R.C.C.. De um lado aqueles que a julgavam demasiadamente espiritualista e intimista, além de pouco sensível aos problemas sociais. De outro lado aqueles que a consideravam uma resposta à expansão pentecostal.

Se, para muitos autores a R.C.C. pode ser interpretada como um movimento que, ao introduzir o acesso direto ao sagrado, tende a promover lideranças autônomas e leigas que, conseqüentemente, levam à autonomização em relação à hierarquia eclesiástica, essa autonomização tende, evidentemente, a produzir um choque com essa mesma hierarquia. Daí a busca, por parte da Igreja, pela institucionalização desses movimentos tendentes à autonomia.

⁵⁶ CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, Brenda/ MARIZ, Cecília/CAMURÇA, Marcelo (Org.) *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida. Ideias e Letras, 2009.

⁵⁷ ANTONIAZZI, Alberto. A Igreja Católica face à expansão do pentecostalismo. In: ANTONIAZZI, A. *et al. Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis. Vozes, 1994. p. 19.

Conforme observou Luiz Roberto Benedetti,

Respostas divergentes, de caráter inovador, como as Comunidades de base e Renovação Carismática não sobrevivem sem apoio e a bênção da Instituição. A capacidade política por parte da instituição, de absorver (colocar sob controle) ou isolar a inovação ainda é um fato.

Contudo, o que se observa é que se

[...] Essa capacidade de cooptação por parte da Igreja Católica e, de parte dos grupos, à necessidade de legitimação “visível” ainda são um dado [...] a submissão é cada vez mais retórica, servindo de “biombo” a práticas divergentes do ensinamento oficial. Não há por parte dos que se desviam da norma oficial nenhum drama de consciência.⁵⁸

Passemos agora a uma análise mais detalhada sobre a trajetória e o progressivo crescimento da R.C.C. no Brasil.

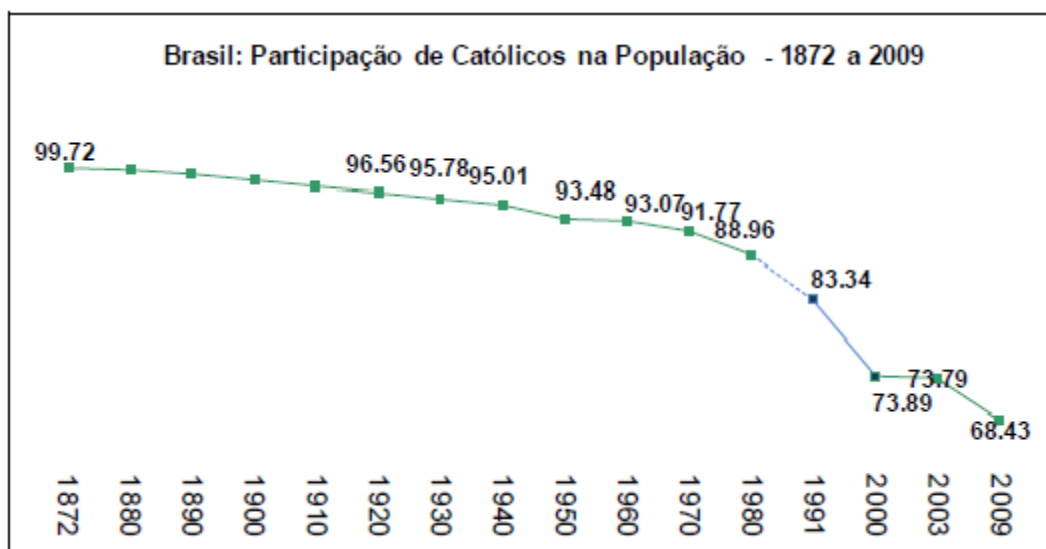
2.2- A situação da Renovação Carismática no Brasil.

Num artigo⁵⁹ produzido a partir da pesquisa Novo Mapa das Religiões, realizada em 2011 pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas – COS/FGV, Marcelo Côrtes Neri e Luísa Carvalhares Coutinho de Melo apontaram que, apesar da nova queda significativa do catolicismo no Brasil, verificada entre 2003 e 2009, o Brasil caminha para se tornar a maior economia católica do mundo.

⁵⁸ BENEDETTI, Luiz Roberto. Novos rumos do catolicismo. In: CARRANZA, Brenda/ MARIZ, Cecília/CAMURÇA, Marcelo (Org.) *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida. Ideias e Letras, 2009. Pp. 18-19.

⁵⁹ NERI, Marcelo Côrtes/NELO, Luísa Carvalhares Coutinho de. Novo Mapa das Religiões. In: *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, nº. 23, out./dez. 2011. Pp. p. 637-673.

Brasil: participação de Católicos na População – 1872 a 2009



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e micro dados do IBGE 1872-2009⁶⁰.

Conforme apontaram os autores citados,

O Brasil não só é o país com o maior contingente de católicos do mundo como é o emergente católico dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e, agora, África do Sul). Dentre os 27 estados da União Europeia em crise, o grupo dos PIIGS (Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha) é essencialmente católico. [...]

A França, a maior economia católica do mundo, passou por um ataque especulativo na origem da instabilidade financeira atual. O Produto Interno Bruto – PIB do Brasil ultrapassou no final de 2011 os do Reino Unido e irá, segundo previsões do Fundo Monetário Internacional – FMI, ultrapassar até 2015 o PIB da França para se tornar também o maior produto interno bruto predominantemente católico do mundo. Agora, para que a renda nas mãos dos católicos suba ao topo a esse ponto, a economia brasileira terá de andar mais rápido do que a queda do catolicismo no país⁶¹.

⁶⁰ Citado por NERI, Marcelo Côrtes/MELO, Luísa Carvalhares Coutinho de. *Op. Cit.* p. 638.

⁶¹ NERI, Marcelo Côrtes/MELO, Luísa Carvalhares Coutinho de. *Op. Cit.* Pp. 640-641.

Ao analisarmos o atual panorama religioso brasileiro, deparamo-nos com dados que, sob um olhar superficial, podem parecer contraditórios. O Brasil vivencia uma acentuada queda no número de adeptos do catolicismo e, ao mesmo tempo, caminha para tornar-se a maior economia católica do mundo. Além disso, num contexto em que a Igreja Católica vem progressivamente perdendo fiéis para as igrejas de matiz neopentecostal, observa-se em seu interior um fenômeno que alguns estudiosos qualificaram como “reconversão” ou “refiliação religiosa”. Ou seja, fiéis que tem redescoberto uma identidade religiosa até então vivida somente de forma superficial. Nesse sentido a R.C.C. tem tido um papel determinante.

Na realidade, esse movimento de “reconversão” ou “refiliação religiosa” pode ser observado desde o final da década de 1960, com o advento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) no cenário católico brasileiro. Interessamos, no contexto da pesquisa ora proposta, investigarmos a ascensão da RCC nesse cenário e as razões pelas quais ela não só ultrapassou as CEBs nesse referido movimento, mas também, as razões do seu crescimento contínuo.

Lemuel Guerra, que há tempos pesquisa a RCC, aponta caminhos para o entendimento desse processo através do *Paradigma do Mercado Religioso*, formulado por autores como Laurence R. Iannaccone, Peter Berger⁶².

Para Guerra,

A lógica mercadológica sob a qual a esfera da religião opera produz, entre outras coisas, o aumento da importância das necessidades e desejos das pessoas na definição dos modelos de práticas e discursos religiosos a serem oferecidos no mercado. Ao mesmo tempo, demanda das organizações religiosas maior flexibilidade em termos de mudança de seus “produtos” no sentido de adequá-los da melhor maneira possível para a satisfação da demanda religiosa dos indivíduos⁶³.

Nessa perspectiva, o período compreendido entre o final da década de 1960 e o final da década de 1980, – período esse que, em sua maior parte

⁶² BERGER, P. L. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo. Paulinas, 1985.

⁶³ GUERRA, Lemuel. *As influências da lógica mercadológica sobre as recentes transformações na Igreja Católica*. In: Revista de Estudos da Religião, nº 2, 2003. Pp. 01-28. p. 01.

coincide com a instalação de um regime de caráter ditatorial – foi marcado pela multiplicação das CEBs em todo o país. Naquele contexto, sob os ventos da Teologia da Libertação, a Igreja brasileira adotou uma postura que a tornou campo fértil para uma religiosidade de caráter intelectualizado e politicamente engajado. Além disso, a demanda de grupos politizados por espaços de expressão num momento em que o país enfrentava uma conjuntura de autoritarismo político, repressão e perseguições, contribuiu para tornar a Igreja um “refúgio” para diversos grupos politicamente engajados. Daí o avanço e a multiplicação das CEBs por todo o país.

Nesse sentido, cabe novamente citar Lemuel Guerra, quando esse autor afirmou que

Se, por um lado, a Igreja ganhava em visibilidade na sociedade, já que, investida de um poder moral decorrente de sua posição social, enfrentava o governo abertamente, por outro lado favorecia os concorrentes dentro do mercado religioso brasileiro, que ofereciam justamente modelos de religiosidade despolitizados, dirigidos para uma visão mais extramundana das práticas e discursos religiosos e dedicados ao provimento de alternativas para as dificuldades cotidianas das pessoas, tais como o desemprego, as doenças, as complicações na vida familiar e outras dessa ordem. Sob as condições macrossociais mencionadas, os pentecostais e afro-brasileiros ganham um espaço considerável de atuação.⁶⁴

O que se passou a constatar foi – mesmo com o aumento exponencial da exclusão social verificada principalmente a partir dos governos dos dois últimos presidentes militares – uma progressiva perda de fiéis que, apesar da “opção preferencial pelos pobres” proclamada pela Igreja latino-americana e, no caso, brasileira, não aceitava o formato secularizado e racionalizado de vivência religiosa propugnado no âmbito das CEBs. A isso veio se somar ainda o que poderíamos qualificar como uma guinada conservadora na Igreja verificada no pontificado de João Paulo II.

Mais do que em razão de uma mudança do campo “progressista” para o “conservador”, ocorrida na Igreja a partir da entronização de Karol Wojtyła na Cátedra de São Pedro, acreditamos que a ascensão da R.C.C. no Brasil se insere

⁶⁴ Ibid, , p. 07.

num contexto de concorrência no “mercado religioso” brasileiro onde o “produto” buscado pela maioria dos fiéis não era aquele “fornecido” pelas CEBs. Ao perceber a migração de fiéis, principalmente para as igrejas de matiz pentecostal e neopentecostal a hierarquia católica passou a apoiar o florescimento do Movimento de Renovação Carismática que, como apontou Lemuel Guerra⁶⁵, passou a ser a sua principal arma de competição contra essas igrejas no “mercado religioso”.

Assim, em que pese a virada conservadora no âmbito eclesial católico, as condições existentes no “mercado religioso” nacional é que tiveram um peso determinante para a ascensão da R.C.C., que permitiu que a hierarquia da Igreja atuasse em duas frentes: internamente, restringindo a ação dos setores ligados à Teologia da Libertação, mas principalmente, externamente, ao oferecer um “produto” capaz de “concorrer” no competitivo “mercado religioso” brasileiro.

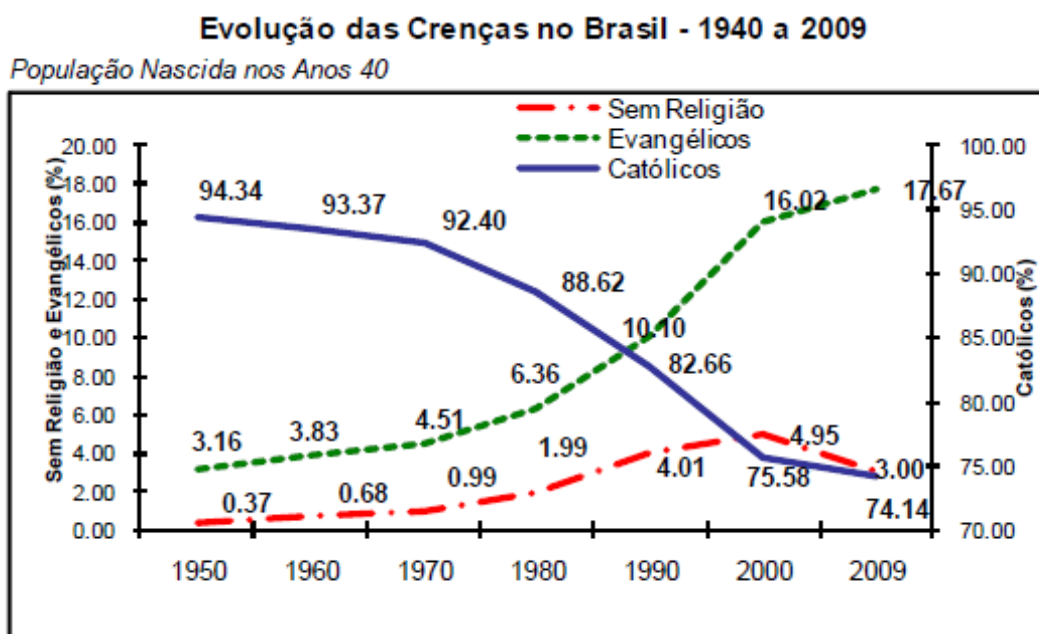
Como bem percebeu Lemuel Guerra⁶⁶, ao abrirem espaço para o prevalecimento de um determinado tipo de religiosidade em detrimento de outro, o que está em jogo para as hierarquias das instituições religiosas é, na verdade, a eficácia das visões de mundo e significados a serem oferecidos aos fiéis. Sejam eles atuais ou potenciais. Portanto, a introdução de mudanças nas práticas e nos discursos religiosos tem ligação direta com um esforço para se tornar o “produto religioso” mais “eficiente” ao atendimento das necessidades demandadas pelos fiéis e, conseqüentemente, mais “competitivo”.

Seguindo nessa perspectiva de análise, o impulso da RCC pode ser explicado por duas variáveis. De um lado a reação conservadora no espaço eclesial católico e, de outro, principalmente e em sintonia com a primeira variável, as condições existentes no “mercado religioso” nacional que apontavam para uma demanda por formas de religiosidades ligadas a uma maior valorização do caráter místico, da devoção e da espiritualidade. Nesse sentido, as igrejas de matiz pentecostal e neopentecostal se apresentavam como sendo os maiores concorrentes do catolicismo.

⁶⁵ GUERRA, Lemuel. *Op. Cit*, p.07.

⁶⁶ *Ibid.*, p.07

O Gráfico abaixo evidencia essa concorrência:



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e micro dados do IBGE 1950-2009⁶⁷.

Analizando os dois maiores grupos religiosos sob a perspectiva geracional, percebemos a queda do catolicismo pelas linhas inclinadas para baixo. Analisando a geração anterior, ou seja, nascidos na década de 1940, encontramos os seguintes índices: a taxa passa de 94,34% em 1940 (quando tinham entre 0 e 9 anos de idade) para 88,62% em 1980 (entre 30 e 39 anos de idade), 75,58% em 2000 (cinquentões) e 74,14% em 2009 (referente àqueles com mais de 60 anos). O grupo de evangélicos caminha em direção contrária⁶⁸.

É também a partir de 1990 que acontece a grande "explosão" da Renovação Carismática que atinge milhões de brasileiros. Antônio F. Pierucci e Reginaldo Prandi, por ocasião das

⁶⁷ Citado por NERI, Marcelo Côrtes/MELO, Luísa Carvalhães Coutinho de. Novo Mapa das Religiões. In: *Horizonte*, Belo Horizonte, p. 646.

⁶⁸ NERI, Marcelo Côrtes/MELO, Luísa Carvalhães Coutinho de. Novo Mapa das Religiões. In: *Horizonte*, Belo Horizonte, p. 646.

eleições de 1994, realizaram um levantamento quantitativo sobre a Renovação Carismática no Brasil (Tabela 3)(10).⁶⁹

Tabela 3. Religiões no Brasil – população adulta	
Religião	No. Total de fiéis (em milhões)
Católicos: Tradicionais	61,4
Carismáticos	3,8
CEBs	1,8
Outros Movimentos	7,9
Evangélicos: Históricos	3,4
Pentecostais	9,9
Kardecistas	3,5
Afro-brasileiros: Umbanda	0,9
Candomblé	0,4
Outras	2,0
Nenhuma	4,9

Ao pensarmos a religiosidade na perspectiva de um “produto” a ser oferecido num “mercado” extremamente competitivo, devemos levar em conta a consequente ocorrência de certa padronização em relação ao referido “produto”. O que, alias, foi previsto por Peter Berger⁷⁰. Evidentemente os fiéis e a própria Igreja se veem diante de problemas ligados à questão da identidade religiosa, enfrentando pressões tanto no campo das semelhanças como das diferenças. No caso da R.C.C. a “demarcação de território” se expressa no culto à Maria e na submissão à autoridade pontifícia. Outras diferenças que podem ser observadas entre carismáticos e pentecostais estão na questão da contribuição financeira e na Teologia da prosperidade, aspectos bastante enfatizados pelos últimos.

Outra importante questão a ser observada acerca da R.C.C., diz respeito àquilo que Faustino Teixeira definiu como o “papel ambivalente” exercido por esse movimento no interior da Igreja Católica. Segundo esse autor,

⁶⁹ Ver no site www.rccbrasil.org.br/internaphp? Paginas 37. Acesso e, 20 de novembro de 2013.

⁷⁰ BERGER, P. L. *O Dossel Sagrado*. Elementos para uma sociologia da religião

De um lado [a R.C.C.], insere-se numa estratégia de clara afirmação identitária e de zelo pela doutrina católica tradicional; de outro, favorece uma dinâmica espiritual que acaba incidindo numa perspectiva de auto nominação e transversalidade com respeito ao catolicismo oficial. Em razão dessa ambivalência, a instituição oficial católica oscila entre o incentivo e o temor. A RCC é vista positivamente como um instrumento importante na estratégia de recatolização em curso, mas simultaneamente torna-se motivo de controvérsia em razão de sua dinâmica autonomista, que pode significar uma ameaça ao modelo vigente de catolicismo clerical.⁷¹

Do ponto de vista histórico, pode-se afirmar que a R.C.C. não chegou ao Brasil como um movimento já organizado. Quando da sua chegada, não havia qualquer órgão ou instância que centralizasse o movimento. Em linhas gerais, a organização nacional e a internacional tiveram desenvolvimento simultâneo. Só bem mais tarde foi que surgiu o *International Catholic Charismatic Renewal Service* – ICCRS. Em suas análises, Brenda Carranza⁷² divide a história da R.C.C. no Brasil em três fases, a saber:

1ª – A fase fundacional, onde houve a estruturação do movimento no Brasil, entre as décadas de 1960 e 1970;

2ª – A fase social e cultural, na qual se consolidou um estilo de evangelização a partir da música e da oração;

3ª – A fase midiática, quando ocorreu a proliferação da RCC por intermédio dos meios de comunicação de massa.

Para o estudo ao qual nos propomos neste trabalho, interessa-nos, em particular, a 3ª e atual fase da RCC, cujas características bem descreveu Faustino Teixeira. Conforme observou esse autor,

Um importante fenômeno emergente no campo religioso brasileiro é o do catolicismo midiático, que se encontra relacionado com a diversificação da experiência da Renovação Carismática Católica. Essa nova malha católica envolve “diversas práticas e grupos religiosos que podem ser

⁷¹ TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: *Revista USP*, São Paulo, nº 67, setembro/novembro 2005. Pp. 14-23. p. 20.

⁷² CARRANZA, Brenda. . Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, Brenda/ MARIZ, Cecília/CAMURÇA, Marcelo (Org.) *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida. Ideias e Letras, 2009.

aglutinados sob o imenso guarda-chuva chamado Renovação Carismática Católica que, junto a outros setores eclesiais, implementaram outro jeito de ser Igreja”. É, sobretudo, em razão de sua presença nos meios de comunicação de massa que a RCC marcou uma nova atuação pública na sociedade brasileira. Esses meios de comunicação foram também os instrumentos privilegiados que ela encontrou para fazer frente ao progressivo processo de “destraditionalização” em curso na sociedade brasileira e apostar na reinstitucionalização católica⁷³.

Essa presença midiática será trabalhada detalhadamente no capítulo III.

2.3 - As finalidades da renovação Carismática Católica.

Conforme já apontamos anteriormente, tanto a Renovação Carismática como as Comunidades Eclesiais de Base são movimentos que se inserem no processo de “*aggiornamento*” verificado no bojo das mudanças propostas pelo Concílio Vaticano II. Tanto as Comunidades Eclesiais de base quanto a Renovação Carismática reivindicam a mesma filiação.

No caso específico do Brasil, os dois movimentos – CEBs e R.C.C. – inserem-se num contexto de reação da Igreja Católica a um processo de perda de fiéis para outras formas de manifestação religiosa, especialmente as igrejas cristãs de protestantes de matiz pentecostal.. Se, por um lado, ambos os movimentos não conseguiram reverter esse quadro de perda de fiéis verificado nas últimas décadas (o que, aliás, é sobejamente comprovado por diversas pesquisas), por outro lado promoveram um fenômeno de “reconversão” ou “refiliação religiosa” no âmbito do próprio catolicismo, como também já apontamos anteriormente.

Se num primeiro momento as CEBs ganharam impulso como acreditamos, especialmente em razão do contexto político vivenciado pela América Latina e pelo Brasil, em particular, entre a segunda metade da década de 1960 e a primeira metade da década de 1980, a mudança nesse contexto e as características e objetivos da Renovação Carismática colocaram-na na condição de protagonista desse processo de “reconversão” ou “refiliação”, no âmbito do catolicismo brasileiro. Passaremos agora a discutir esses objetivos.

⁷³ TEIXEIRA, Faustino. *Op. Cit.* p. 21.

Muitos pesquisadores como Cecília Mariz⁷⁴ têm afirmado que uma das principais características da religiosidade contemporânea tem sido a ênfase na experiência sobre a organização ou a instituição religiosa. Ou seja, a demanda por parte dos fiéis está ligada essencialmente à necessidade de mensagens e/ou experiências de caráter místico. Trata-se, portanto, de uma demanda que assume feições individualistas. E é, justamente, o que o movimento da Renovação Carismática propõe. Ou seja, valorizar a importância do indivíduo, através da ênfase nos sacramentos, na oração e numa vivência religiosa permeada pelo emocional, pelos milagres e pelas manifestações do Espírito Santo.

Diversos líderes e adeptos da Renovação Carismática recusam a denominação de “movimento”. Para eles a R.C.C. se constitui numa verdadeira renovação operada no interior do próprio catolicismo, defendendo a ideia de que o Espírito Santo tem atuado somente na R.C.C., que teria como missão operar uma transformação tanto na Igreja quanto no conjunto da sociedade. Tal postura, por parte de alguns membros da R.C.C., tem gerado alguns atritos com a hierarquia eclesiástica.

Conforme afirmou Flávio M. Sofiati,

Tanto no Brasil como no exterior parecia estar clara a natureza do movimento carismático: uma experiência pessoal e íntima de comunicação com Deus e seu objetivo de torná-lo universal com experiência dentro da IC e a necessidade de enfatizar o caráter de movimento espiritual acima de qualquer estrutura eclesial⁷⁵.

Nesse sentido, portanto, a R.C.C. coloca entre as suas finalidades a busca de uma ética individual e de um aperfeiçoamento moral contínuo por parte dos seus adeptos. Finalidades essas que produzem, além de uma redefinição nas relações pessoais do indivíduo, uma vivência intensa da religiosidade no âmbito das atividades da R.C.C.. Portanto, os objetivos desse movimento se voltam para uma renovação interior e, assim sendo, qualquer tipo de intervenção no campo social deve ser resultado de um amadurecimento pessoal.

⁷⁴ MARIZ, Cecília Loreto. *Op. Cit.*

⁷⁵ SOFIATI, Flávio Munhoz. Elementos sócio-históricos da Renovação Carismática Católica. In: *Estudos de Religião* – volume 23 – nº 37, Jul/Dez, 2009. p. 219.

Para alguns estudiosos como João Batista Libânio⁷⁶, a R.C.C. incorpora uma espécie de “espírito do momento”, não defendendo nenhuma pretensão de construção de uma nova Igreja. Tal postura se alinha com as orientações emanadas do papado a partir do pontificado de João Paulo II, especialmente no que diz respeito à opção pela despolitização da Igreja. Em linhas gerais, o que a RCC busca não é, propriamente, incutir um novo conteúdo cristão que implique em novos valores ou comportamentos. Trata-se de uma renovação modernizante no que diz respeito a uma experiência religiosa mais participativa. Mas, ao mesmo tempo, a busca dessa experiência se pauta na tradição, na doutrina romana e na procura de uma santificação pessoal e da contínua prática sacramental. Portanto, uma renovação de cunho nitidamente conservador.

Em síntese a R.C.C. aparece no cenário religioso como um processo mimético da pentecostalização do protestantismo que surgiu nos Estados Unidos da América do Norte. Tanto a R.C.C. quanto a Teologia da Libertação tem como ponto de partida o Concílio Vaticano II, exatamente devido à ambivalência das interpretações daquele magno evento.

Num primeiro momento, prevaleceu uma leitura dita “progressista” que via no “aggiornamento” uma ruptura com o passado tradicionalista e a abertura para uma nova visão da Igreja e de seu poder e uma concepção de uma missão como um evento profético, optando decididamente pelo social e pela libertação da sociedade das injustiças e da opressão dos pobres e dos marginalizados.

Foi a linha que prevaleceu nas duas primeiras décadas Pós-Concílio. Mas ao lado dela surgiu e foi crescendo uma segunda leitura do Concílio, que nega a ruptura e enfatiza a continuidade com a doutrina tradicional da Igreja, reafirmando a centralidade do seu poder hierárquico e contestando o papel sócio-político libertador das bases eclesiais reunidas em comunidades. Esta visão foi abraçada pela RCC e por outros movimentos conservadores no seio da Igreja Católica e com o apoio dos Pontificados de João Paulo II e Bento XVI se tornou hegemônica marginalizando as comunidades de base de libertação e a sua teologia.

Nos seus primeiros recebidos com cautela pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, foi ganhando rapidamente acolhida nas dioceses e paróquias,

⁷⁶ LIBÂNIO, J. B. *Cenários da Igreja*. São Paulo. Loyola, 1999.

cresceu, internacionalizou-se e se tornou o braço direito do movimento restaurador da Igreja Católica, como um novo Pentecostes no final do século XX.

Nesse movimento, que privilegia a experiência pessoal e íntima de comunicação com Deus, pela Infusão do Espírito, e a vivência dos seus dons é que nascem, vivem, agem e reagem os seus sujeitos, cujas características serão expostas e discutidas no próximo capítulo.

Capítulo III - O sujeito religioso da Renovação Carismática Católica e suas características.

Tendo apontado, no primeiro capítulo, os dados teóricos sobre sujeito, pós-modernidade, hipermodernidade e o sujeito religioso na condição pós-moderna e tendo traçado, no segundo capítulo, os dados fundamentais sobre a RCC no Brasil, acreditamos ter colocado as bases para analisar o sujeito religioso desse Movimento. É o que faremos neste capítulo.

Nas linhas anteriores, analisamos as origens da Renovação Carismática, sua chegada e disseminação no território brasileiro. Vimos que a chegada do movimento carismático ao Brasil inseriu-se num particular momento tanto da Igreja latino-americana, em termos regionais, como da Igreja brasileira em termos locais. Engajada em questões ligadas às lutas sociais e políticas, sob a influência da Teologia da Libertação e da “opção preferencial pelos pobres”, a Igreja brasileira ocupava-se cada vez mais de questões ditas “laicas”, perdendo adeptos justamente entre os pobres aos quais dirigia o seu discurso e a sua ação.

Incapaz de produzir um discurso religioso que atendesse à demanda dos fiéis pela proximidade com o sobrenatural e que, ao mesmo tempo, abarcasse temas mais ligados ao cotidiano como saúde e prosperidade material, a Igreja Católica passou a sofrer a concorrência cada vez mais agressiva das igrejas protestantes de matiz pentecostal, cujo discurso vem justamente ao encontro de tais demandas. Assim, se inicialmente o movimento carismático não foi bem recebido pela hierarquia eclesiástica, a ameaça crescente da perda de fiéis e a reorientação teológica pela qual a Igreja passou a partir do pontificado de João Paulo II, fizeram com que o movimento carismático ganhasse outra dimensão para a própria hierarquia católica.

Foi com base nessa constatação que o pesquisador Marcos Eliezer da Silva Souza, a partir da leitura do trabalho de Elena Krautstoft⁷⁷, da Universidad Nacional de Misiones, na Argentina, pode afirmar que,

⁷⁷ KRAUTSTOFT, Elena. *La Communitas Carismática en el Umbral del Tercer Milenio*. Trabalho apresentado durante as VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo, 22 a 25 de setembro de 1998.

O movimento dos carismáticos emerge como parte de uma Igreja Católica que está em plena reestruturação e quer capturar as “almas perdidas” que foram abrigadas por outras religiões. A Igreja Católica tradicional como também a ordem eclesiástica do Vaticano vê no movimento carismático uma arma eficaz para defender e reconquistar os territórios perdidos para pentecostais, religiões afro-brasileiras e religiões orientais.

⁷⁸

Se, de fato, o movimento carismático constitui-se como elemento de uma Igreja em “reestruturação” cabe perguntar: quem é o sujeito partícipe da R. C. C.? Quais são as suas características?

3.1 – Um pentecostal católico?

Para o P^e. Alberto Antoniazzi⁷⁹ que percebe a Renovação Carismática como uma expansão ou – por que não dizer? – uma espécie de “ramificação” do diversificado pentecostalismo nacional. E aí, cremos, está o ponto de partida para situarmos a RCC dentro do amplo espectro do Catolicismo brasileiro e, ao mesmo tempo, para diferenciar as características dos seus sujeitos das práticas católicas tradicionais. Em linhas gerais, do ponto de vista teológico, a noção de pentecostalismo está ligada ao Pentecostes narrado no Livro dos Atos dos Apóstolos. Ou seja, o momento segundo o qual o poder do Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos reunidos no cenáculo. Assim, como bem lembrou Marcos Eliezer da Silva Souza⁸⁰, pode-se entender por prática pentecostal qualquer atividade que envolva a ação do Espírito Santo na vida do crente. É a partir da ênfase na ação do Espírito que os diversos grupos pentecostais, inclusive o católico, se distinguem na forma de vivenciar a sua fé.

⁷⁸ SOUZA, Marcos Eliezer da Silva. Contradição básica da Renovação Carismática Católica: continuidade ou ruptura? In: *Revista Científica da UFPA* – Edição nº 01, março de 2001. p. 03.

⁷⁹ ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo.* .

⁸⁰ SOUZA, Marcos Eliezer da Silva. Contradição básica da Renovação Carismática Católica: continuidade ou ruptura? In: *Revista Científica da UFPA* – Edição nº 01, março de 2001.

Nessa perspectiva, os sujeitos da R. C. C. têm como ponto fulcral de sua identidade o Pentecostes relatado no livro dos Atos dos Apóstolos. Ou seja, cada grupo carismático tem como objetivo principal reviver em seu meio um pentecostes, como aquele relatado na Bíblia. O êxtase religioso, as manifestações do Espírito Santo através dos chamados dons e carismas são elementos sempre presentes nas reuniões dos grupos carismáticos. Essa presença do sobrenatural pode ocorrer seja através da oração, de um hino, de uma pregação ou mesmo através de movimentos corporais como as palmas e a dança. Nessas práticas parece evidente uma aproximação com o pentecostalismo dos evangélicos.

3.2 – Um sujeito pessoalmente reorientado

Diferente do catolicismo tradicional, cuja ênfase se dá na dimensão coletiva da vivência da fé (“... então haverá um só rebanho, um só pastor.” João 10:16.), os sujeitos da R.C.C. constituem pela união individual e renovada com Deus através da ação do Espírito Santo (“Se alguém me ama guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada.” João 14:23.). Assim, ao contrário do que se observa em outras formas e dimensões de vivência da fé católica como, por exemplo, na Teologia da Libertação, as narrativas de libertação social estão ausentes no discurso carismático.

Como bem percebeu Marcos Eliezer da Silva Souza,

[...] O ingresso de uma pessoa na renovação carismática, resulta de crises da vida como: desorientação psicológica, problemas conjugais, dificuldades financeiras, doenças, vícios em drogas ou álcool e conflito familiar. Neste caso a adesão ao pentecostalismo católico pode ser pensada da mesma natureza que é visto em outras religiões pentecostais ou mediúnicas. Uma pessoa que sofre de uma enfermidade e após já haver recorrido aos médicos e não tendo encontrado saúde, geralmente, acaba tornando-se um adepto fiel de um movimento religioso, quando este lhe proporciona a cura de sua doença. No entanto, a conversão a uma denominação religiosa, carismática ou pentecostal, não acontece apenas por estes motivos, ocorre também, por exemplo, no dizer dos

carismáticos de o Espírito Santo tocar/convencer as pessoas a serem cristãs.⁸¹

Nesse sentido, portanto, o sujeito carismático é alguém que, no âmbito do catolicismo, vive a sua religiosidade não apenas como uma forma de identidade social, mas a partir de uma total reorientação pessoal. A adesão religiosa se dá como uma escolha individual. O sujeito da R. C. C. é, antes de tudo, alguém que busca uma religiosidade de caráter intimista, voltada para a vida privada e familiar. Um dos aspectos mais importantes da teologia carismática é a noção do “senhorio de Jesus Cristo”: Jesus é dono de tudo, cura e liberta. Contudo, a presença e a ação de Jesus se dão por meio do Espírito Santo. Assim, o objetivo desse sujeito é ser “dominado” pela ação do Espírito, transportando muitas vezes as instâncias decisórias de sua vida para um plano que se coloca fora da racionalidade do consumismo hipermoderno e secular. Essa “reorientação” da vida, o antes e o depois, ficaram claros no Depoimento de Jairo. Solicitado a dizer sobre o sujeito que ele era antes e o que mudou após o ingresso no Movimento, ele respondeu:

Digo que eu era um católico light (de baixas calorias espirituais) e também turista.

Ou seja, de vez em quando ia à igreja. Hoje, ir à Santa Missa é acima de uma obrigação, um desejo e uma vontade enorme. A Eucaristia, a Palavra, a Vida em comunidade me faz falta. Sempre achei que podia fazer tudo, com os meus conhecimentos, com a minha experiência, eu julguei que nem precisava de Deus, tanto que mal o procurava. Antes do ano de 2000, não lia a palavra de Deus. Hoje não inicio o meu trabalho sem ao menos ler o evangelho do dia. Ao levantar, convido o Espírito Santo para juntos vivermos aquele dia. E é tão simples dizer:- Bom Dia Espírito Santo, o que vamos fazer juntos hoje, e deixar que o Espírito Santo possa dirigir verdadeiramente o meu dia.

(Testemunho de Jairo – Apêndice, Resposta nº 10).

⁸¹ SOUZA, Marcos Eliezer da Silva. Contradição básica da Renovação Carismática Católica: continuidade ou ruptura? In: *Revista Científica da UFPA* – Edição nº 01, março de 2001. p. 5-6.

3.3 – Um sujeito pré-ético?

Prossigamos na busca das características identitárias do sujeito partícipe da Renovação Carismática. Diversos estudiosos, como o já citado Reginaldo Prandi⁸², qualificaram a R.C.C. como um movimento de leigos no interior do catolicismo. Contudo, é preciso dizer mais e, para tanto, remetemo-nos novamente a Prandi⁸³. De acordo com esse estudioso, o sujeito carismático é mobilizado no contexto de uma sociedade que busca a satisfação dos próprios interesses. Assim, ainda segundo Prandi, a R.C.C. seria portadora de um *modus operante* que ele define como “pré-ético”. Nessa perspectiva, esse *modus operandi* funcionaria em contraposição a uma sociedade definida como “pós-ética”. Sociedade esta pautada na capacidade de articulação transformadora e comunitária dos sujeitos, sendo as Comunidades Eclesiais de Base um bom exemplo disso.

A expressão “pré-ética” e “pós-ética” parece um criptograma. Para entendê-la e evitar o caráter “disjuntivo” há que se recorrer ao que dizem Prandi, Rita de Cássia Telles e Góes e José Américo Justo: “Do ponto de vista da orientação da conduta, ao se preocupar quase exclusivamente com as questões de foro interno, o movimento carismático – no caso os seus sujeitos – adota, defende e programa uma moral tradicional centrada na família, na sexualidade e nos costumes estreitos da vida quotidiana”⁸⁴.

Essa concepção tradicional da moral está presente no testemunho de Jairo quando lamenta que “os valores cristãos, estão totalmente invertidos [...]. A família tem sido muito atacada. Tudo hoje é normal. Drogas, normal. Sexo normal, de qualquer jeito. O relacionamento deixou de ser algo entre um homem e uma mulher e passa no mundo a ser banalizado valendo tudo [...]”. (Apêndice, Resposta n. 6)

Para Reginaldo Prandi, os católicos adeptos da Renovação carismática estariam mais próximos de uma vivência “mágica” e, conseqüentemente, mais distantes das questões políticas. Por se tratar de uma vivência “mágica”, que

⁸² PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito*, pp. 34 e ss.

⁸³ PRANDI, Reginaldo. Perto da magia e longe da política. In: PRANDI e, R. e PIERUCCI, A.F. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo. HUCITEC, 1996.

⁸⁴ (In Prandi, Reginaldo. *Um sopro do Espírito Santo*, p. 135).

torna possível a intervenção divina e, ao mesmo tempo, certa demonização da esfera pública, o agir coletivo do sujeito carismático seria suplantado pelo foco na resolução dos problemas e dilemas individuais em detrimento das questões de ordem coletiva.

Entretanto, merece questionamento a atribuição de “magia” ao sujeito carismático católico se definirmos a magia como uma forma de ocultismo que estuda os segredos da natureza e a sua relação com o homem, criando assim um conjunto de teorias e práticas que visam ao desenvolvimento integral das faculdades internas espirituais e ocultas do homem até que este tenha um domínio total sobre si mesmo e a natureza. Assim definida a magia, não cabe caracterizar o sujeito carismático católico como “mágico”.

Necessário também precisar a ausência desses sujeitos com relação ao social. Embora assumindo um aspecto assistencialista, o sujeito carismático católico se preocupa com o social. É o que se depara do depoimento de Jairo quando se refere “à coleta de alimentos não perecíveis pra entidades carentes”. (Apêndice, Resposta nº 8).

Também não é correto afirmar total ausência da R.C.C. da política. No seu âmbito foi criado o Ministério Fé e Política com o objetivo de “evangelizar a política a partir da experiência do Batismo no Espírito Santo. O objetivo não é formar partidos políticos ou realizar campanhas eleitorais. É conscientizar os cristãos a utilizar o voto de modo justo e apoiarem o candidato (a) conforme a consciência de cada um. A Renovação Carismática também apoia a iniciativa e a participação na política daqueles que se sentem chamados a esse serviço”⁸⁵.

Dito isto, caberia ainda lembrar mais uma vez Jürgen Habermas⁸⁶, que prefere designar o atual contexto como sendo um “estado de consciência”, ao invés de um “estado de cultura”, cujo resultado, segundo ele, pode abrir caminho para discursos conservadores ou mesmos reacionários. Ora é nesse contexto que se insere o sujeito religioso da Renovação Carismática. Para esse sujeito a busca

⁸⁵ www.rccbrasil.org.br/ministerio-fe-e-politicaphf - Acesso em 05 de novembro de 2013.

⁸⁶ SCALDAFERRO, Maikon Chaider Silva. Modernidade e pós-modernidade – Considerações habermasianas. In: *Revista Urutáqua* – Revista Acadêmica Multidisciplinar – Nº 18 – mai./jun./jul./ago. 2009.

de soluções para as questões sociais e de ordem coletiva dão lugar as preocupações de ordem individual ao mesmo tempo em que são reforçados os discursos de cunho moralizante e nitidamente conservadores no campo dos costumes.

Reginaldo Prandi⁸⁷ apontou o fato de que se, por um lado, os adeptos da R.C.C. rejeitam o mundo da política como espaço para atuação militante, por outro lado não rejeitam como eleitores a política partidária. Nessa perspectiva, os carismáticos adotam posições bem definidas e elegem representantes afinados com propostas que priorizam projetos de cunho moralista e embasados numa visão tradicional da família. Brenda Carranza⁸⁸ foi outra estudiosa que também analisou o vínculo de determinados políticos com o ideário carismático. Também Eduardo Pinto Procópio estudou este aspecto. Diz ele:

Uma vez eleito, a intenção do candidato católico-carismático é deixar a marca de cristão no mandato. Carranza constata que essa identidade confessional transportada para o cargo político implica tanto na viabilização de privilégios para a R.C.C., como a concessão de sinais de TV e rádio, por exemplo, quanto ao posicionamento moralizante, expresso nas posições contrárias a “projetos de lei que visam incorporar como direitos civis questões tais como orientação sexual (união civil de membros do mesmo sexo) e sobre direitos reprodutivos da mulher (aborto)”⁸⁹

Conforme já analisamos anteriormente, num momento histórico em que se vivencia a desintegração das chamadas ideologias totalizadoras e a consequente impossibilidade de construção de um discurso universal, além da quebra das continuidades temporais, com uma sensação de perpetuação do presente, muitos autores têm defendido a ideia de um “reencantamento” do mundo ou mesmo a adoção do que seria uma postura pré-moderna. Ou seja, o retorno à compreensão divina do mundo. Sobre o tal “reencantamento”, deixamos claro a nossa posição nas linhas anteriores: não seria possível aplicar tal conceito ao

⁸⁷ : PRANDI, Reginaldo. *Um Sopro do Espírito*. p. 171-175.

⁸⁸ CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, Brenda/ MARIZ, Cecília/CAMURÇA, Marcelo (Org.) *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida. Ideias e Letras, 2009.

⁸⁹ CARRANZA, Brenda, op. cit.

Brasil, simplesmente pelo fato de que o mesmo nunca se “desencantou”. O que se precisa ter claro é que o atual contexto histórico tem produzido determinado sujeito cujas necessidades religiosas mais prementes só podem ser atendidas por modalidades como o pentecostalismo e, nesse sentido, a R. C. C. torna-se a resposta católica a tal demanda.

3.4. A Renovação Carismática e os seus sujeitos: uma “atualização” das formas tradicionais de doutrina?

As relações entre a Igreja Católica Romana e sua hierarquia com os diversos movimentos de caráter heterodoxo ou de cunho reformador surgidos em seu interior, particularmente no âmbito doutrinário, ao longo dos mais de dois mil anos de existência dessa instituição, já foram objeto de incontáveis estudos. Muitos dos quais se tornaram obras clássicas sobre o tema.

No âmbito da Igreja, muitos desses movimentos foram por ela classificados como heresia (do grego *hairesis*, *hairein*, que significa *escolher*). De acordo com o medievalista francês Georges Duby, “todo herético tornou-se tal por decisão das autoridades ortodoxas. Ele é antes de tudo um herético aos olhos dos outros”⁹⁰.

Diversos autores procuram ressaltar o caráter intolerante da Igreja em relação às visões doutrinárias heterodoxas que, segundo eles, quase sempre eram rotuladas como heréticas. Tal postura, por parte da Igreja, pôde ser verificada principalmente durante a Idade Média e a Idade Moderna. O historiador Nachman Falbel chamou a atenção para o fato de que a palavra heresia acompanhou a Igreja desde os primeiros tempos, servindo para designar qualquer doutrina divergente dos princípios oficialmente declarados pela hierarquia eclesiástica. Segundo Falbel,

O caráter intolerante da religião cristã em relação aos seus heterodoxos afirma-se desde o início, pois, desde que foi dada importância à unidade de doutrina, a partir do Concílio de Nicéia, procurou-se usar a autoridade do Estado de privar os sacerdotes heréticos de suas imunidades e também de seus privilégios. Constantino foi o primeiro a tomar tal iniciativa com a devida severidade e a convicção segura de que assim deveria ser. E mesmo antes de Nicéia e de Constantino, alguns

⁹⁰ DUBY, Georges. Heresias e Sociedades na Europa Pré-Industrial: séculos XI-XVIII. In: *Idade Média – Idade dos Homens*. São Paulo. Companhia das Letras, 1990. p.177.

expoentes da literatura patrística tenderam, às vezes, no ardor da polemica contra os heréticos, a recorrer a meios mais *persuasivos do que a simples argumentação*.⁹¹

Contudo, foi a partir do século XIII, sob o pontificado de Gregório IX (1227 a 1241), que a ação da cúpula da Igreja contra a heterodoxia doutrinária ganhou contornos mais metódicos. Foi no Concílio de Toulouse, em 1229, que se criou oficialmente o Tribunal do Santo Ofício. Além disso, Gregório IX vinculou o referido Tribunal diretamente à Igreja e ao papado, visando evitar que o mesmo adquirisse outras finalidades que não a de combate às heresias.

Assim estabelecido, o Tribunal do Santo Ofício ou Inquisição passou a contar não só com um aparato humano – inquisidores, notários, auxiliares, etc. – mas, principalmente, com um aparato teórico que, aos poucos, foi se delineando. Com o passar do tempo, alguns inquisidores mais experientes passaram a elaborar “manuais” teóricos e práticos visando subsidiar a ação dos perseguidores de heresias. Esses manuais continham não só fundamentos doutrinários, onde cada forma de heresia era meticulosamente catalogada visando à rápida identificação das suas fundamentações, mas, também, técnicas para se obter a confissão dos acusados.

Dentre essa produção podem ser citados *Practica Inquisitionis haereticae praevitatae* e *Liber Sententiarum Inquisitionis Tolosanae*, ambos de Bernardo de Guy. Neste último, o autor se ocupou em apresentar métodos para obter-se a confissão do herético levando-o a contradizer-se até revelar a sua verdadeira crença. Além desses dois livros, merece também destaque o *Directorium Inquisitorum* de Nicholas Eymeric.

Noutra perspectiva, alguns autores ressaltaram a capacidade da Igreja Católica – verificada, principalmente, após a Idade Moderna – de absorver ou de cooptar grupos e movimentos que, em seu interior propunham mudanças ou rupturas doutrinárias. Para Cecília L. Mariz, é justamente tal capacidade que diferencia a Igreja Católica de outras igrejas e denominações cristãs na atualidade que, segundo essa autora, pela sua própria natureza, não têm meios para manter sua unidade diante do surgimento de tais grupos em seu interior. Segundo Mariz,

⁹¹ FALBEL, Nachman. *Heresias medievais*. São Paulo. Perspectiva, 1976. 1ª Edição – reimpressão. p. 09.

[...] Uma das explicações para a sobrevivência dessa igreja sob uma liderança unificada por tantos séculos se encontra em sua organização caracterizada pela capacidade de controlar os desvios e manter grupos divergentes juntos. A importância dada à hierarquia e à autoridade fez com que as dissidências e rupturas que ocorreram através da história fossem relativamente pouco numerosas em relação aos conflitos e tensões que já dividiram essa instituição. Essa capacidade integrativa da organização católica se revela forte quando se compara essa igreja com as protestantes, que sofrem frequentemente cisões e se subdividem. O protestantismo, por sua proposta original, não tem estrutura organizativa que incorpore divergências.⁹²

De nossa parte, entendemos que, historicamente, a hierarquia católica sempre atuou nas duas “frentes”. Ou seja, de acordo com a conveniência do momento essa instituição soube, desde os seus primórdios, repelir ou incorporar os movimentos reformistas ou de caráter doutrinário heterodoxo. Nesse aspecto, aliás, o século XIII é emblemático na história da Igreja. Se por um lado esse século conheceu um grande incremento nas ações de perseguição às doutrinas consideradas heréticas – tanto pela estruturação do Tribunal do Santo Ofício, como pelas diretrizes do Quarto Concílio de Latrão⁹³, celebrado em 1215 –, foi também nesse século que o catolicismo viu surgir e foi capaz de incorporar e instrumentalizar uma das mais radicais propostas reformistas surgidas em seu seio: o Franciscanismo.

Nossa intenção não é nos determos na história da Igreja – o que, aliás, fugiria aos objetivos do trabalho ora proposto –, mas esboçarmos elementos para uma visão panorâmica mínima da forma como, ao longo dos séculos, a hierarquia eclesiástica católica lidou com os diferentes movimentos surgidos no interior da Igreja. Entendemos que, no caso específico da Renovação Carismática, principalmente no que diz respeito ao Brasil e guardado o devido contexto, a situação não foi diferente. Vejamos.

⁹² MARIZ, Cecília L. A Renovação Carismática Católica: uma igreja dentro da Igreja? In: *Civitas*. Porto Alegre, Volume 3, número 1, Jun. 2003. Pp. 169-186. p. 171.

⁹³ Conforme apontou Nachman Falbel - O Quarto Concílio de Latrão, em 1215, decretou medidas contra os senhores seculares caso protegessem heresias em seus territórios, ameaçando-os até com a perda dos domínios. Já antes do Concílio e como consequência dele, as autoridades laicas decretaram a pena de morte para evitar a disseminação de heresias em seus territórios, a começar por Aragão em 1197, Lombardia 1224, Franca 1229, Roma 1230, Sicília 1231 e Alemanha 1232. (FALBEL, Nachman. *Op. Cit.* p. 12).

Conforme já discutimos anteriormente o movimento carismático percorreu um caminho, de certa forma, tortuoso. Tendo surgido nos Estados Unidos, suas origens remontam ao que, em linhas gerais, se convencionou denominar por diversos autores como “reavivamento protestante”. É interessante nos determos no fato de que, se formos buscar suas origens a fundo, o movimento carismático tem, portanto, o seu ponto de partida não só fora da Igreja Católica, mas dentro de uma corrente cristã que surgiu justamente em oposição ao catolicismo. A questão que se nos coloca, portanto, é: como entender o fato de que um movimento surgido fora das fileiras católicas pôde encontrar no catolicismo uma acolhida não encontrada por muitos outros movimentos surgidos em seu próprio bojo ao longo dos séculos de existência dessa instituição?

Em nosso entendimento, a resposta está no momento histórico vivido pelo Catolicismo – momento esse já discutido nas linhas acima – e, se nos detivermos no caso específico do Brasil, essa constatação se torna ainda mais evidente. Aliás, a própria necessidade de sobrevivência da R. C. C. também fez com que o movimento acabasse, senão por abdicar, ao menos por conter muito dos seus impulsos iniciais. Cecília Mariz, a partir da leitura de Max Weber constatou essa tendência, própria dos movimentos que se propõem transformadores de estruturas, ao afirmar que,

Segundo Weber⁹⁴, o carisma surge como força desreguladora, contestadora. O profeta ou líder carismático ou comunidade carismática questiona as regras existentes – desregula. No entanto, a experiência carismática é por sua natureza efêmera, passageira. Para que os valores e princípios despertados por essa experiência se mantenham, surge uma nova regulação: novas regras são propostas. A dinâmica histórica e social fará surgir novas regras que constituem a institucionalização do carisma. Se isso não ocorre, o carisma desaparece. Como já foi mencionado no início do texto, Weber⁹⁵ analisa esse processo quando discute a rotinização do carisma, que ocorre tanto em movimentos religiosos como políticos. Embora se refira à oposição entre instituição e carisma, Weber não responsabiliza a primeira pelo arrefecimento do segundo. Já que o carisma é por sua natureza volátil e desaparece com o desaparecimento de sua fonte inicial. A rotinização vai

⁹⁴ WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília. Ed. UnB, 1991.

⁹⁵ Ibid. p. 161.

necessariamente ocorrer. Há um imperativo organizacional: organize-se ou desapareça⁹⁶.

Edênio Valle, por sua vez, constatou de forma precisa que,

(...) Não sem grande habilidade, os pioneiros do catolicismo revivalista souberam se diferenciar dos protestantes, não obstante a vizinhança antropológica entre eles e os protestantes. E o fizeram através do que alguém chamou de "as três brancuras": Nossa Senhora, a Eucaristia e o Papa.⁹⁷

Assim, acreditamos que a tendência "natural" à institucionalização veio somar-se a necessidade, senão de uma "atualização, ao menos de um "redirecionamento" doutrinário visando atender às demandas dos fiéis na sociedade contemporânea. Ou seja, uma demanda por uma teologia de caráter mais intimista, voltada para questões de ordem individual e que, ao mesmo tempo, engendrasse uma experiência mística mais presente nas práticas religiosas desses fiéis. Demanda essa que estava sendo atendida pelas denominações protestantes de caráter pentecostal.

3.5 - O Caráter individual da união com Deus em busca da felicidade no sujeito carismático.

Diversos estudiosos, em trabalhos com as mais diferentes abordagens e enfoques, têm ressaltado o caráter exacerbadamente individualista e narcisista da sociedade contemporânea. Termos como "cultura do narcisismo" têm sido muitas vezes empregado por esses autores para se referirem às condições de vida na sociedade atual. Nessa perspectiva, o estímulo ao valor individual vem se firmando como razão última e fundamento que norteia a ação dos indivíduos na contemporaneidade. Se a tendência ao individualismo já havia sido apontada como um dos grandes sintomas da modernidade, o advento da sociedade "pós-moderna", para uns ou "hipermoderna", para outros, levou à sua exacerbação.

Contudo, mesmo numa sociedade onde o individualismo tem se firmado como uma de suas principais marcas, não seria analiticamente correto admitirmos

⁹⁶ MARIZ, Cecília L. *Op. Cit.* p. 176.

⁹⁷ VALLE, Edênio. A Renovação Carismática Católica. Algumas observações. In: *Revista Estudos Avançados – Dossiê Religiões no Brasil*. Volume 18, nº 52, 2004. Pp. 97-107. p. 100.

que, em face ao individualismo reinante, o ser humano contemporâneo estivesse fora do alcance da influência e mesmo do controle da rede simbólica da sociedade. Em outras palavras, o individualismo reinante ainda não foi capaz de deixar os seres humanos imunes aos valores sociais estabelecidos pela cultura. E, nesse aspecto, a religiosidade exerce um importante papel. Como componente simbólico da estrutura social, a religião insere-se numa relação dialética na qual influencia e é influenciada pelo sujeito. Se a religião, muitas vezes, serve como um “ponto de apoio” ao sujeito em meio a uma realidade cada vez mais individualista e competitiva, esta mesma religião deve estar em sintonia com as demandas características desse mesmo sujeito.

Nesse sentido, a Renovação Carismática coloca-se exatamente nessa perspectiva ao propor uma forma de espiritualidade pautada na ideia de que é preciso partir da ação individual para, só depois, atingir o coletivo. Como lembrou Silvia Bruno Securato⁹⁸, a R. C. C. enfatiza a “cura” das emoções do indivíduo para que, dessa forma, ele possa estar apto a enfrentar os desafios do dia-a-dia. Ou seja, parte-se do enfoque individual para se situar num plano de vivência do sobrenatural, tendo as suas bases fundamentais nos chamados dons e carismas e na experiência do batismo no Espírito Santo.

Assim, conforme afirmou Raul Albino Pacheco Filho,

Neste contexto, mesmo a busca de uma suposta imortalidade da alma, como bálsamo suavizador para a realidade da mortalidade corpórea e como tentativa de solução do enigma da existência, assume características particulares. De um lado, as religiões continuam derivando-se, como sempre ocorreu ao longo dos tempos, da procura de respostas totalizantes, absolutas e definitivas para as inquietações existenciais e também de completamento de todas as lacunas e mazelas originadas da vida terrena. De outro lado, porém, as religiões atuais não têm como furtarem-se às mais comezinhas reivindicações mundanas e materiais. O homem religioso do capitalismo do século XXI exige um “pacote tranquilizador” que reúna a salvação da alma e o sucesso nos negócios. E tudo isso, em cultos que combinem a virtude dos sacramentos com os benefícios da ginástica aeróbica. E é desta forma, com um “pé na canoa” da imortalidade da alma e o outro no da promessa de suprimento de

⁹⁸ SECURATO, Sílvia Bruno. A Renovação Carismática Católica nas ondas do Pentecostalismo – A Posição da Hierarquia Católica e reação do Movimento : acolhida, conflitos, tensões e perspectivas/ 02/06/2003. p. 37.

todos os desejos materiais, que ele busca a sua religação com a totalidade e o Absoluto, sem, no entanto, descuidar-se de suas metas de consumo⁹⁹.

Além disso, é preciso ressaltar a grande ênfase dada às questões ligadas aos aspectos emocionais e ao corpo. Sendo a temática da sexualidade uma questão de primeira ordem, onde se procura ressaltar a visão tradicional vigente na Igreja, que sempre relacionou essa questão a uma percepção negativa. Assim, caberia mais uma vez nos remetermos a Edênio Valle, quando esse autor afirmou que

(...) Contrapondo-se ao clima dessacralizado, plural e permissivo da cultura em geral, ela cobra de seus membros um programa de vida no qual a espiritualidade e a fidelidade doutrinal e moral católicas constituem o eixo central. Primeiro vem a transformação espiritual, as mudanças na vida familiar e profissional, a re-tomada das práticas de piedade, o abandono do que é mundano, o controle da sexualidade etc. Só depois, lentamente, e como que por força, seguirão as mudanças sociais. Dessa moral do indivíduo só se pode esperar uma visão conservadora dos processos sociais e da história. A tendência é a de ver o social como um projeto de moralização e isto sob o prisma de um catolicismo voltado para si mesmo¹⁰⁰.

Impressiona averiguar certas coincidências dessas análises de Pacheco Filho e Valle com as ponderações do nosso entrevistado. Jairo mostra-se também, um sujeito em busca de respostas totalizantes, - embora não definitivas – para as suas inquietações existenciais, visando preencher as lacunas originadas da vida moderna. Parece estar à procura do “pacote tranquilizador” que reúne a salvação das almas ao sucesso. Entretanto, Jairo não fala abertamente de “sucesso nos negócios”. Aliás se mostra crítico ante o consumismo e a ânsia de ter ou possuir bens (Ver Resposta 6). Mas fala da oração carismática como intercessão “pela vida, saúde e por tudo, mesmo de alguém que não conhecemos”. E que “agir conforme oramos traz resultados” (Ver Resposta 5).

E o serviço a Cristo e à Igreja, a atitude de louvor nos momentos bons e ruins, viver o amor familiar e a ajuda ao próximo e o temor de Deus, partilhar a

⁹⁹ PACHECO FILHO, Raul Albino. O capitalismo neoliberal e seu sujeito. In: *Revista Mental* – ano II – nº 4. Barbacena, JUN 2005. Pp. 153-171. p. 167.

¹⁰⁰ VALLE, Edênio. *Op. Cit.* p. 102.

sua palavra, têm como resultado “o viver feliz, pois Deus nos criou para sermos felizes e ter muita graça e paz” (Ver Apêndice, Resposta 11).

Aproximação também pode ser constatada ente as palavras de Jairo e as reflexões de Valle sobre o contraponto entre a vivência carismática e o mundo dessacralizado, plural e permissivo da cultura contemporânea. O abandono do que é mundano pela submissão ao Espírito Santo e a vivência dos preceitos tradicionais da Igreja. As preocupações sociais ficam em segundo plano. Diz Jairo:

As pessoas no mundo tem se afastado de Deus. Os valores cristãos estão totalmente invertidos. Ser correto, ser honesto, falar a verdade, orar, são coisas que o inimigo através de várias formas tem tentado minar em nossas vidas. A família tem sido muito atacada. Tudo hoje é normal. Drogas, normal, sexo, normal, de qualquer jeito. O relacionamento deixou de ser algo entre um homem e uma mulher e passa no mundo a ser banalizado valendo tudo. As pessoas esquecem que precisamos acima de tudo ser, mas ao invés disto, as pessoas preferem ter. E ter a qualquer custo. O consumismo nos leva a isto. Então se para ter preciso, enganar, mentir, roubar, etc..., as pessoas o fazem sem medidas das suas consequências. Hoje quando pensamos no conforto dos nossos filhos e damos a eles um quarto separado, com tudo que têm direito, internet, TV, etc..., acabamos na verdade constituindo as FAMI-ILHAS, ou seja, cada um dentro da sua casa, vivendo em seu mundinho particular. O resultado, temos visto e tem sido uma catástrofe. (Apêndice, Resposta 6).

Portanto, duas questões se colocam para o movimento carismático. Uma no plano interno e, outra, no plano externo. Internamente a R. C. C. procura, como condição de sobrevivência, adaptar os elementos do catolicismo à leitura da realidade atual. Externamente, o movimento se lança à ação proselitista visando recuperar as “almas” afastadas da Igreja ou perdidas para outras religiões ou denominações cristãs. Na realidade, estas duas questões têm um único foco: recolocar o catolicismo na pauta da contemporaneidade. E, para tanto, a R. C. C. lança mão de um recurso largamente empregado pelo pentecostalismo

protestante: a ação midiática. É nesse momento que ganham importância figuras como o conhecido Padre Marcelo Rossi.

3.6 - Um sujeito midiático. Padre Marcelo Rossi e os padres cantores como protótipos.

Podemos caracterizar os sujeitos da RCC como “midiáticos”, isto é, pessoas que fazem constantemente e em larga escala o uso da mídia, em especial a eletrônica, rádio e televisão.

No âmbito desse catolicismo midiático merece destaque a figura do padre Marcelo Rossi, cuja ascensão nos meios televisivos e radiofônicos se deu a partir do final da década de 1990. Desde então, sua presença nos diversos meios de comunicação tem sido constante, particularmente na Rede Globo de Televisão, a maior emissora do país. Além do sucesso na TV e no rádio, padre Marcelo Rossi também tem se mostrado um fenômeno de vendagem de CDs e livros. Merecem destaque, ainda, as multidões atraídas por ele ao Santuário do Terço Bizantino em missas que chegam a comportar de 20 a 60 mil pessoas. Um público comparável aos que frequentam as reuniões evangélicas promovidas em estádios de futebol. Aliás, muitas das pessoas que frequentam as missas do padre Marcelo estão em busca das mesmas coisas que os frequentadores das referidas reuniões evangélicas. Ou seja, a cura para doenças de todo tipo e soluções para problemas de toda ordem, como depressão ou desemprego.

Além do padre Marcelo, há outros nomes que merecem serem destacados no catolicismo midiático, como o padre Antônio Maria, o padre Jorjão, padre Fábio de Melo e o padre Jonas Adib, fundador da Comunidade Canção Nova. Há que se ressaltar, ainda, o surgimento e a afirmação de redes televisivas especialmente voltadas para a evangelização, como a Rede Vida, a Rede Século XXI e a Rede Canção Nova. Esta última foi adquirida em 1980 e, em 1989, inaugurou a primeira transmissora de televisão. Trata-se da maior e mais importante rede de TV católica brasileira. Seu sinal atinge todo o território nacional através de antena parabólica, internet ou via TV por assinatura.

Como bem observaram Brenda Carranza¹⁰¹ e Cecília Mariz¹⁰², a presença da RCC nos meios de comunicação é, na atualidade, uma das suas mais importantes fontes de divulgação.

Karla Regina M. P. Patriota publicou um artigo na Revista Tomo¹⁰³ abordando o tema “Um show destinado às massas: uma reflexão sobre o entretenimento religioso na esfera mediática”. Citando Rego (2003 p.45) afirma que, “numa perspectiva cristã, a religião dos dias atuais partiu para o espetáculo para atrair as massas e financiamento dos seus profetas”¹⁰⁴.

Segundo a autora, é constante a presença do espetáculo midiático das religiões, dia e noite. E acrescenta:

Nesse enredo contemporâneo, todos nós somos transformados, ao mesmo tempo, em protagonistas e espectadores de um grandioso espetáculo que nunca sai do ar, um show muito mais rico, complexo e interessante do que os produzidos pelos meios de comunicação convencionais: o “show da fé” busca incessantemente uma recriação fantasiosa da própria vida. Afinal, na novela da vida real os personagens somos nós. Lá está a dona de casa solitária e depressiva, o pedreiro desempregado, o empresário falido, o artista decadente, desprovido de fama, a professora alcançada por uma enfermidade incurável, o casal estéril que sonha ter nos braços um filho. A vida produz o enredo¹⁰⁵.

Entre os megaeventos, a autora menciona os “shows da fé” de Padre Marcelo Rossi. Segundo a autora

¹⁰¹ CARRANZA, Brenda. . Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, Brenda/MARIZ, Cecília/CAMURÇA, Marcelo (Org.) *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida. Ideias e Letras, 2009.

¹⁰² MARIZ, Cecília Loreto. A Renovação Carismática Católica No Brasil: uma revisão da bibliografia. In: RODRIGUES, Donizete (org.). *Em Nome de Deus - a religião na sociedade contemporânea*. Porto. Edições Afrontamento, 2004. Pp. 169-183.

¹⁰³ PATRIOTH, Karla Regina M. P. “Um show destinado às massas: uma reflexão sobre o entretenimento religioso na esfera mediática” In Revista Tomo, São Cristóvão, SE n. 14 – Jan. – Junho 2009: ser. Ufs. Br/index.php/ tomo/article/vew File/503/419. Acesso em 05/11/2013.

¹⁰⁴ PATRIOTH, Karla Regina M. P., *Op. cit.* p. 191.

¹⁰⁵ *Ibid.* p. 191

Padre Marcelo sempre se supera em números e na exaltação do pertencimento a um grupo específico: os católicos. Algumas missas celebradas por ele ao ar livre são transmitidas ao vivo pela Rede Globo e reúne milhares de fiéis. O segredo está na forma espetacular de sua missa: com cantoria e ritmo de programa, o Padre Marcelo se transforma no maior fenômeno católico de “audiência”. Em paralelo, o “padre show”, como foi apelidado pela Revista veja, consegue colocar a seu lado no altar cantores como Roberto Carlos, Sérgio Reis [...]. Só em programa especial da Globo se consegue reunir um time de astros de música popular como este¹⁰⁶

De acordo com André Ricardo de Souza

Padre Marcelo encarna a figura do bom moço que deixou os prazeres da vida secular para dedicar-se ao sacerdócio e ao celibato e para muitos “está trazendo os católicos de volta”. Ele utiliza frases curtas e exemplos facilmente compreensíveis: “Jesus é o caminho, eu sou apenas a seta que aponta para esse caminho”. Discursa relativamente pouco e quando o faz, trata muito mais de questões pessoais e genéricas do que de questões sociais e políticas. Ele brinca com sua plateia, canta e dança também. Membros do clero e estudiosos do catolicismo dizem que ele vem tornando a religião light, fácil de entender e de seguir. Isto parece tornar-se evidente, também, através de algumas músicas gravadas em seus CDs, em que são aproveitados ritmos populares, como o vira português, em refrões que até lembram sucessos infanto-juvenis, como os da cantora Xuxa, por exemplo¹⁰⁷.

Além de CDs, terços, etc., Padre Marcelo Rossi lançou dois livros onde expõe sua visão de espiritualidade: *Ágape*, em 2010 e *Kairós*, em 2013. Três anos após o lançamento de “Ágape”, considerado um dos maiores fenômenos de vendas do mercado editorial brasileiro e com os direitos vendidos para mais de 30 países, além de uma adaptação voltada para o público infantil, Padre Marcelo Rossi lançou *Kairós*. Neste último livro o padre parte da palavra grega kairós para designar o que ele chama de “o tempo de Deus”, em contraposição ao khronos, o tempo cronológico. Ou seja, o tempo dos homens.

Nesse livro o autor seleciona personagens da Bíblia que passaram por dificuldades diversas e que, segundo ele, souberam “esperar o tempo de Deus”.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 194.

¹⁰⁷ SOUZA, André Ricardo de. A renovação Popularizadora Católica. In: *Revista Estudos da Religião*- nº4, 2001. Pp 46-60, p. 54.

Ainda de acordo com o autor, todos os personagens citados tiveram as suas vidas transformadas no momento em que Deus julgou oportuno. É interessante perceber que o autor não se refere ao “tempo de Deus” como um tempo de comunhão da humanidade ou do “rebanho” cristão peregrino no mundo ou na cidade dos homens, como diria Santo Agostinho. Trata-se do “tempo de Deus” vinculado à relação pessoal de cada pessoa com a divindade. Assim, Deus teria um “tempo” reservado para cada um dos seus filhos, individualmente. Nas palavras de Padre Marcelo Rossi,

“(...) tão importante quanto entender o amor Divino é entender o tempo de Deus. Só assim é que conseguimos controlar nossas ansiedades e cultivar nossa paciência. Quem compreende o Kairós, alcança o Ágape [amor incondicional de Deus]” ¹⁰⁸

Nesta empreitada mediática que caracteriza os sujeitos da RCC, padre Marcelo não está só. Um grande número de padres o acompanha, os “padres cantores”, grande parte deles integrando a RCC ou pelo menos acompanhado o seu espírito estético mediático.

Vale aqui mencionar o minucioso trabalho escrito por André Ricardo de Souza: *Igreja In Concert. Padres Cantores, Mídia e Marketing*.

Ao expor *Igreja In Concert*, o autor focaliza o seu tema no contexto da reação católica ao avanço das outras religiões no Brasil, apontando a RCC como um dos principais agentes desta estratégia que assume, em especial, com as missas do padre Marcelo Rossi, o aspecto de uma “renovação popularizadora católica”. Descreve os grandes eventos de massa e a cobertura da mídia a essas “celebrações – espetáculo”.

Enfatiza a mensagem religiosa na música desde os primeiros padres cantores – o primeiro, segundo o autor teria sido o padre Abib, da Canção Nova – até os mais jovens, que são classificados como “artistas do altar” ¹⁰⁹.

¹⁰⁸ ROSSI, P^e. Marcelo. *Kairós*. São Paulo. Editora Globo, 2013. p. 21.

¹⁰⁹ SOUZA, André Ricardo de A. A renovação Popularizadora Católica, In: REVER *Revista de Estudos da Religião* nº4, 2001. Pp 46-60. P. 54.

Mas o sujeito midiático da RCC não é constituído apenas pelos grandes “artistas”. De alguma maneira, todos os fiéis da RCC são mediáticos, não só porque assíduos participantes dos espetáculos, mas porque, a seu modo, buscam estar presentes nos meios de comunicação. É o que podemos inferir do testemunho de Jairo. Perguntado sobre a responsabilidade dos agentes da RCC diante dos problemas atuais, entre outras tarefas, ele aponta: Outra forma é a de propor a prática das virtudes, como elemento fundamental para semearmos no mundo a Cultura de Pentecostes.

[...] Precisamos fazer com que as pessoas conheçam o grupo de oração e possam vivenciá-lo de maneira mais efetiva e intensa. Utilizando-se dos meios de comunicação existentes e possíveis a cada um e a cada grupo, temos o papel de divulgá-lo e difundi-lo. Temos que fazer com que as pessoas possam ter esta experiência com o Espírito Santo (Apêndice, Resposta nº 7).

3.7 - Um sujeito de carismas

Esta é a característica principal dos sujeitos da R.C.C. que dá o nome ao Movimento. Os carismas não são uma inovação da R.C.C.. Já aparecem nas origens do cristianismo. São Paulo, na 1ª Carta aos Coríntios, capítulos 12 a 14, faz uma ampla exposição das manifestações do Espírito, cuja força é tão grande que “ninguém é capaz de dizer ‘Jesus é o Senhor’ a não ser sob influência do Espírito Santo” (1Co 12, 3). E enumera nove carismas: da palavra de sabedoria, do conhecimento da fé, da cura, do fazer milagres, da profecia, do discernimento dos espíritos, da diversidade de línguas, de interpretá-las. Paulo também explica detalhadamente como usar esses dons de modo organizado. A R.C.C., no seu “Portal Carismático” acrescenta o dom da santificação, da fortaleza, da piedade, do conselho e do temor de Deus.

O mesmo Portal não aceita a distinção entre carismáticos e não carismáticos, pois toda Igreja é carismática, desde a sua origem, a começar pelo fundador, Jesus Cristo.

E divide os dons em “ordinários e extraordinários”. Ordinários são os de natureza comum, por exemplo, o dom musical. Interessante lembrar que, no seu testemunho Jairo afirma ter esse dom.

Num primeiro momento, o que me levou foi o Louvor Carismático. Gosto muito de música e de poder louvar ao Senhor da forma que se louva no Grupo de Oração, o que me fez sentir algo novo no coração. (Apêndice, Resposta nº1)

Extraordinários são os nove indicados por Paulo. Reportando-se aos Atos dos Apóstolos e aos escritos dos Padres da Igreja dos séculos I a VII, o texto do Portal verifica que os carismas eram comuns no início da Igreja, em cujos inícios foram necessários para a sua difusão, e que no século IV já não eram mais julgados necessários e assim teria sido vontade de Deus que se apagassem por um período da história. Mas o texto expressa a certeza de que a partir da Encíclica *Divinum Illud Munus* de Leão XIII, na virada do século XIX para o século XX, o Senhor começa a preparar novamente o coração da humanidade para “uma nova brisa” e que uma “renovação” começa a surgir que não seria uma “inovação”. Assim, a R.C.C. seria apenas uma renovação de uma realidade “adormecida”.

O texto conclui afirmando que os sujeitos da R.C.C. têm responsabilidade de evangelizar “carismaticamente”, ou seja, “com o uso dos dons sobrenaturais de serviço para a edificação da Igreja de Cristo, uma vez que os carismas devem nos conduzir sempre a Jesus, centro e senhor de nossas vidas. Eles não giram em torno daqueles que os usam, mas estão sempre a favor dos outros para auxiliá-los no encontro pessoal com Jesus” ¹¹⁰

Jairo, no seu testemunho, afirma que optou pela R.C.C. para “viver de forma intensa a união do Espírito Santo, receber e renovar este Batismo no Espírito Santo, receber dons e vivenciar os carismas, vivenciar mais a evangelização através da palavra de Deus, entre outros, é o que nos motiva e nos faz viver a Renovação Carismática Católica”. (Apêndice, Resposta nº 1)

À pergunta sobre o que entende por carismas, a resposta é precisa:

São dons e graças dados pelo Espírito Santo. São manifestações do Espírito Santo, dadas a quem se abre ao Espírito, recebendo o seu batismo. São diversos os dons, o mesmo Espírito que o distribui, porém Ele o distribui conforme quer. Necessário, porém, que eu tenha o desejo, a aspiração aos dons espirituais. (Apêndice. ,Resposta nº 3)

¹¹⁰ Portal Carismático. Com. Br. Acesso em 18 de novembro de 2013).

Já na resposta seguinte, sobre o papel dos carismas na vida dele, ele é muito explícito:

O dom das línguas permite abertura aos demais dons e me permite falar na língua dos anjos e ter uma comunicação mais direta com Deus. Interpretá-los faz com que a palavra de Deus seja proferida e anunciada entre seu povo, assim como a Profecia. Mas o principal dom é o do Amor. Conhecer o Amor de Deus e poder praticá-lo na verdade é que faz toda a diferença na nossa vida. Eu tenho que praticar os dons recebidos e esta prática tem me feito um homem muito melhor perante a vida e perante Deus. Mudei muito e ainda tenho muito a mudar. (Apêndice, Resposta nº 4)

Ao enfatizar o amor como o principal dom ou carisma, Jairo parece ecoar – não nos é dado saber se as conhece – as *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*, emanadas pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) em 27 de novembro de 1994, que, no número 55, logo no início das instruções sobre Dons e Carismas na R.C.C. assim diz: “O grande dom, que deve ser por todos desejado, é o da caridade”. E é citada a *Lumen Gentium*, nº 12 “A caridade é o primeiro dom e o mais necessário, pelo qual amamos a Deus acima de tudo e ao próximo por causa dele”.

O testemunho de Jairo não especifica como, na prática, são vivenciados e praticados os carismas, especialmente o dom das línguas. Mas, as *Orientações Pastorais*, da CNBB manifestam preocupação quando dizem: “Haja muito discernimento na identificação de carismas e dons extraordinários. Diante das pessoas que teriam carismas especiais, o juízo sobre sua autenticidade e seu ordenado exercício compete aos pastores da Igreja”. E continua: “No que se refere aos carismas, a R.C.C. se atenha rigorosamente às orientações do Bispo diocesano (*Orientações Pastorais* nº 57).

O Documento passa a falar de cada um dos dons explicitando preocupações: “o dom de cura não pode resvalar para um espírito milagreiro e mágico” (*Orientações Pastorais* nº 58).

Quanto ao dom das línguas, nota que é difícil discernir, na prática, entre “inspiração do Espírito Santo e os apelos do animador do grupo reunido”. Por isso “não se incentive a chamada oração em línguas e nunca se fale em línguas sem que haja intérprete” (*Orientações Pastorais*, nº 62).

Requer também muito discernimento quanto ao dom de profecia “eliminando qualquer dependência mágica e até supersticiosa” (*Orientações Pastorais*, nº 66 e 67).

3.8 – Um sujeito orante

A oração é fundamento da espiritualidade dos sujeitos da R.C.C.

O Grupo de Oração é a célula básica da R.C.C., sua expressão máxima e principal. O Grupo tem três momentos: núcleo de serviço, reuniões de oração e grupo de perseverança.

No site oficial da R.C.C., o Grupo de Oração é também definido como “uma comunidade carismática que cultiva a oração, a partilha e todos os outros aspectos da vivência do Evangelho, a partir da experiência do batismo no Espírito Santo. Trata-se de uma reunião semanal na qual o grupo de fiéis coloca-se diante de Jesus sob a ação do Espírito Santo, para louvar e glorificar a Deus, participar dos dons divinos e edificar-se mutuamente.

O grupo de Oração da R.C.C., diz o redator do site: “não deve esquecer a sua identidade carismática. Os outros grupos dentro de outras experiências são importantes para a Igreja e para as pessoas, mas o Grupo de Oração Carismático tem características próprias: o Batismo do Espírito Santo e o uso dos carismas”.

Continua o texto:

Cada Grupo de Oração precisa ser, na Igreja e no mundo, rosto e memória de Pentecostes, assumir a responsabilidade pela transformação de nossa cultura, criando não só na Igreja mas no mundo todo, uma cultura de Pentecostes através da qual todos busquem a construção do Reino de Deus. A vivência dessa vocação da RCC é uma consagração sincera de cada um de nós, sem reservas, mantendo perseverança até nossa Páscoa definitiva.

Um grupo de Oração cumpre bem a sua missão quando seus integrantes vivem plenamente a vida de oração, pessoal e comunitária, aliada à formação, guardiã dos carismas¹¹¹.

Segundo Prandi et alii, nos encontros dos Grupos de Oração os sujeitos da R.C.C. “buscam a complementação da vida sacramental, trazendo os participantes para a ‘vida do Espírito’. E o fazem praticando a oração, cantando

¹¹¹ Site: www.recbrasil.org.br/interna.php? P. 41. Acesso em 20 de novembro de 2013

seus hinos, exercendo os dons carismáticos, fazendo a leitura da Bíblia, dando os testemunhos e realizando partilhas¹¹².

Os autores descrevem minuciosamente os encontros de oração, que qualificam de “verdadeiras cerimônias de euforia” que duram de duas a três horas, “marcadas por intensa carga emocional, que se torna cada vez mais forte no encaminhamento da reunião¹¹³.

A reunião do Grupo segue em geral uma sequência organizada. Começa pela contrição ou questionamento da vida passada, gratidão a Jesus por estarem ali, com hinos de louvor, ou com a reza do terço; vem depois a entrega à vontade de Deus expressa pelo Espírito. Há momentos de reflexão e adoração, silêncio, cânticos de adoração e louvor, expressões de alegria e abraços, a confissão, as orações em “línguas estranhas”, novo silêncio para ouvir a voz do Espírito Santo mediante a leitura e interpretação de um texto bíblico e se encerra com testemunhos da atuação do Espírito Santo na vida dos presentes.

Os autores citados notam a diferença com as reuniões de oração dos grupos das CEBs nas quais sempre há uma reflexão “racional” ou engajada nos problemas sociais, ao passo que nos Grupos de Oração da R.C.C. a ênfase está na emoção e na relação íntima com Deus pela infusão do Espírito.

Essa tônica intimista transparece no conteúdo das orações da R.C.C.. Entre vários manuais de oração que circulam nos Grupos de Oração temos em mãos a publicação denominada *Orações selecionadas por Cura, Libertação e Intercessão*, organizada por Reinaldo Delgado dos Reis, da Secretaria Regional da R.C.C. da Arquidiocese de Sorocaba, lançada pela Editora Loyola em 1999, sendo que o primeiro volume que usamos é a 6ª edição sem data.

São classificadas em três blocos:

Primeiro: orações de “Proteção” ou “Revestimento”.

Segundo: orações de “Libertação”.

Terceiro: orações de “Intercessão”.

Quanto ao primeiro grupo, aparece esta introdução

Lemos no nº 2819 do Catecismo da Igreja Católica: “Os últimos tempos, que estamos vivendo, são os tempos de efusão do

¹¹² PRANDI, Reginaldo, CAMPOS, André, SILVA, Roberto Miranda, Maria Cecília Dias de, *Práticas Religiosas Carismáticas*. In PRANDI, Reginaldo, *Um sopro do Espírito*, 1977, p. 61ss.

¹¹³ *Ibidi.*, p. 61.

Espírito Santo. Trava-se, por conseguinte, de um combate decisivo entre a carne e o espírito. Diante dessa afirmação, reconhecemos que precisamos nos revestir e proteger para orarmos no poder do Espírito e proclamamos realmente a vitória do Senhor em nossas vidas” ¹¹⁴.

E o Manual inclui nesse tópico a recitação dos Salmos, o Cântico do Magnificat (Lc 1, 46-55) e do Benedictus (Lc 1, 68-70), as Ladainhas, a Armadura de Deus (Ef. 6, 10-20), as Consagrações ao Coração de Jesus e de Maria, ao Espírito Santo, a oração aos Anjos, a oração do Abandono em Deus, e outras.

Quanto ao segundo grupo, “Orações de Libertação”, o Manual assim as justifica:

Podemos também ler no Catecismo: “O Mal não é uma abstração, mas designa uma pessoa, Satanás, o Maligno, o anjo que se opõe a Deus. O ‘diabo’, é aquele que ‘se atravessa no meio’ do plano de Deus e de sua ‘obra de salvação’ realizada em Cristo” (nº 2851). Ele nos tenta, persegue, oprime, e às vezes de tal forma que nos sentimos impossibilitados de reagir a seus ataques. Precisamos constantemente de libertação, seja ela física, emocional/psicológica, ou espiritual. A oração nos faz entrar em combate, até que a vitória sobre o “príncipe deste mundo” seja alcançada definitivamente.

E, passa a distribuir essas orações em três grupos de libertação, cada um com suas respectivas orações: a) do pecado, b) de práticas pessoais de ocultismo, c) de amarras dos antepassados, d) de Satanás.

Quanto ao primeiro grupo, aparecem orações: De Vitória e Oração de Batalha; de Louvor às chagas e ao Sangue do Cordeiro, de Confissão e Renúncia, de Cura através da humildade; Oração intercedendo pela cura e libertação de alguém, etc.

Quanto ao segundo grupo, aparecem: Terço de Renúncia e Renovação das Promessas do Batismo; Terço de libertação simples; Oração de quebra de maldição, etc.

Quanto ao terceiro grupo, aparecem: Oração de Libertação do jugo hereditário; Oração para cortar os laços do passado; Oração Jesus é o Senhor; Orações de Cura: cura no Casamento, cura Sexual, cura das Crianças; de Hábitos compulsivos, etc.

¹¹⁴ *Orações Seleccionadas*, 6ª edição s.d. p. 11

Quanto ao último grupo aparecem: Oração em tempo de combate espiritual, Oração de Exorcismo; Oração de poder pelo fogo ou queima. Esta oração, reservada aos sacerdotes, parece incluir um ritual no qual se acende um fogo, pois são pronunciadas estas palavras: “Vinde, Senhor Deus... através destas chamas de fogo desfazei poderosamente todo mal que aí possa estar representado e que tais forças malignas não possam mais vir atormentar ou prejudicar nenhum desses vossos filhos” ¹¹⁵.

O terceiro bloco são *Orações de Intercessão*. Também aqui há um prólogo que justifica a importância dessas preces

“Precisamos reconhecer cada dia mais nossa necessidade de *vigiar a oração*, o que se entende também, por ‘colocar-se na brecha’ (Ez 22,30) para que nenhum mal possa nos atingir, e não possa prejudicar a ninguém por quem oramos. E que esta intercessão seja diária, contínua, fervorosa, ousada na fé, perseverante, simples, espontânea, sem pressa” ¹¹⁶

São destacadas nesse grupo as seguintes orações: O Rosário ou o Santo Terço a Nossa Senhora, outros “Terços” como Das Santas Chagas; Orações específicas para intercessão: pela conversão e Libertação de alguém – pela Cura Interior, de Bênção; as Novenas a Nossa Senhora, aos Anjos, aos Santos de Devoção, ao Espírito Santo, etc.

Ao findar a apresentação desses três blocos, diz o texto:

Caminhando sob a luz do Espírito, veremos todas as trevas que nos envolvem se dissiparem e estaremos renovados para sermos testemunhas autênticas da misericórdia e do poder do Senhor. Aleluia!¹¹⁷

Lendo várias orações, especialmente as do bloco de libertação, tem-se a nítida impressão de um clima de combate, no qual é constante seja a presença do “maligno”, ou seja, a preocupação com os males a serem evitados, inclusive os

¹¹⁵ *Orações Seleccionadas*, p. 1 a 8.

¹¹⁶ *Orações Seleccionadas*, p. 13.

¹¹⁷ *Orações Seleccionadas*, p. 13.

advindos de laços familiares vistos como jugo ou submissão às forças do mal, o que leva a urgir a ruptura com esses laços para caminhar sob a luz do Espírito.

Os hinos de louvor constituem também parte relevante das práticas devocionais dos sujeitos da RCC. Eles são cantados com entusiasmo, muitas vezes seguidos de gestos, danças, expressões corporais, com músicas em geral muito melodiosas e sonoras. A tônica desses hinos, contidos em hinários da RCC, é sempre a união íntima e espiritual com Deus pela efusão do Espírito Santo.

Pelo testemunho de Jairo percebemos a relevância da oração para os sujeitos carismáticos católicos. Diz ele:

A oração é o canal direto de comunicação com Deus. Através da oração, atingimos o coração de Deus e clamamos por sua misericórdia, por seu amor, pelo derramamento das bênçãos, das graças, dos prodígios, dos milagres e dos sinais. Através da oração, intercedemos pela vida, pela saúde, por tudo, de alguém que de alguma forma muitas vezes nem conhecemos, mas que como filhos e irmãos em Cristo, devemos estar juntos e unidos para que a graça seja alcançada. A oração, porém, tem que ser feita com Fé, Serenidade, Humildade e tem que ser exercitada. A oração tem uma parte dela que é a união espiritual, mas é o agir conforme oramos que nos traz os resultados. A oração vem do coração. E o coração precisa estar cheio de Deus, cheio do Espírito Santo, para que possa produzir algo de bom. (Apêndice. Resposta 5).

Esse testemunho confirma a característica marcante da espiritualidade da R.C.C., a relação íntima e pessoal com Deus pela infusão do Espírito.

Os hinos da R.C.C. também vão nessa linha. São cânticos que invocam a vinda do Espírito Santo, que rendem graças pelos seus dons, que expressam a felicidade da vida íntima com Deus e com os irmãos.

Citamos apenas três exemplos entre tantos que constam do site da R.C.C..

1. Vem Espírito Santo de Deus

Ô ôh ô vem espírito santo de deus,
Vem espírito santo de deus
Preciso em seus dons me identificar
Ô ôh ô vem espírito santo de deus,
Vem espírito santo de deus
Pois quero a serviço me colocar

Eu sei que deus não escolhe os capacitados
Mas sim prepara e capacita os escolhidos

Vinde pra me capacitar porque preciso
Nas mãos de Deus ser instrumento de serviço

Vem espírito santo de deus,
Vem espírito santo de deus
Preciso em seus dons me identificar
Ô ôh ô vem espírito santo de deus,
Vem espírito santo de deus
Pois quero a serviço me colocar

Me dê ciência, inteligência e conselho
Peço também sabedoria e piedade
Na fortaleza quero me armar em Cristo
E no temor a Deus deixar-te conduzir-me!

Vem espírito santo de deus,
Vem espírito santo de deus
Preciso em seus dons me identificar
Ô ôh ô vem espírito santo de deus,
Vem espírito santo de deus
Pois quero a serviço me colocar

Vou adorar, vou te escutar em oração
Vou persistir e transformar meu coração para seu
agrado!

Nessa letra do hino está explícita a maior força do louvor dos sujeitos da R.C.C., a identificação com o Espírito, a capacitação para o serviço, a invocação dos dons.

Eis o segundo hino:

2. Renova-me, perdoa-me.

Renova-me Senhor, ouve esta prece,
Restaura o meu coração.
Transforma-me conforme a Tua palavra e enche-me do
Teu amor, quero ficar perto de Ti
Então, perdoa-me Senhor, perdoa-me.

Pelos lugares onde andei,
Felicidade não encontrei,
Sei que segui um rumo incerto, mas agora eu voltei,
Quero estar sempre ao Teu lado.

Da maneira que Te agrada.
Nesta hora e neste lugar venho a Ti para pedir,
Perdoa-me Senhor, perdoa-me.

Renova-me, restaura-me,
Transforma-me, enche-me.
Perdoa-me Senhor.

Neste canto, o sujeito carismático expressa seu arrependimento pela vida passada, infeliz, incerta, e suplica perdão e restauração.

Eis o terceiro hino:

3. Dia de Celebrar

Hoje é dia de celebrar
é a festa do senhor.
Toda igreja unida reza,

canta em seu louvor
Bom é poder estar juntos em oração
Jesus também se faz presente
no vinho e no pão
Hó hó hó vem hó santo espírito
sobre este lugar
Hó hó hó vem hó santo espírito
vem iluminar
Com teu poder
vem nos transformar
Vem neste lugar.

Percebe-se que é um hino em dia festivo, para a celebração eucarística, que manifesta a alegria do estar juntos em oração invocando o Santo Espírito¹¹⁸.

Nessas manifestações devocionais, orações e cânticos, aparece claramente a diferença com a espiritualidade das CEBs, cuja tônica é sempre o engajamento com os pobres e com a luta pela libertação social. Somente a guisa de exemplo trazemos um dos hinos mais cantados pelas CEBs, composto pela Professora Nelly da Silva Barros que, segundo Silva Junior, “tornou-se conhecido nacionalmente através da interpretação do Padre Zezinho e persiste na memória e no imaginário dos fiéis até hoje.

¹¹⁸ Estes e outros cantos podem ser encontrados no site letras.musica.br/renovação-carismática. Acesso em 19/11/2013.

Fala do povo de Deus buscando na narrativa bíblica do Êxodo, a metáfora necessária para a práxis libertadora¹¹⁹.

Eis a letra do hino:

O Povo de Deus

O povo de Deus no deserto andava
mas a sua frente alguém caminhava
O povo de Deus era rico de nada
só tinha esperança e o pó da estrada

Também sou teu povo Senhor
estou nessa estrada
Somente a Tua graça
me basta e mais nada

O povo de Deus também vacilava
às vezes custava a crer no amor
O povo de Deus chorando rezava
pedia perdão e recomeçava

Também sou Teu povo Senhor
estou nessa estrada
Perdoa se às vezes
não creio em mais nada

O povo de Deus também teve fome
e Tu me mandaste o pão lá do céu
O povo de Deus cantado deu graças
Provou Teu amor
Teu amor que não passa

Também sou povo Senhor
estou nessa estrada
Tu és alimento na longa jornada.

O povo de Deus ao longe avistou
a terra querida que o amor preparou.
O povo de Deus corria e cantava
e nos seus louvores o poder proclamava

Também sou teu povo senhor
e estou nesta estrada

¹¹⁹ SILVA JUNIOR, Alfredo Moreira da. *Aggiornamento ou Fumaça de Satanás*: interpretações sobre o Concílio Vaticano II no catolicismo brasileiro. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP, 2013, p. 125.

cada dia mais perto
da terra esperada.

Finalizando este tópico da oração carismática interessa o que dizem as *Orientações Pastorais* da CNBB, que se preocupa em que “os cantos e os gestos sejam adequados ao momento celebrativo e de acordo com os critérios exigidos para a celebração litúrgica” e recomenda que sejam seguidas as normas do Documento nº 43 da CNBB sobre a *Animação da Vida litúrgica no Brasil* e que sejam valorizados os Hinários Litúrgicos publicados pela CNBB, os *Livros de Cantos das Igrejas Particulares* e outros *Hinários* difundidos entre o povo”. (*Orientações Pastorais*, nº 42)

As *Orientações Pastorais* da CNBB também revelam preocupação com uma espiritualidade puramente intimista sem relação com os grandes desafios da sociedade. Por isso, o Documento faz questão de enfatizar que “a evangélica opção pelos pobres é um dom do Espírito Santo à Igreja, que é também concedido, como carisma especial, a alguns grupos de cristãos leigos, e a certas famílias religiosas e a muitos fiéis” (*Orientações Pastorais*, nº 51).

Parece aqui implícita a referência às CEBS e o desejo de que não haja conflito ou separação entre a espiritualidade da RCC e a vivência das CEBS.

CONCLUSÃO

Para finalizar esta pesquisa, cumpre fazer um balanço retrospectivo do trabalho realizado nos capítulos, tendo presente o objeto proposto, as indagações, a hipótese, os objetivos ou resultados concretos que pretendemos alcançar. A tese gira em torno do sujeito da R.C.C. nos tempos atuais, considerados pós-modernos, para alguns autores, ou hipermodernos para outros, ou enfim, simplesmente modernos, para aqueles que afirmam vivermos ainda na modernidade, eis que seu projeto, ancorado no Iluminismo, nas luzes da razão, ainda não se esgotou (Habermas).

Foi, portanto, necessário estabelecer as balizas desse sujeito, seu nascimento e sua constituição, seu trânsito de indivíduo para autor e criador da sua vida.

Superando a visão teocêntrica medieval, a modernidade proclamou a independência do sujeito, do humano, que se torna centro cada vez mais livre e senhor do seu destino, ao libertar-se das amarras que vinculavam a razão à fé e à autoridade religiosa, detentora do poder espiritual e político. Fincando suas raízes na Europa colonialista e colonizadora, foi caminhando na certeza de ser o centro do mundo.

Essa firmeza teve seus abalos políticos pelas guerras de independência e, mais profundamente, pelo surgimento de um poder universal, ora visível, ora invisível, o mercado, tão prepotente, que Hahn, ao pesquisar a questão do sujeito na obra de Alain Touraine, lançou esta dúvida que aflige o homem contemporâneo: “afinal, quem decide? quem escolhe? a razão ou o mercado? uma razão individual ou uma razão coletiva? “Eu” ou o “Outro”?

Por isso, com a preocupação de chegar aos sujeitos da R.C.C., foi preciso estabelecer, seguindo o pensamento de Touraine, a passagem do indivíduo, ainda imerso na unidade particular onde se misturam vida, pensamento, experiência, consciência, para o sujeito, onde aflora o “Eu”, que controla a realidade adquirindo sentido pessoal, agora constituído em ator, que se insere

nas relações sociais transformando-as, que modifica o ambiente material e, sobretudo, social, no qual está colocado. Modifica as relações de trabalho, as formas de decisão, as relações de dominação, as orientações culturais.

Este é o ideal de sujeito proposto por Touraine, que fala a partir do primeiro mundo europeu; um sujeito capaz de romper o determinismo social e as ideologias totalizantes. Mas, o olhar do Terceiro Mundo, do mundo periférico, questiona essa visão ideal de sujeito em sociedades onde imperam as desigualdades gritantes e a marginalização de milhões de seres humanos, onde a crítica à racionalidade instrumental do pensamento moderno europeu não vigora, pois, nesse mundo de miséria, há uma forte propensão para uma compreensão divina do mundo, um apelo sobrenatural para a solução dos problemas sociais, portanto, para um mundo pré-secular, no qual os despossuídos se desresponsabilizam por suas ações e decisões e se entregam à vontade de uma divindade que tudo provê, prevê e observa para recompensar ou punir.

Daí a questão que surge dessas primeiras análises. Os sujeitos da R.C.C. seriam os atores na visão de Touraine, ou mais se aproximam de uma visão em que impera o individualismo religioso, pela entrega total das responsabilidades sociais ao poder divino?

Avançando a reflexão no primeiro capítulo, chegamos ao pós-moderno Lyotard que propõe, na “condição pós-moderna”, o fim das grandes narrativas. Os sujeitos carismáticos católicos estariam proclamando o fim de uma narrativa católica tradicional, pré-pentecostal, e propondo uma nova narrativa pós-tradicional? Ou são pragmáticos sujeitos de uma espiritualidade renovada, de leigos que não se preocupam com questões dogmáticas que poderiam envolver a ortodoxia da Igreja?

Deixando de lado o dilema pós-modernidade “sim ou não”, cuja discussão mereceria um longo trabalho, ficou bem visível que a sociedade do hiper-consumo produz um “rosto” diferente que faz do homem contemporâneo um sujeito efêmero, volúvel, desenraizado. Seria este o “rosto” do sujeito carismático católico ou iria ele na contramão dessas características?

A reflexão prosseguiu em direção à hipermodernidade, teoria que admite a persistência da modernidade, porém, nos tempos atuais, elevada à sua exacerbação. E o hiper da modernidade tem sua raiz na estreita vinculação, já prevista por Jameson, entre cultura e mercado. Assistimos ao surgimento de uma hipercultura universal que acompanha a hiper-expansão do mercado em todos os recantos da terra. Uma “cultura – mundo” que desconhece fronteiras, cultura mercantil universalizada, que vai destronando as antigas ideologias, as forças sociais, o poder das religiões, esvaziando o papel do ensino e do arcabouço escolar, enfim, das antigas instituições produtoras de sentido, entre elas o catolicismo tradicional. Esses sistemas, redefinem-se adotando muitas vezes a lógica mercadológica, para sobreviver: concorrência, competição, eficiência.

Mas ao lado desta mercantilização, uma nova força vem surgindo no campo religioso, uma nova dinâmica espiritual concomitante ao processo avassalador do mercado. Há uma reativação das formas de espiritualidade à medida que a mercantilização global avança. Acontece a proliferação dos novos movimentos religiosos. No campo protestante, cresce o pentecostalismo; religiões orientais penetram no Ocidente; o budismo se revitaliza e o islamismo se expande; pululam as novas formas *new age*; no campo católico, a R.C.C. é cada vez mais vigorosa.

A reflexão teórica vem buscando uma explicação para essa reativação do sagrado. Tratar-se-á propriamente de um retorno, do divino esquecido ou marginalizado em uma pós-secularização? As características notadas nos sujeitos da R.C.C. a enquadram no amplo movimento universal de recomposição do religioso que constitui uma resposta à hipercultura mercantilizada que, ao lado das benesses e prazeres materiais, vem aprofundando a angústia, a desorientação, o desvanecimento das grandes utopias ou das grandes narrativas, a dispersão dos laços sociais. Neste universo incerto, caótico, sem referências coletivas estruturantes, os sujeitos vão em busca de unidade e sentido, de segurança emocional, reconforto, ancoragem, calor comunitário. Daí a proliferação das múltiplas formas de religiosidade, entre elas a R.C.C. que despontou do próprio contexto pós ou hipermoderno.

Não se trata de um “retorno” do sagrado ou de uma pós-secularização, pois nunca houve uma completa dessecularização ou desencantamento da sociedade pelo menos se nos ativermos ao contexto brasileiro.

A R.C.C. e os seus sujeitos, em certo sentido, vão na contramão da sociedade mercantilizada. Constituem uma reação a ela. Uma busca de uma nova espiritualidade, importada do pentecostalismo protestante para dentro da tradicional religiosidade católica, que se esquecera dos carismas e da presença vital do Espírito Santo.

Na busca de respostas ao universo desestruturado, os sujeitos da R.C.C. renascem dentro de uma nova estrutura laica, mediante um novo batismo no Espírito, que vai na contramão da “liquefação” das instituições e da sociedade como um todo. Em vez da fragilidade, a segurança; em vez da flexibilidade, a disciplina, em vez da ausência de formato, a estruturação dos carismas nos Grupos de Oração; uma sustentação moral e uma firmeza de conduta num mundo disperso e desorientado.

Mas isso tem um preço. Se compararmos a Igreja e seu poder como uma esfera “pública”, os sujeitos da R.C.C. se comportam como uma “esfera privada” de libertação individual. Não rompem os laços com a esfera “pública” mas avançam com características de autonomia, apesar da presença de sacerdotes no Movimento. Autonomia na prática dos carismas, na liturgia, nos cantos, nas orações, a tal ponto de preocuparem a “esfera pública”, isto é, o poder hierárquico que emana as *Orientações Pastorais* sobre a R.C.C..

Ao lado da liberdade ou libertação adquirida pelos sujeitos, no interior do Movimento, no qual agem como *atores*, acontece um reverso desta característica quando se pensa na inserção deles no social. A entrega completa ao Espírito os transforma em plenos “consumidores” dos bens espirituais, dos dons e das graças que os libertam das incertezas e dão sentido à vida mas os colocam num oásis de felicidade, até de plena felicidade, num mundo repleto de misérias e injustiças que clamam por transformação.

Modernos e até pós-modernos na presença e no uso da mídia, eles correm o risco de não perceber que estão imersos no espetáculo e na

“espetacularização” da vida. Encantados com a beleza dos hinos, dos cânticos e das manifestações, podem se tornar sujeitos “hiper-reais”, nos quais a realidade nua e crua desaparece e a religião se torna um simulacro festivo.

Mas não há negar-se que, na esfera da religiosidade intimista e das relações pessoais com Deus, pela mediação do Espírito, eles vivem um fervor profundo, uma euforia mística que não se viam e não se vê nas celebrações politizadas das CEBs.

No afã de conquistar as “almas” afastadas para que voltem ao seio da comunidade católica, há também o risco do exclusivismo, ao apresentarem a comunidade carismática como “o lugar dos dons”, o “lugar onde Deus está”, onde o “milagre acontece”, o “lugar de gente feliz”, uma comunidade de resultados concretos à imagem e semelhança da eficiência ou desempenho exigido pelo mercado, semelhante também a uma certa “concorrência mercadológica” pelos bens religiosos.

Os sujeitos da R.C.C., como vimos no último capítulo, têm características marcantes que os distinguem no seio da Igreja coletiva. São pentecostais mas não são protestantes; são pessoas que “reorientam” a própria vida; são sujeitos re-encantados e até ofuscados pela luz do Espírito, mas não são mágicos; são “pré-éticos”, no sentido de adotarem os princípios mais tradicionais da Igreja Católica, se considerarmos “pós-éticas” as tendências mais liberais com relação ao aborto, a liberdade sexual, eutanásia, anticoncepcionais, que aparecem no âmbito do catolicismo.

As características pós-modernas das igrejas eletrônicas que fazem uso intenso da mídia radiofônica, televisiva; da mídia escrita, da constante presença na Internet; as celebrações espetaculares, que constituem os “shows da fé”, a pertença a uma Igreja *In Concert*, transformam os sujeitos da R.C.C. em permanentes protagonistas e espectadores de um grandioso espetáculo.

Mas não é essa a principal característica que os distinguem. É a intensa, assídua vivência dos carismas que se realiza nas celebrações e nos Grupos de Oração onde praticam os dons ordinários e os extraordinários de que são agraciados pela infusão do Espírito Santo.

Fato interessante, e até paradoxal, é que na R.C.C. os carismas não levam àquela consequência prevista por Max Weber relativa aos sujeitos carismáticos: a desagregação, a ruptura. Permanecem fieis e unidos ao corpo eclesial católico, submissos à hierarquia, aos dogmas e à moral da Igreja, o que evita se transformarem em uma nova “congregação cristã”, ao lado de tantas outras denominações evangélicas.

A oração constante leva-os a viver numa comunidade ou Grupos de Oração, de frequência semanal, que constitui o rosto e a memória de Pentecostes e onde assumem a responsabilidade de transformar a cultura, criando na Igreja e no mundo uma cultura de Pentecostes.

Nas diversas formas de oração, pessoal e comunitária, de caráter marcadamente intimista, pedem proteção, revestem-se contra todos os perigos e se armam no “combate decisivo” que se trava entre a carne e o espírito. Suplicam também a “libertação” do pecado, das práticas perigosas à fé, das amarras hereditárias, enfim, do mal e do maligno, sempre presente como algo a ser repellido e vencido na vida do carismático católico. Pedem também constantemente a intercessão do Espírito Santo, da Virgem Maria e dos Santos nas mais variadas formas de oração.

O louvor também é constante no canto dos hinos da R.C.C.. Nesses cantos, os sujeitos invocam a vinda do Espírito Santo, rendem graças por seus dons e expressam a felicidade e a alegria pela vida íntima com Deus e com os irmãos, pela graça da “renovação” de suas vidas.

Assim, seguem eles os passos para a “profunda libertação pessoal” proposta pelo citado manual de *Orações Seleccionadas* que levam à vida de arrependimento, de reconciliação, de louvor, de oração profunda, de perseverança e vigilância.

Em síntese, parece que ao longo das páginas desta tese, em especial no último capítulo, traçamos um pormenorizado retrato dos sujeitos da R.C.C. na realidade atual.

Um sujeito, sem dúvida, criativo no espaço de liberdade que lhe dá o aparato do Movimento no qual ele milita, em especial nas formas individuais de

vivenciar os carismas, nas manifestações litúrgicas, na criatividade dos modos de orar, cantar e realizar grandes espetáculos midiáticos. Ao mesmo tempo um sujeito atrelado à visão tradicional dogmática e moral da Igreja Católica e totalmente submisso à mão do Espírito e da vontade divina.

A sua liberdade no Espírito poderia enquadrá-lo numa visão pós-moderna religiosa. Mas trata-se de uma liberdade nos limites. Ancorado em certezas absolutas, e, firme nas suas convicções, ele supera a condição efêmera, descartável, transitória do sujeito pós-moderno. Rompe com a mercantilização da “cultura-mundo”, mas não escapa da concorrência e da eficiência na disputa para arrebanhar os desviados e na oferta do “melhor bem religioso”. Vive profundamente uma nova espiritualidade, a dos carismas, de tal forma que pode ser chamado de pós-católico se por católico entendermos uma Igreja pré-carismática.

Feliz, por ter se reencontrado no encontro com o Espírito divino, não vê nenhum caminho de reencontro com os grandes desafios que afligem o mundo contemporâneo, as misérias e as injustiças a não ser pela convocação ou pelo chamado a todos a se converterem ao redil católico, às suas verdades e aos seus mandamentos e orientações morais.

Enfim, parece-nos confirmada, ao longo dos capítulos, a hipótese que guiou nossa pesquisa. Os sujeitos da R.C.C. vivenciam profundamente a “infusão” do Espírito Santo. Abraçam uma teologia cujo ponto culminante é a noção do “senhorio de Jesus Cristo por meio do Espírito”. Esse “senhorio” possibilita-lhes libertar-se do pecado e levar uma vida de santidade, praticando as virtudes e os preceitos tradicionais da Igreja Católica. Vivendo na condição pós-moderna, ou também chamada hipermoderna, que preza a cultura do consumo e os prazeres terrenos, e ao mesmo tempo causa angústia, fragmentação, desorientação, o sujeito carismático católico conquista uma felicidade individual que lhe proporciona unidade, segurança emocional, reconforto, encorajamento e calor comunitário. Busca e adquire uma religiosidade intimista, voltada para a vida familiar, para o fervor na oração individual e comunitária e no louvor ritual. E se transforma num apóstolo à conquista das “almas” desviadas visando trazê-las de volta ao redil católico. As questões sociais e de ordem coletiva, os reclamos da

justiça num mundo de gritantes injustiças dão lugar às preocupações de ordem individual. Ao mesmo tempo são reforçados os discursos moralizantes e conservadores na esfera dos costumes. Um sujeito que lê a realidade atual pelas lentes do catolicismo tradicional e, ao mesmo tempo, participa e vive uma ação “missionária” visando recuperar as “almas” afastadas da Igreja. Daí lançar mão de um recurso largamente empregado pelo pentecostalismo dos Evangélicos, a saber, as várias formas de “missão” midiática.

E, por tudo isso, amplos segmentos da Igreja católica, no Brasil e no mundo, agradecem e os apoiam e aplaudem, pois tem, nos sujeitos desse Movimento, uma grande alavanca para recompor o rebanho que, nos últimos tempos, vive uma profunda crise demográfica.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro. Zahar, 1999.
- ANTONIAZZI, A. et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis. Vozes, 1994.
- ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. *O reencantamento do mundo? Interpelando os intérpretes do desencantamento do mundo*. Anais do III Encontro Nacional do GT História das religiões e das Religiosidades – ANPUH – Questões técnico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. In: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR), Vol. III, nº 9, Jan/2011.
- BARRENTO, João. *A espiral vertiginosa*. Lisboa. Cotovia, 2001.
- BARROSO, Adriane de Freitas. Pela responsabilização subjetiva na modernidade líquida: novos arranjos no espaço público. In: *Psicol. Argum.* 2011 out./dez., 29(67), 469-478.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro. Zahar, 2000.
- _____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2007.
- _____. A dessecularização do mundo: uma visão global. In: *Religião & Sociedade*, 21 (1), abr., Rio de Janeiro, Iser.
- BENEDETTI, Luiz Roberto. Novos rumos do catolicismo. In: CARRANZA, Brenda/MARIZ, Cecília/CAMURÇA, Marcelo. (Org.) *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida. Ideias e Letras, 2009.
- BERGER, P. L. 1985. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo. Paulinas, 1985.
- CÂNDIDO, Antonio. *Os parceiros do rio Bonito*. São Paulo. Duas Cidades, 1972.
- CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade estadual de Campinas, 1998.

CARRANZA, Brenda/MARIZ, Cecília/CAMURÇA, Marcelo (Org.). *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida. Ideias e Letras, 2009.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis. Vozes, 2006.

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - Orientações pastorais sobre a RCC – Doc. 53 - http://www.cnbb.org.br/documento_geral/LIVRO%2053-.pdf

CRESPI, Franco. *A experiência religiosa na pós-modernidade*. Bauru. EDUSC, 1999.

DERRIDA, Jacques/VATTIMO, Gianni. *A religião*. São Paulo. Estação Liberdade, 2000.

DUBY, Georges. Heresias e Sociedades na Europa Pré-Industrial: séculos XI-XVIII. In: *Idade Média – Idade dos Homens*. São Paulo. Companhia das Letras, 1990. p.177.

FALBEL, Nachman. *Heresias medievais*. São Paulo. Perspectiva, 1976. 1ª Edição – reimpressão

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo. Studio Nobel, 1995.

FINKE, R./STARK, R. *The churching of America - 1776-1990: Winners and losers in our religion economy*. New Brunswick, NJ. Rutgers University Press. 1992.

_____. Religious economies and sacred canopies: Religious mobilizations in American Cities, 1906. In: *American Sociological Review* nº 53, 1988. Pp 41-49.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro. Rocco, 1992.

GABRIEL, Eduardo. A expansão internacional do catolicismo brasileiro. In: *Análise Social*, volume XLIV (1.º), 2009. Pp. 189-207.

GIDDENS, Anthony. *Para além da Esquerda e da Direita*. São Paulo. UNESP, 1996.

GUERRA, Lemuel Dourado. *Mercado religioso no Brasil - competição, demanda e dinâmica da esfera da religião*. João Pessoa. Ideia, 2003.

_____. As influências da lógica mercadológica sobre as recentes transformações na Igreja Católica. In: *Revista de Estudos da Religião*, nº 2, 2003. Pp. 01-28.

HAHN, Noli Bernardo. A questão do sujeito e o sujeito em Alain Touraine. In: *Revista Direitos Culturais – Volume 3*, nº 4. Junho de 2008. Pp. 177-187.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro. Imago, 1991.

JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo - a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo. Ática, 1996.

_____. Pós-modernidade e sociedade de consumo. In: *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, nº12, jun/85. Pp. 16-26.

JURKEVIES, Vera Irene. Renovação Carismática Católica: reencantamento do mundo. In: *História – Questões & Debates*, Curitiba, n. 40, 2004. Editora UFPR. Pp. 121-134.

KEHL, Maria Rita. Visibilidade e espetáculo. In: *Anais Tercer Encuentro Latinoamericano de los Estados Generales del Psicoanálisis*, 2002.

KRAUTSTOFL, Elena. *La Communitas Carismática en el Umbral del Tercer Milenio*. Trabalho apresentado durante as VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo, 22 a 25 de setembro de 1998.

KODO, Louis L. *Blefe: o gozo pós-moderno*. São Paulo. Zouk, 2001.

LIBÂNIO, J. B. *Cenários da Igreja*. São Paulo. Loyola, 1999.

LIPOVÉTSKY, G. *A sociedade da decepção*. São Paulo. Manole, 2006

LIPOVÉTSKY, G./SERROY, Jean. *A cultura-mundo*. São Paulo. Companhia das Letras, 2011.

LOPES, Rodrigo de Macedo/SILVA, Camila Ferreira. *Sujeito, educação e reencantamento do mundo: desdobramentos do pensamento filosófico-sociológico de Alain Touraine*. In: *Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação de Alagoas*. UFAL, 12 a 15 de setembro de 2011.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno..* Rio de Janeiro. José Olympio Editora, 1988 – 3ª Edição.

_____. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro. Ed. José Olympio, 1993. 4ª Edição. p. XVI.

MAFFESOLI, M. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro. Record, 2001.

_____. Comunidade de destino. In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, ano 12, nº 25, jan./jun. 2006.

MARIZ, Cecília Loreto. A Renovação Carismática Católica No Brasil: uma revisão da bibliografia. In: RODRIGUES, Donizete (org.). *Em Nome de Deus - a religião na sociedade contemporânea*. Porto. Edições Afrontamento, 2004.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna – entre secularização e dessecularização*. São Paulo. Paulinas, 1995.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo. Paulinas, 1984.

MENDONÇA, A. G./VELASQUES FILHO, P. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo. Loyola, 1990.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os errantes do novo século*. São Paulo. Duas Cidades, 1974.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Intervenção. In: MOREIRA, Alberto/ZICMAN, Renéé (Orgs.). *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis. Vozes/USF/FAN, 1994. Pp. 130-135.

_____. Nem “jardim encantado”, nem “clubes dos intelectuais desencantados”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – volume 20, nº 59 – out 2005. Pp. 23-59.

NERI, Marcelo Côrtes/MELO, Luísa Carvalhares Coutinho de. Novo Mapa das Religiões. In: *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, nº. 23, out./dez. 2011. Pp. p. 637-673.

PATRIOTH, Karla Regina M. P. “Um show destinado às massas: uma reflexão sobre o entretenimento religioso na esfera mediática” In *Revista Tomo*, São Cristóvão, SE n. 14 – Jan. – Junho 2009: ser. Ufs. Br/index.php/ tomo/article/view/503/419. Acesso em 05/11/2013.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber – Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – volume 13, nº 37 – jun 1998.

_____. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo. Editora 34, 2003.

Portal Carismático. Com. Br. Acesso em 18 de novembro de 2013).

Site: www.recbrasil.org.br/interna.php? P. 41. Acesso em 20 de novembro de 2013

PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito*. São Paulo. EDUSP, 1997.

São Paulo, Hucitec, 1996.

PROENÇA FILHO, Domício. *Pós-modernismo e literatura*. São Paulo. Ática, 1988.

QUADRADO, Adriano D. Pós Modernidade: que tempos são estes? In: *Caligrama*- revista de Estudos e pesquisas em Linguagem e Mídia – volume 2, nº 3 – setembro a dezembro de 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo. Dominus/Edusp, 1965.:

_____. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. Petrópolis. Vozes, 1973.

QUEIROZ José J. . Deus e crenças religiosas no discurso filosófico pós-moderno. *Linguagem e religião. Rever. Revista de Estudos da Religião* 2.2/ 2006 p. 4.

QUEIROZ José J. A religião e o sagrado nas encruzilhadas da pós-modernidade. In: QUEIROZ, José J. (Org.) *Interfaces do sagrado em véspera de milênio*. São Paulo. CRE/Olho d'água, 1996.

_____. *A Ética na cultura pós-secular: retorno aos fundamentos perdidos?* Abertura do III Simpósio Luso-brasileiro de Filosofia da Religião e Ciências da Religião: “Ética e Religião na Sociedade e Cultura Pós-Secular”. Faculdade de Filosofia de Braga – U. C. P, 28 – 30 de junho de 2012.

RAJOBAC, Raimundo/ROMANI, Simone, Jean-François Lyotard e a condição pós-moderna: perspectivas para os fundamentos da educação. In: *Signos*, ano 32, nº 1, 2011 – Pp. 09 – 17.

REIS, Reinalda Delgado dos. Orações Seleccionadas, Ed. Loyola, 6ª edição, s.d.

RODRIGUES, Luis Estevinha. Acerca da deslegitimação pós-moderna do conhecimento. In: *Sapere Aude* – Belo Horizonte, volume 3 – nº 5 – 1º semestre de 2012. Pp. 161-175.

ROSSI, P^e. Marcelo. *Kairós*. São Paulo. Editora Globo, 2013.

----- *Agapé*. São Paulo. Editora Globo, várias edições.

SANCHIS, Pierre. A profecia desmentida. In: *Folha de S. Paulo*, 20/4/1997, caderno *Mais!*, Pp. 5/8.

SCALDAFERRO, Maikon Chaider Silva. Modernidade e pós-modernidade – Considerações habermasianas. In: *Revista Urutágua – Revista Acadêmica Multidisciplinar* – Nº 18 – mai./jun./jul./ago. 2009.

SECURATO, Sílvia Bruno. *A Renovação Carismática Católica nas ondas do Pentecostalismo* – A Posição da Hierarquia Católica e reação do Movimento: acolhida, conflitos, tensões e perspectivas, 02/06/2003.

SILVA, Maria Salete da. Democracia e sujeito: uma relação indissociável na obra de Alain Touraine. In: *Emancipação*, Ponta Grossa 8(2): 21-24, 2008.

SILVA JÚNIOR, Nilson. Igreja líquida: uma leitura da Igreja moderna através do Neopentecostalismo. In: *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura* - Ano VII, nº 34. Pp. 61-77. Disponível em:

<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2011/04/02Igreja.pdf>. Acesso em 03/02/2013.

SOFIATI, Flávio Munhoz. Elementos sócio-históricos da Renovação Carismática Católica. In: *Estudos de Religião* – volume 23 – nº 37, Jul/Dez, 2009.

SOUZA, André Ricardo de. A renovação Popularizadora Católica. In: *Revista Estudos da Religião- nº4, 2001. Pp 46-60*

SOUZA, Marcos Eliezer da Silva. Contradição básica da Renovação Carismática Católica: continuidade ou ruptura? In: *Revista Científica da UFPA* – Edição nº 01, março de 2001.

STARK, R./IANNACCONE, L. R. A Supply-Side Interpretation of the 'Secularization' of Europe. In: *Journal for The Scientific Study of Religion*, nº 33, 1994. Pp. 230- 252.

STORNI, Maria Otilia Telles/Liliane de F. L. Estima. A religião como produto de consumo: reflexões. In: *CAOS – Revista de Ciências Sociais* – nº 15, março de 2010. Pp. 15 – 28.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: *Revista USP*, São Paulo, nº 67, setembro/novembro 2005.

TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis. Vozes, 1995. 2ª edição.

VALLE, Edênio. A Renovação Carismática Católica. Algumas observações. In: *Revista Estudos Avançados – Dossiê Religiões no Brasil*. Volume 18, nº 52, 2004. Pp. 97-107. p. 100.

VELHO, Otávio. Globalização: antropologia e religião. In: *Mana* 3(1):133-154, 1997

VERONESE, Marília V./LACERDA, Luiz Felipe B. O sujeito e o indivíduo na perspectiva de Alain Touraine. In: *Sociedade e Cultura*, volume 14, nº. 2, jul./dez. 2011. Goiânia. Pp. 419-426.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília. Ed. UnB, 1991.

Sites: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - Orientações pastorais sobre a RCC –Doc. 53 - http://www.cnbb.org.br/documento_geral/LIVRO%2053-.pdf

PATRIOTH, Karla Regina M. P. “Um show destinado às massas: uma reflexão sobre o entretenimento religioso na esfera mediática” In *Revista Tomo*, São Cristóvão, SE n. 14 – Jan. – Junho 2009: ser. Ufs. Br/index.php/ tomo/article/view File/503/419. Acesso em 05/11/2013.

Portal Carismático. Com. Br. Acesso em 18 de novembro de 2013).

Site: www.recbrasil.org.br/interna.php? P. 41. Acesso em 20 de novembro de 2013

SILVA JÚNIOR, Nilson. Igreja líquida: uma leitura da Igreja moderna através do Neopentecostalismo. In: *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura* - Ano VII, n. 34. Pp. 61-77. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2011/04/02Igreja.pdf>. Acesso em 03/02/2013.

APÊNDICE

TESTEMUNHO DE JAIR

Jairo (pseudônimo), 55 anos, de classe média, participa do Grupo de Oração de uma comunidade da RCC, coordena o Ministério de Comunicação do Grupo, participa também do Ministério das Famílias, do Ministério de Música (e Louvor) e do Ministério de Pregação. Informações prestadas em marco de 2013

Resposta 1.Qual a razão da sua opção pelo movimento?

Num primeiro momento, o que me levou foi o Louvor Carismático. Gosto muito de música e de poder louvar ao Senhor da forma que se louva no Grupo de Oração, o que me fez sentir algo novo no coração. Depois, vivenciando mais a Renovação, vemos que a espiritualidade (viver de forma intensa a união do Espírito Santo), receber e renovar este Batismo no Espírito Santo, receber dons e vivenciar os carismas, vivenciar mais a evangelização através da palavra de Deus, entre outros, é o que nos motiva e nos faz viver a Renovação Carismática Católica.

Resposta 2.Ocupa cargo de liderança ou alguma função no grupo? Se já ocupou anteriormente citar.

Hoje, estou como Coordenador do Ministério de Comunicação do grupo, que engloba o serviço de acolhida. Participo junto com a esposa do Ministério das Famílias, principalmente nas visitas de consagração e nas missões e também participo do Ministério de Música, no Louvor. Também no Ministério de Pregação, sou pregador da palavra de Deus. Já estive como Coordenador do Grupo em 2010.

Resposta 3.O que entende por carismas?

Carismas são dons e graças dados pelo Espírito Santo. São manifestações do Espírito Santo, dadas a quem se abre ao Espírito, recebendo o seu batismo. São diversos os dons, o mesmo Espírito que o distribui, porém Ele o distribui conforme

quer. Necessário, porém, que eu tenha o desejo, a aspiração aos dons espirituais.

Resposta 4. Qual o papel dos carismas em sua vida?

O dom das línguas permite abertura aos demais dons e me permite falar na língua dos anjos e ter uma comunicação mais direta com Deus. Interpretá-los faz com que a palavra de Deus seja proferida e anunciada entre seu povo, assim como a Profecia. Mas o principal dom, é o do Amor. Conhecer o Amor de Deus e poder praticá-lo na verdade é que faz toda a diferença na nossa vida. Eu tenho que praticar os dons recebidos e esta prática tem me feito um homem muito melhor perante a vida e perante Deus. Mudei muito e ainda tenho muito a mudar.

Resposta 5. Qual o papel da Oração?

A oração é o canal direto de comunicação com Deus. Através da oração, atingimos o coração de Deus e clamamos por sua misericórdia, por seu amor, pelo derramamento das bênçãos, das graças, dos prodígios, dos milagres e dos sinais. Através da oração, intercedemos pela vida, pela saúde, por tudo, de alguém que de alguma forma muitas vezes nem conhecemos, mas que como filhos e irmãos em Cristo, devemos estar juntos e unidos para que a graça seja alcançada. A oração, porém, tem que ser feita com Fé, Serenidade, Humildade e tem que ser exercitada. A oração tem uma parte dela que é a união espiritual, mas é o agir conforme oramos, que nos traz os resultados. A oração vem do coração. E o coração precisa estar cheio de Deus, cheio do Espírito Santo, para que possa produzir algo de bom.

Resposta 6. O que você pensa do mundo de hoje em relação ao consumismo, valores, família, religião e a igreja?

As pessoas no mundo tem se afastado de Deus. Os valores cristãos estão totalmente invertidos. Ser correto, ser honesto, falar a verdade, orar, são coisas que o inimigo através de várias formas tem tentado minar em nossas vidas. A família tem sido muito atacada. Tudo hoje é normal. Drogas, normal, sexo, normal, de qualquer jeito. O relacionamento deixou de ser algo entre um homem e uma mulher e passa no mundo a ser banalizado valendo tudo. As pessoas esquecem que precisamos acima de tudo ser, mas ao invés disto, as pessoas

preferem ter. E ter a qualquer custo. O consumismo nos leva a isto. Então se para ter preciso, enganar, mentir, roubar, etc..., as pessoas o fazem sem medidas das suas consequências. Hoje quando pensamos no conforto dos nossos filhos e damos a eles um quarto separado, com tudo que têm direito, internet, TV, etc..., acabamos na verdade constituindo as FAMI-ILHAS, ou seja, cada um dentro da sua casa, vivendo em seu mundinho particular. O resultado, temos visto e tem sido uma catástrofe.

Resposta 7.Qual a responsabilidade e a ação dos agentes da RCC diante dos problemas atuais?

Temos um papel e uma missão muito importante na RCC, que é a de sermos Apóstolos da Efusão do Espírito Santo. Não podemos deixar que o Espírito Santo caia no esquecimento, como já aconteceu na vida da Igreja. A RCC é nova, um pouco mais de 40 anos, e a presença e a ação do Espírito Santo em tudo que vivemos e fazemos são constitutivos da vida carismática. O Espírito que procede do Pai e do testemunho do Filho, é a alma da Igreja e, portanto, da RCC. Precisamos retornar ao Espírito Santo para que o Espírito Santo retorne a nós, assim dizia a beata Elena Guerra. A vida nova que nos foi dado em Cristo, por sua morte e ressurreição e que estamos vivendo mais uma vez nesta quaresma, só pode ser vivida segundo o Espírito de Deus. O local na Igreja para vivenciarmos este Espírito Santo de forma profunda e recebermos o batismo no Espírito Santo é o Grupo de Oração. Outra forma é a de propor a prática das virtudes, como elemento fundamental para semearmos no mundo a Cultura de Pentecostes, como assim dizia Rogério Soares, Presidente do Conselho Estadual de SP da RCC. Precisamos fazer com que as pessoas conheçam o grupo de oração e possam vivenciá-lo de maneira mais efetiva e intensa. Utilizando-se dos meios de comunicação existentes e possíveis a cada um e a cada grupo, temos o papel de divulgá-lo e difundi-lo. Temos que fazer com que as pessoas possam ter esta experiência com o Espírito Santo. Na carta aberta que nosso Presidente Estadual dirigiu este ano para toda a RCC, sugeriu que as virtudes teológicas, fé, esperança e caridade, pudessem ser mais lidas e refletidas, assim como as virtudes humanas, entre elas, prudência, justiça, fortaleza e temperança. Estamos num tempo de urgência de santidade em nosso tempo. Precisamos ser testemunhas da Cultura de Pentecostes.

Resposta 8. Como vocês participantes da RCC estão enfrentando os problemas atuais?

Em nosso grupo de oração, temos procurado atender ao chamado da RCC de todo o Brasil. Temos procurado ser em nosso grupo de oração, estes apóstolos da efusão do Espírito Santo. Cada coordenação do grupo tem sido orientada neste propósito de vivermos segundo o Espírito de Deus. Durante a intercessão, temos deixado que nossos ouvidos estejam abertos para ouvir a palavra de Deus. Ouvindo-a, em contato estreito com a coordenação de pregação e música, temos que levar os participantes do grupo, a ouvir a palavra e a louvar cada vez mais sobre aquilo que Deus tem nos dado como graça. Temos procurado fazer com que os participantes do nosso grupo vivam intensamente na presença do Espírito Santo. Temos, junto ao Informativo da Comunidade, utilizado do espaço que conquistamos, todo mês, para falar sobre um assunto relacionado ao grupo e a RCC, e sempre convidando-os a viver o grupo conosco. Toda última segunda feira do mês temos uma missa do amor celebrada por nosso pároco, onde fazemos com que as pessoas possam viver um pouco mais o amor entre as pessoas. São recolhidos alimentos não perecíveis para as entidades carentes, são abençoados os objetos, água, óleo, sal. São comemorados os aniversariantes do mês, etc.. Temos anualmente participado das misses de visitas às casas tanto das pessoas que frequentam o grupo, como também das pessoas da nossa paróquia que desejam receber o nosso grupo de oração, para uma consagração dos lares, para um momento de oração, etc... Temos feito com que as pessoas possam entender a importância da vida em comunidade, da ação de ajuda inclusive através da rede de oração que mantemos pela internet. E isto também tem ocorrido em outros grupos de oração. Formações como Seminário de Vida no Espírito Santo, Retiros de primeira Experiência, Cerco de Jericó, entre tanto outros, nos ajudam também a viver um pouco mais esta missão a nós confiada.

Resposta 9. O que é viver feliz no mundo de hoje?

Servir a Cristo e a Igreja, dentro dos seus princípios. Ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião. Louvar e agradecer ao Senhor em todo momento, bons e ruins. Viver em comunidade e em oração. Participar das Santas Missas e receber a comunhão. Amar, respeitar, Viver a família na sua mais completa tradição.

Família que ama, que ora, que vive os preceitos da Igreja e que tem muito TEMOR A DEUS. Viver feliz é também pode ler e partilhar a palavra de Deus. Deus nos criou para sermos felizes e para que houvesse muita graça e paz, conforme todas as cartas de Paulo. Muito diferente do que muitos têm vivido no mundo de hoje, infelizmente.

Resposta 10. Você tem na memória o sujeito que você era antes de entrar na RCC, o que você mudou, mudou para melhor?

Como tenho! Eu sempre fui uma pessoa de bom coração sempre gostei de ajudar. Porém não tinha Deus no meu coração de maneira mais completa e efetiva como tenho hoje. Digo que eu era um católico light (de baixas calorias espirituais) e também turista

(ou seja, de vez em quando ia à igreja). Hoje, ir à Santa Missa é acima de uma obrigação, um desejo e uma vontade enorme. A Eucaristia, a Palavra, a Vida em comunidade me faz falta. Sempre achei que podia fazer tudo, com os meus conhecimentos, com a minha experiência, eu julguei que nem precisava de Deus, tanto que mal o procurava. Antes do ano de 2000, não lia a palavra de Deus. Hoje não inicio o meu trabalho sem ao menos ler o evangelho do dia. Ao levantar, convido o Espírito Santo para juntos vivermos aquele dia. E é tão simples dizer:- Bom Dia Espírito Santo, o que vamos fazer juntos hoje, e deixar que o Espírito Santo possa dirigir verdadeiramente o meu dia. Antes de tomar alguma decisão, oro, pedindo a Deus e ao Espírito Santo que nos auxilie e nos dê a direção. Oro a Nossa Senhora, pedindo sempre a sua intercessão. Tenho vivido de maneira mais verdadeira a minha família e sempre que temos algum problema, nos reunimos e nos sentamos à mesa para resolver qualquer situação. Com a minha volta à Igreja, iniciando-se pelo ECC (Encontro de Casais com Cristo) no mesmo ano de 2000, tive o meu verdadeiro encontro com Deus, que me fez ver que deste mundo nada levamos a não ser aquilo que de bom fizemos. Através do Grupo de Oração, fizemos muitas atividades para jovens. EJE- Encontro de Jovens na Escola, onde vivemos um dia intenso de atividades na escola, falando sobre os problemas que eles vivem no dia a dia, droga, álcool, sexo, família e terminávamos o encontro no dia seguinte, domingo, na santa missa. Eventos como Cristo Acústico e Santa Music Fest, que levaram milhares de jovens a louvar a Deus e a serem felizes, sem que houvesse uma gota de álcool no

evento. Num deles, reunimos 10.000 jovens. Hoje, na Igreja, participo mais efetivamente, além do grupo de oração, como Ministro da Eucaristia, junto com minha esposa. Juntos também somos palestrantes no ECC, tanto na palestra de oração, quanto na palestra de Nossa Senhora. Minha esposa foi evangélica durante 32 anos e hoje é uma grande devota de Nossa Senhora e em especial Nossa Senhora das Graças. Tenho participado na liturgia das santas missas, como leitor da Palavra. Tenho também na RCC sido pregador da palavra de Deus. No ECC também, estamos eu e minha esposa, como Coordenadores de Círculo entre os casais. Enfim, vivemos hoje uma vida intensa na Igreja e tudo isto, graças ao convite que Deus me fez e eu aceitei recebê-lo verdadeiramente na minha vida e no meu coração. Os problemas continuaram, o mundo continua nos sufocando, mas em Deus, temos suportado todas as coisas e temos sido mais que vencedores.

Testemunho que se Eu não tivesse aceitado o convite de Deus na minha vida, com todos os problemas que passei e ainda tenho passado com certeza eu provavelmente nem estaria aqui para este testemunho. Deus tem realizado maravilhas na minha vida e eu também tenho me entregue verdadeiramente à sua obra.

Nós fazemos muitas coisas, mas se estamos envolvidos ainda em muitas atividades, é porque ainda a Messe é grande e os operários são poucos.